



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

AMANAYARA RAQUEL DE SOUSA FERREIRA

**CONSTRUÇÕES DE DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS  
SOBRE A FELICIDADE: O CASO DOCENTE EM POMBAL-PB (1983 - 2018)**

CAJAZEIRAS – PB  
2019

AMANAYARA RAQUEL DE SOUSA FERREIRA

**CONSTRUÇÕES DE DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS  
SOBRE A FELICIDADE: O CASO DOCENTE EM POMBAL-PB (1983 - 2018)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Professor Doutor Laércio Teodoro da Silva

CAJAZEIRAS-PB  
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

F383c Ferreira, Amanayara Raquel de Sousa .  
Construções de discursos e representações contemporâneas sobre a  
felicidade: o caso docente em Pombal-PB (1983-2018) / Amanayara  
Raquel de Sousa Ferreira. - Cajazeiras, 2019.  
120f.: il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Laércio Teodoro da Silva.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Docentes. 2. Felicidade. 3. Professores - sensibilidades. 4.  
Professores - representação. 5. Professores - discurso. I. Silva, Laércio  
Teodoro da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37-051

AMANAYARA RAQUEL DE SOUSA FERREIRA

**CONSTRUÇÕES DE DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS  
SOBRE A FELICIDADE: O CASO DOCENTE EM POMBAL-PB (1983 - 2018)**

Aprovada em 05 de dezembro 2019

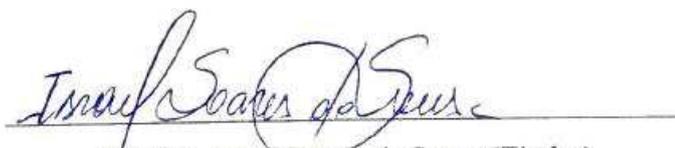
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Laércio Teodoro da Silva (Orientador)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup>. Katiana Alencar Bernardo (Titular)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (Titular)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Lucinete Fortunato (Suplente)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

CAJAZEIRAS-PB  
2019

A minha mãe, Regilene, e as pessoas de sensibilidade singular que ajudaram a construir a minha trajetória como mulher, professora e historiadora.

## AGRADECIMENTOS

Durante a nossa trajetória de formação construímos para além das parcerias profissionais, relações de afeto e de companheirismo. Por isso, faço agradecimentos que levam em conta não só as contribuições acadêmicas e os conhecimentos adquiridos, mas também a sensibilidade e a empatia de quem esteve presente de alguma forma na minha história de formação, que não foi apenas formação profissional, considero como formação de ser humano e mulher, o que devo grandemente às experiências vividas na universidade e no curso de História.

Eu agradeço especialmente a minha mãe, Regilene Maria: mulher forte, mãe estupenda. O amor e a maneira dessa mulher lidar com a vida foram o que mais do que nunca me fez ter forças para trilhar toda essa caminhada da vida acadêmica e social na condição de mulher. E nesse sentido, agradeço ao feminismo e às suas teóricas, bem como às mulheres que o colocam em prática cotidianamente, mais do que tudo, vocês me ensinaram a entender-me em luta constante contra uma sociedade patriarcal e misógina.

Agradeço ao meu pai Geraldo Ferreira, aos meus irmãos André Cássio e Aaron Caio, e aos demais familiares que de alguma forma me ajudaram e me apoiaram durante minha trajetória como professora e pesquisadora, dando o respeito necessário ao meu curso e a minha escolha profissional. Ainda na dimensão familiar, agradeço ao meu companheiro de vida Cezar Santos, que me incentivou, apoiou e me ajudou das formas que pôde para me manter bem, principalmente durante o processo da escrita do texto. O seu afeto é mais que essencial para todos os aspectos da minha vida.

Agradeço aos meus amigos que significaram uma base de sustentação, sentimento e companheirismo na trajetória da graduação. Estiveram presentes nos momentos mais difíceis e também nos mais gratificantes, toda a minha amizade e carinho a vocês: Joedna Rodrigues, Sirineu Alves, Samuel Monteiro e Amanda Rodrigues. Para além de uma amizade, mas uma conexão intensa e bonita, deixo os meus agradecimentos a Thiago Farias por ter me ensinado História, Ciência e afetos. Sem suas contribuições a realização dessa pesquisa não teria sido possível. Obrigada por tudo!

Agradeço imensamente ao meu orientador Laércio Teodoro da Silva pela prontidão, pela empatia e sensibilidade próprias de sua personalidade. O admiro como professor, historiador e pessoa. Muito obrigada pelas transformações que fizeram desse trabalho mais crítico e ao mesmo tempo mais sensível.

Sou grata ao Professor Valter Ferreira Rodrigues, o qual me orientou por boa parte do curso e me proporcionou oportunidades únicas: da primeira vez ao cinema à participação de eventos que foram fundamentais para a minha formação. Continuo agradecendo a professores que estiveram em diversos momentos da minha vida, os quais acreditaram em mim e deixaram suas melhores marcas: Isamarc Gonçalves Lôbo; Maria Lucinete Fortunado; Ana Rita Uhle; Viviane G. de Ceballos, Silvana Vieira; Rodrigo Ceballos; Francisco F. S. Neto; Geraldo Venceslau; Aurineide Francisca; Luizinho Barbosa; Gilvam Oliveira; Wan Wales; Mailson Matos; Albertino Lourenço; Francisco Vieira; Almair Moraes; Alzenira Trigueiro; Rosinha Barbosa.

Aos professores e professoras que aceitaram participar como depoentes na nossa pesquisa mesmo em meio a tantos empecilhos. Obrigada pelas falas e pelos ensinamentos!

Obrigada, especialmente, aos docentes que constituem a minha banca de defesa do TCC: Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Katiana Alencar Bernardo; Prof. Dr. Israel Soares de Sousa; e Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lucinete Fortunato.

Ao GEPEFE pelas reflexões filosóficas proporcionadas!

Ao PIBID, subprojeto de História (CAPES), coordenado por Rosemere Olímpio de Santana, e posteriormente por Ana Uhle e Israel Soares. Foi um ano e sete meses de muito aprendizado fora e dentro de sala de aula.

A Residência Universitária Feminina por possibilitar a minha estadia em Cajazeiras-PB e conseqüentemente, poder comparecer aos afazeres do curso com mais tranquilidade.

Aos funcionários do CFP!

Como primeira pessoa da família materna e paterna a ingressar em uma universidade pública e se graduar, agradeço a Lula, a Dilma e a Haddad pelos projetos que deram esperanças e possibilidades aos filhos de agricultores e auxiliares de serviços gerais, como eu, a entrar nas universidades e poderem realizar o tão almejado sonho da formatura.

Obrigada!

*“É frase comum que a ignorância é uma bênção, no sentido de que produz pouca consciência dos problemas. Mas há que se ressaltar sempre: a pessoa que não toma consciência de problemas também não está inteira das soluções e da felicidade. Assim, a ignorância pode evitar infelicidade, mas não garante a felicidade”.*

(KARNAL; BARROS FILHO, 2016, p.80)

## RESUMO

Muitas maneiras de pensar a felicidade emergem no tempo contemporâneo, sejam com o senso comum, sejam por meio das disciplinas acadêmico-científicas, e, ainda, sejam mediante experiências de grupos específicos. Esses pensamentos se expressam por meio de discursos que possuem constituições diversas e constroem representações também diversas. A nossa pesquisa gira em torno da problemática de como se dão esses discursos e de como se constroem essas representações tomando um caso em especial, o de docentes da cidade de Pombal-PB. Analisamos as falas desses docentes sobre a felicidade para problematizarmos os discursos e as representações contidos, atentando para o espaço temporal em que tais profissionais exerceram e exercem suas experiências como sujeitos históricos e educacionais: da década de 1980 ao ano de 2018. Utilizamos a metodologia da História Oral para realizar entrevistas com os docentes e as consideramos como as fontes principais do estudo. Contamos também com contribuição fundamental de textos bibliográficos, como livros, artigos, teses e dissertações, e também documentos oficiais, tais como a “PEC da Felicidade” (19/2010) e a Declaração de Independência dos EUA (de 4 de julho de 1776). A perspectiva historiográfica adotada é pautada na História Cultural, especialmente na História das Sensibilidades, áreas que nos possibilitou o embasamento teórico para uma análise histórica dos sentimentos enquanto questões problematizáveis a partir de seus contextos históricos e sociais. Dessa forma, tomamos as propostas de Roger Chartier (1990) para compreendermos o conceito de “representação” e a História Cultural como campo que abarca essa problemática; Sandra Jatahy Pesavento (2007) para pensarmos as sensibilidades como perspectiva analítica e os sentimentos como problemas históricos; e Michel Pêcheux (2010) com o entendimento de discurso e da análise da produção do mesmo.

**Palavras chave:** Felicidade; Docentes; Sensibilidades; Representação, Discurso.

## ABSTRACT

Many ways to think about happiness emerged in the contemporary times, whether with the common sense or the academic disciplines, and also through experiences of specific groups. These thoughts are expressed through discourses that have diverse constitutions and build different representations. This research revolves around the problematic about how these discourses take place and how these representations are built taking a particular case. That of the teachers from the city of Pombal-PB. This paper analyzes statements of these teachers about happiness to problematize the discourses and representations, paying attention to the temporal space in which these professionals exercised and still exercise as historical and educational beings: from the 1980s to the year 2018. We used an oral history methodology to conduct interviews with teachers and used their discourse as the main sources of the study. We also have a fundamental contribution of bibliographic texts, such as books, articles, theses and dissertations, as well as official documents such as the "PEC of Happiness" (19/2010) and the U.S. Declaration of Independence (July 4, 1776). The historiographic perspective adopted is based on Cultural History, especially in the History of Sensitivities, areas that enabled us to analyse theoretically and historically the feelings considering their historical and social contexts. In conclusion, we take the proposals of Roger Chartier (1990) to understand the concept of "representation" and Cultural History that encompasses this problem; Sandra Jatahy Pesavento (2007) to think of Sensitivities in an analytical perspective and feelings as historical problems; and Michel Pêcheux (2010) with the understanding of discourse and analysis of the production of it.

**Keywords:** Happiness. Lecturer. Sensitivities. Representation. Discourse.

## LISTA DE FIGURAS

<p><b>Figura 1:</b> rosto sorridente/<i>Smiley</i>.....</p> <p>Fonte: MCMAHON, 2006, p. 484.</p>	<p><b>p. 15.</b></p>
<p><b>Figura 2:</b> Fachada da Escola “João da Mata”, Pombal-PB.....</p> <p>Fonte: Disponível em: <a href="https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/15989747640">https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/15989747640</a>. Acesso em: 17/10/2019.</p>	<p><b>p. 52.</b></p>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Quantidade de trabalhos sobre “Felicidade” na História, Filosofia, Sociologia, Educação e Psicologia.....	<b>p.24.</b>
Fonte: a própria autora (2019).	

## LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CFP	Centro de Formação de Professores.
CCJ	Comissão de Constituição e Justiça do Senado.
EUA	Estados Unidos da América.
FAFIC	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras.
FIP	Faculdades Integradas de Patos.
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
PEC	Proposta de Emenda Constitucional.
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande.
UFPB	Universidade Federal da Paraíba.
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas.

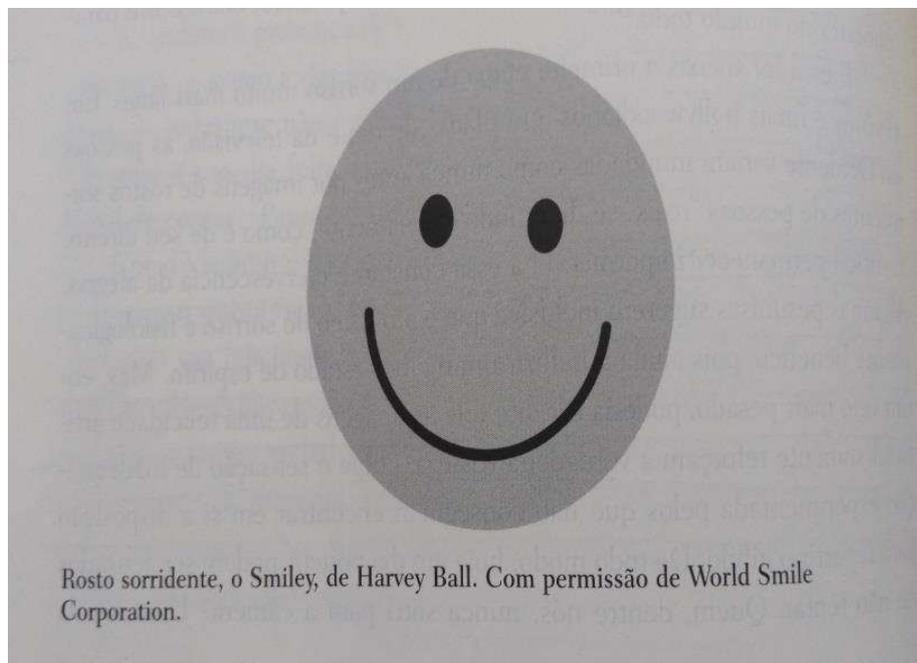
## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO:</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>22</b>
<b>1 – A FELICIDADE COMO OBJETO HISTORIOGRÁFICO.</b> .....	<b>22</b>
<b>1.1 A pesquisa acadêmico-científica sobre a Felicidade.</b> .....	<b>23</b>
<b>1.2 O tema da Felicidade na historiografia.</b> .....	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>36</b>
<b>2 – A FELICIDADE HOJE: REFLEXÕES.</b> .....	<b>36</b>
<b>2.1 Felicidade e Consumo.</b> .....	<b>36</b>
<b>2.2 Felicidade e Política.</b> .....	<b>40</b>
<b>2.3 Felicidade e Trabalho.</b> .....	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>47</b>
<b>3 – AS REPRESENTAÇÕES DOCENTES SOBRE A FELICIDADE EM POMBAL-PB.</b> .....	<b>47</b>
<b>3.1 O cenário e os atores de uma história da felicidade docente em Pombal-PB.</b> .....	<b>51</b>
<b>3.2 Falas de experiências e representações de felicidade docente.</b> .....	<b>55</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS:</b> .....	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS:</b> .....	<b>69</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>74</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>116</b>

## INTRODUÇÃO:

A criação de uma das primeiras representações de um rosto sorridente, ou mesmo podemos dizer, do sentimento de felicidade da época que historiograficamente definimos como contemporaneidade, remete ao *Smiley*, desenho do publicitário Harvey R. Ball, criado no ano 1963, em Massachusetts, nos Estados Unidos da América. O intuito da produção de tal símbolo esteve relacionado à necessidade de acalmar trabalhadores de uma empresa estadunidense, que passava por transformações em seus negócios. No entanto, o rosto sorridente não ficou circunscrito a esses trabalhadores e logo se espalhou, sendo reproduzido em vários materiais e chegando ao alcance de milhões de pessoas (MCMAHON, 2006, p. 484). De fato, as representações do sentimento de felicidade na contemporaneidade se multiplicaram de diversas formas, e, atualmente, utilizamos nossas próprias faces para passarmos a imagem de contentamento, divertimento e alegria por meio de fotos e *selfies* produzidas diariamente e publicadas na *internet*, principalmente nas redes sociais.

Figura 1: rosto sorridente/*Smiley*.



Fonte: MCMAHON, 2006, p. 484.

As representações, as imagens, os símbolos e os significados sobre a felicidade são elaborados por meio do que nós, como seres históricos, vivenciamos e do que consideramos

como experiência em cada lugar e momento sociocultural e histórico. Os pensamentos sobre tal sentimento e sensibilidade humana são múltiplos e se diferenciam a cada época e a cada contexto de coletivos e sujeitos. Em nossa época, temos em vista uma felicidade que passa pela ótica e lógica do capitalismo, na qual somos conduzidos a pensar na mesma como sinônimo de realização pessoal, e, sobretudo, realização profissional. Esse tipo de realização perpassa a busca de inserção na sociedade por meio de um trabalho que possibilite o capital, este servindo para a propiciação dos bens de consumo, alimentando a busca cada vez mais assídua pelo conforto e pelo se “sentir bem” por ter o poder da compra e, assim, possuir os diversos produtos oferecidos pela indústria, de modo geral. Nessa perspectiva, problematizamos se a ideia de felicidade na contemporaneidade consiste na realização profissional, tomando a docência como caso específico, pensando como os profissionais da educação constroem suas representações acerca do tema.

O caminho trilhado para chegarmos a tal problemática esteve ligado ao próprio percurso de graduação, no qual, como pesquisadores iniciantes, nos colocamos a perceber as presenças e as ausências de determinados temas no campo de estudos que nos inserimos e na sociedade em que vivemos. Quanto ao tema da felicidade, percebemos grande presença nos meios de vivência, sendo como indagação, como dúvida ou como objetivo a ser alcançado, ao tempo que na pesquisa no campo da História não notamos interesse assíduo nesse tipo de discussão. O próximo passo seria a definição dos sujeitos a serem estudados, e a ideia de trabalhar com os docentes se fez fundamental por vários motivos: o lugar de uma pesquisadora graduanda em licenciatura; a imagem de negatividade construída por meio da insatisfação com a carga horária exaustiva e os baixos salários atribuídos à profissão docente no nosso País; a atuação cada vez mais forte de doenças da ordem da saúde mental relacionadas à exaustão consequente da profissão, como a Síndrome de *Burnout*; e o momento complicado que passa a nossa Educação, caracterizado por transformações que extinguem disciplinas importantes do currículo, principalmente na área das Ciências Humanas, e que fragilizam o campo educacional com ataques simbólicos e cortes financeiros.

A nossa pesquisa volta-se às representações sobre a felicidade docente na cidade de Pombal-PB, entre os anos de 1983 e 2018. Os sujeitos e a cidade se justificam e se relacionam de forma singular à medida que muitos dos docentes pombalenses não só vivenciam, mas também escrevem sobre a própria cidade e sobre suas experiências subjetivas e educativas, seja por meio de pesquisas científicas, ou por meio de memórias e da literatura. Livros como “Escola Estadual Arruda Câmara: Marco Histórico na Educação Pombalense” (2005), de Luiz Barbosa Neto; e como o de Francisco Vieira, “Pombal em Retalhos: crônicas e contos” (2013), dentre

outros, são exemplos de como há uma preocupação por parte dos professores em escrever e publicar sobre as mais variadas questões da sua cidade e do seu espaço de vivência em diversas épocas, assim perpassando suas ideias sobre temas que podem ser considerados pertencentes aos âmbitos educacionais, políticos, sociais e culturais.

As décadas de 1980 e 1990 são destaques para a pesquisa devido serem as temporalidades alcançadas pelas fontes utilizadas, principalmente as entrevistas produzidas. Os docentes entrevistados mais antigos possuem experiência nessas décadas no âmbito educacional e histórico. É importante ressaltar que essas décadas também correspondem a momentos de transformações educacionais contundentes, tendo em vista o cenário político-ideológico que sofria mudanças e, assim, influenciava nas outras áreas. O fim de uma Ditadura Militar (1964-1985) e o processo de redemocratização do Brasil, deixaram suas marcas também no campo educacional e, conseqüentemente, na docência. Novas teorias de ensino foram sendo discutidas e novas práticas implantadas, e, com isso, exigiu-se também outros posicionamentos dos profissionais da educação. O docente autoritário e centro do ensino-aprendizagem, gradativamente, passou a representar uma postura inadequada em sala de aula, gerando conseqüências para tais profissionais que, até hoje, são sentidas e evidenciadas por relatos de professores que vivenciaram esse momento e que lecionaram a até pouco tempo.

Os anos de 2000 que abarcamos se fazem relevantes por ser a época em que se fez e se faz a experiência dos docentes mais jovens, que também estão inseridos em nossa pesquisa para tentar possibilitar a percepção das diferenças e permanências no contexto da docência e das representações da felicidade para esses grupos de profissionais. O ano de 1983 foi definido como marco temporal inicial abarcado pela pesquisa por ter sido o ano em que o docente com mais experiência no magistério começou a sua carreira, e o ano de 2018 foi escolhido como encerramento pelo processo de realização das entrevistas ter terminado em tal ano.

Para compreender e utilizar os conceitos colocados, fizemos um diálogo teórico entre História das Sensibilidades e História Cultural. Baseamo-nos, principalmente, nas reflexões de Sandra Jatahy Pesavento em “Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades” (2003) e em “Sensibilidades: escrita e leitura da alma” (2007), e Alain Corbin, na entrevista “O prazer do historiador” (2005), com as discussões acerca das sensibilidades na História para conceituar e inserir a temática da pesquisa em uma perspectiva historiográfica. Para o embasamento teórico-metodológico do trabalho, também dialogamos com Roger Chartier a partir da sua obra “A História Cultural: entre práticas e representações” (1990), com a discussão do conceito de “representação”, o qual é central para a nossa pesquisa.

Segundo Sandra Pesavento (2003), “As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade por meio dos sentidos, das emoções, da esfera da vida afetiva” (2003, p.130). As sensibilidades podem ser tipos de construções representativas elaboradas socialmente através da significação que as pessoas atribuem aos sentimentos, sentidos e sensações. E apesar do sensível ter um caráter essencialmente subjetivo e individual, não significa que é menos sociável e historicizável, à medida que é compartilhado pelas pessoas de um determinado meio social e momento histórico (PESAVENTO, 2007).

O campo do sensível tratando de “... operações imaginárias de sentido e representação do mundo...” (PESAVENTO, 2007, p.14), também nos ajudou em outras reflexões acerca dos cuidados teórico metodológicos com o trabalho historiográfico, como a questão da alteridade, tendo em vista a compreensão de que estamos tratando de sentidos e sentimentos que se inserem em outra época ou que não estão em conformidade com as nossas concepções particulares. Portanto, trabalhar com o sensível também nos propõe uma reconfiguração de nossos conceitos históricos, bem como nos propõe uma nova maneira de olhar para atingir tais percepções.

Assim,

Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou. O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, nos permitem ir além da lacuna, do vazio, do silêncio (PESAVENTO, 2007, p. 21).

Nessa perspectiva, chegamos às contribuições da História Cultural, visto que, além do empréstimo tomado de conceitos dessa corrente historiográfica, como o de “representação”, também existe uma marcada conexão entre as sensibilidades e o campo cultural. A historiadora Pesavento nos mostra essa relação afirmando que “[...] as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado...” (PESAVENTO, 2007, p. 13). Assim, a relação entre as sensibilidades e a História Cultural se estabelece à medida que o campo cultural trabalha com as representações do mundo social, desejando também perceber e analisar as formas de sentir e os sentidos que os homens, ao longo do tempo, elaboraram e relacionaram com a realidade.

Ainda no campo da História Cultural, discutimos, com Roger Chartier (1990), o conceito de “representação” e nos apropriamos do termo para significar a forma como o concebemos e utilizamos nesta pesquisa. Assim, o conceito de representação aqui discutido diz

respeito à epistemologia da realidade e, nesse sentido, as representações seriam elaborações, construções pensadas historicamente sobre determinadas realidades sociais. As representações sociais se dotam de um caráter não neutro, em que, segundo Chartier, “[...] embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Mais claramente, as representações sociais podem ser interpretadas como construções que dão sentido ou dão a ver e a ler uma realidade, formas de pensamentos e leituras de mundo, sendo que não possuem neutralidade, assim estando relacionadas aos interesses de quem as elaboram. E é nessa compreensão que relacionamos ao tema do trabalho, com uma análise das fontes que busca problematizar as representações percebidas sobre a felicidade como uma sensibilidade histórica e social, e não procurando a realidade pura e intrínseca ingenuamente, se despidendo de criticidade.

Esse é um ponto obrigatório quando se trata de construir conhecimento histórico baseado nas correntes historiográficas contemporâneas, a problematização e a criticidade devem estar inevitavelmente presentes no tratamento de nossos objetos, e, principalmente, na análise das representações sobre estes, possibilitando a percepção de como essas representatividades se elaboram, partindo de que lugar e de quais interesses.

A metodologia central de pesquisa se pauta na História Oral, e consiste na realização de entrevistas com os indivíduos que escolhemos como os sujeitos da pesquisa, os docentes. Segundo Verena Alberti, a História Oral,

Consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido (ALBERTI, 2008, p. 155).

Nessa perspectiva, foram feitas entrevistas gravadas com o número total de sete docentes – quatro professoras e três professores –, alguns tendo como característica fundamental a atuação docente nas décadas de 1980 e 1990, e outros são atuantes em sua profissão até os dias de hoje. Buscamos, por meio dos relatos dos professores, perceber e analisar o que significa a felicidade para os grupos pesquisados, inseridos em suas épocas específicas, considerando as influências de seus contextos históricos e sociais, bem como o espacial que, no caso, é a cidade de Pombal – PB, na elaboração do imagético de felicidade para os docentes.

Os docentes entrevistados foram escolhidos com base na imersão educacional, social e cultural de cada um, além da questão da temporalidade que viveram, vivem e atuam como professores, considerando os recortes espacial e temporal feitos para possibilitar o estudo. Para fazer jus também nesse ponto à interdisciplinaridade, os entrevistados são docentes de diferentes áreas, como a Química, a Biologia, as Letras (língua portuguesa), as Artes e a História. Ressaltando que a questão da disciplina que cada um ministra nesse caso não é um aspecto central na pesquisa, porém, é importante quanto ao conhecimento das características de quem é entrevistado.

A natureza metodológica de entrevista utilizada se define como “entrevista semidirigida” (FERREIRA; AMADO, 2006, p. 237), realizando-se um meio-termo entre as falas livres dos entrevistados e a orientação por um roteiro produzido pela pesquisadora, assim, a pessoa entrevistada tem liberdade para falar, porém, tendo uma limitação pela aplicação de um roteiro e do questionário que objetiva as questões a serem tratadas.

É também importante ressaltar o caráter temático das entrevistas, visto que não se pretendeu analisar histórias de vida biográficas, mas, sim, as histórias sobre o tema em questão, dando-se ênfase ao que os entrevistados disseram sobre a felicidade. Assim, de acordo com Verena Alberti (2008), as entrevistas foram denominadas como temáticas.

Para além dos resultados e da obtenção das fontes orais, é relevante falar também do percurso da experiência com a produção dessas fontes, o qual consistiu em um árduo trabalho marcado pelo intenso contato e convencimento dos indivíduos que aceitaram ser entrevistados, por várias marcações e remarcações de datas de encontro, por negativas que foram dadas por muitos dos docentes procurados, – por motivos também diversos, sejam de natureza profissional ou pessoal – e por decepções quanto às falas, que, por vezes, não foram espontâneas como o pesquisador sempre espera que seja, assim como, os sujeitos que entrevistamos também podem se deparar com a decepção de não ser tratado como gostaria no decorrer do fazer do trabalho. Porém, tiramos desses fatos, parte da experiência própria do trabalho com essa metodologia, entendendo que tais questões são próprias da dinâmica da História Oral.

A fonte oral nos possibilita uma relação subjetiva e, muitas vezes, até mesmo de afetividade, pois é construída pela atuação conjunta de entrevistador e entrevistado, e todo esse processo deixa marcas nas fontes resultantes. Além das fontes orais, utilizamos documentos oficiais, tais como a “PEC da Felicidade” (19/2010) e a Declaração de Independência dos EUA (de 4 de julho de 1776), textos científico-acadêmicos (teses, dissertações e artigos) e livros de base teórico-social-filosófica para identificarmos o que tem sido dito sobre a felicidade também no meio acadêmico e intelectual.

A monografia se organiza em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “*A felicidade como objeto historiográfico*”, tratamos da bibliografia científico-acadêmica sobre a felicidade na historiografia, principalmente brasileira; realizamos uma pesquisa de dados na *internet* para a verificação da quantidade disponível desses trabalhos, entre artigos, dissertações e teses, e, ainda, analisamos o teor dessas produções e suas características mais marcantes, fazendo comparação com as outras áreas do conhecimento que apresentaram também trabalhos acerca do tema e percebendo quais as contribuições das suas perspectivas temáticas e teórico-metodológicas para pensar o nosso tema e a nosso texto.

No segundo capítulo, que nomeamos como “*A felicidade hoje: reflexões*”, dissertamos acerca da felicidade na contemporaneidade. Por meio das discussões de autores como Remo Bodei e Luigi Franco Pizzolato (2000), Gilles Lipovetsky (2007), Pascal Bruckner (2002) e Max Weber (2001), discutimos as definições, as características e as correlações que a contemporaneidade associa à felicidade, as quais organizamos em três esferas: o consumo, a política e o trabalho. Pensamos as relações que essas esferas estabelecem com a felicidade, e como se constituem para refletirmos tal tema nesse dado momento histórico.

E, no terceiro capítulo, “*As representações docentes sobre a felicidade em Pombal-PB*”, analisamos as entrevistas realizadas com os docentes, orientando-nos por uma análise voltada para o discurso, considerando as questões que mais apareceram nas falas e as relações que estabeleceram com o contexto histórico e de vivência profissional desses sujeitos para a construção de suas representações sobre a felicidade. A análise de discurso sob a ótica de Michel Pêcheux (2010) nos possibilita compreender as falas dos docentes além de um simples texto, sendo “[...] necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção...” (BRASIL, 2011, p. 175). Analisamos os discursos dos professores por essa perspectiva que leva em conta o seu contexto de produção, as suas intencionalidades e o lugar de que partem para elaborarmos interpretações críticas e conscientes de que as representações perpassam pela elaboração dos próprios discursos e das memórias, os quais objetivam construções de imagens de si e para a sociedade.

É por meio dessa trajetória de pesquisa e escrita, que elaboramos a nossa versão e narrativa acerca de uma historiografia da felicidade, que, com seus alcances e limites, procurou levantar questões e reflexões sobre temas e sujeitos que, no nosso ponto de vista, necessitam cada vez mais de atenção científico-acadêmica.

## CAPÍTULO I

### 1 – A FELICIDADE COMO OBJETO HISTORIOGRÁFICO

Só o título desse livro, evidentemente, já revela minha convicção de que, apesar de Hegel e Freud, a felicidade pode ser tratada em termos históricos. Mas deixe-me atentar para o artigo indefinido. Esta é *uma* história da felicidade, não *a* história da felicidade; ela não faz reivindicação tão grandiosa. Ao contrário, escrever este livro fez com que eu tivesse a dolorosa consciência de tudo o que tive de deixar de fora. Há infinitas histórias da felicidade a serem escritas... (MCMAHON, 2006, p. 13).

Realizar a escrita de uma história da felicidade pressupõe, para nós historiadores, a elaboração de um arranjo teórico-metodológico que considere a própria possibilidade de pensar o tema em termos históricos ou, mais precisamente, historiográficos. Arranjo que também considere a necessidade das escolhas dentro de um emaranhado de problemáticas, temas e fontes que podem se apresentar, e os consequentes limites impostos pelas escolhas e delimitações. É coerente a ideia de se fazer “uma história da felicidade” e não “a história da felicidade” (MCMAHON, 2006), tendo em vista a inviabilidade de abarcar o todo de um objeto ou de uma discussão.

Uma história entre as tantas possíveis histórias é o que pretendemos fazer e demonstrar neste trabalho. O historiador dotado de certo poder de escolha, deixa suas marcas na sua narrativa através do que credita como importante para sua análise e texto historiográficos. Nas nossas análises sobre o tema da felicidade, escolhemos por valorar as contribuições e os diálogos que podem ser estabelecidos entre a oralidade, as sensibilidades, as representações, os discursos e as memórias, constituindo, assim, um arranjo de teoria e metodologia para elaborar a “nossa” história da felicidade.

Esse é um dos caminhos, não o único para escrever as histórias em geral, e as histórias da felicidade em particular, por isso é relevante que estudemos o que tem sido pensado e realizado acerca da felicidade no meio científico e, em especial, na historiografia. A compreensão da produção acadêmica sobre os nossos temas de pesquisa não só nos ajuda com o necessário diálogo com os pesquisadores da área, mas também nos faz refletir sobre o lugar que ocupa e a importância dada a determinado tema dentro dos campos de produção de conhecimento.

## 1.1 A pesquisa acadêmico-científica sobre a Felicidade

Durante um tempo considerável aplicado à preparação e feitura do projeto de pesquisa e da monografia em si, buscamos por trabalhos historiográficos que tratassem do tema da Felicidade. Não obtemos muito êxito quanto ao encontro desses possíveis trabalhos, e, conseqüentemente, notamos uma escassez desse tema no campo da História se compararmos com os outros campos de conhecimento, os quais destacamos aqui a Filosofia, a Sociologia, a Educação e a Psicologia, que apresentam grande quantidade e variedade de textos dedicados à felicidade.

Para verificarmos tal comparação, é necessário nos atermos a uma investigação na *internet*, especialmente nos bancos de dados das universidades estaduais e federais brasileiras e de outros centros de pesquisa, que armazenam trabalhos como artigos, dissertações e teses, e nos dão o suporte para realizarmos levantamentos bibliográficos sobre o que se produz acerca de diversos temas, inclusive a felicidade. Por meio da obtenção de dados com esse tipo de pesquisa, apresentamos a Tabela 1 que pode nos dar uma noção da produtividade sobre o referido tema nas áreas de conhecimento que mencionamos, e que também serve como fonte para percebermos a diferenciação na quantidade entre as mesmas e quanto aos tipos de trabalhos (artigos, dissertações, teses).

Antes, é importante expor de forma mais detalhada como realizamos essa pesquisa e obtemos tais dados. Em primeiro lugar, acessamos principalmente duas plataformas de armazenamento de textos acadêmico-científicos: a BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) para a pesquisa de dissertações e teses, e o Portal de Periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para a pesquisa de artigos acadêmicos. Em seguida, acessamos os textos através da busca nesses *sites* com palavras-chave, o que fez uma primeira filtragem. Para cada campo do conhecimento realizamos uma busca com o termo central, ou seja, “Felicidade”, mais o termo correspondente ao campo de conhecimento, “História”, “Filosofia”, “Sociologia”, “Educação” e “Psicologia”.

Organizamos os textos encontrados e disponíveis para *download* em pastas virtuais de acordo com a área e a tipologia a que pertencem, dessa forma, realizando uma segunda filtragem, analisando se os textos estavam dentro dos nossos critérios: serem do tipo artigos, dissertações ou teses; estarem conectados direta ou indiretamente com o tema da felicidade; estarem em língua portuguesa; terem sido publicados no Brasil; e estarem dentro de um dos campos de pesquisa que aqui nos interessa, a educação e algumas das ciências humanas. O nosso objetivo com essa pesquisa tratou de reunir as publicações disponíveis acerca da

felicidade inseridas nesses campos para nos inteirar da produtividade sobre o tema, e fazermos uma comparação quantitativa entre os mesmos, como expomos na tabela abaixo.

**Tabela 1:** Quantidade de trabalhos sobre “Felicidade” na História, Filosofia, Sociologia, Educação e Psicologia.

<b>Campo de conhecimento</b>	<b>Artigos</b>	<b>Dissertações</b>	<b>Teses</b>	<b>Total</b>
História	5	1	1	7
Filosofia	6	21	7	34
Sociologia	5	2	3	10
Educação	17	4	2	23
Psicologia	26	13	8	47

Fonte: a própria autora (2019).

Como podemos perceber, de acordo com os dados da tabela, o campo da História foi o que menos apresentou trabalhos sobre a felicidade, tendo uma diferença de 3 (três) trabalhos a menos comparado a Sociologia, de 16 (dezesesseis) pesquisas em relação a Educação, de 27 (vinte e sete) comparando a Filosofia e ainda uma diferença de 40 (quarenta) trabalhos quando a comparação é feita com a Psicologia. Como observamos, esta última apresenta a maior quantidade total de pesquisas sobre a Felicidade, seguida da Filosofia e consecutivamente da Educação, da Sociologia e da História. A maior parte das dissertações são filosóficas, porém, o maior número de artigos e também de teses estão no campo da Psicologia, o que nos leva a perceber um destacado interesse sobre o tema e a pensar sobre suas motivações, que podem estar relacionadas com a profusão e consolidação de linhas de pesquisa na área e também com uma possível necessidade advinda da sociedade, haja vista o modo de lidar contemporâneo com a saúde mental.

Notamos e interpretamos que a produção historiográfica no Brasil acerca da felicidade ainda é “tímida”, não tendo linhas de pesquisa consolidadas que possam abarcar esse tipo de pesquisa e reflexão histórica, mesmo com a criação de subcampos como a História das Sensibilidades ou a História das Emoções, que dão suporte às pesquisas de temas que podem ser considerados correlatos, (como o amor, a tristeza, a saudade, o medo) o prisma dos

sentimentos ainda é pouco explorado pelos historiadores (GARRAFFONI, 2007) e a felicidade, na maioria das vezes, não é pensada como objeto central nos trabalhos historiográficos e nem sempre é investigada dentro dessas perspectivas teórico-metodológicas das sensibilidades.

A seguir, nos aprofundamos nos trabalhos encontrados no campo da História e que expomos quantitativamente na tabela 1.

## 1.2 O tema da Felicidade na historiografia

Os trabalhos que consideramos como historiográficos sobre a Felicidade, e que selecionamos para essa discussão se tratam de cinco artigos acadêmicos: “Revistas Femininas e o ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964)” de Carla Bassanezi (1992); “Ética e Educação clássica: virtude e felicidade no justo meio” de Carlota Boto (2001); “A educação na Idade Média. A busca da sabedoria como caminho para a felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull (séculos X-XIII)” de Ricardo da Costa (2003); “Felicitas Romana: Felicidade Antiga e Percepções Modernas” da historiadora Renata Senna Garraffani (2007); “Um grão de sal: autenticidade, felicidade e relações de amizade na correspondência de Mário de Andrade com Carlos Drummond” de Ricardo Benzaquen de Araújo (2014). Uma dissertação: “A soma das luzes na construção da felicidade pública e a reflexão sobre o passado português: política e história na Revista IHGB (1838-1839) de Loyane Aline Pessato Ferreira (2010). E uma tese: “Receitas da felicidade e espectros de infelicidade: o código civil de 1916 e as lições de comportamento na Revista Feminina no início do século XX”, da autora Ana Carolina Eiras Coelho Soares (2009).

Nos aprofundaremos nesses trabalhos na mesma sequência em que foram apresentados, no caso, primeiramente os artigos, em seguida a dissertação e a tese. Dessa forma, o artigo da historiadora Carla Bassanezi (1992) “Revistas Femininas e o ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964)”, propõe discutir como Revistas Femininas - *Jornal das Moças* e *Cláudia* - em atividade durante os meados do século XX participavam da construção de um ideal de felicidade feminina diretamente relacionado ao casamento. Bassanezi (1992), reflete sobre o direcionamento e os objetivos dessas revistas naquela época, atentando para o público alvo que eram as mulheres e para os conteúdos veiculados, voltados para receitas de como as mulheres “poderiam” e “deveriam” buscar e manter um ideal de felicidade conjugal.

Uma das questões pertinentes no trabalho da autora e que é fundamental quando se trata de uma reflexão historiográfica, é a inserção que faz das revistas dentro daquele contexto histórico, mostrando que os posicionamentos e as concepções dos periódicos estão em conexão

com o que era sócio culturalmente aceito. Dentre essas posições e concepções estão a priorização da “família estável” e a vida feminina como pertencente ao lar, o que muito explica o que é veiculado pelas revistas, ou seja, os valores morais conservadores e as relações de gênero na modelação tradicional explícitos e implícitos em seus discursos. Os papéis de homem e de mulher são estritamente diferenciados, o homem deveria trabalhar para sustentar a família e a mulher deveria se dedicar às tarefas domésticas, aos filhos e ao marido. Como a autora coloca, “o casamento define direitos e atribuições distintas com relação aos gêneros traduzidos, frequentemente, em desigualdades e dominação do feminino pelo masculino” (BASSANEZI, 1992, p. 115).

A autora percebe que as revistas colocam como responsabilidade feminina a “felicidade do lar”, da relação conjugal e o comportamento do marido. A esposa acaba não tendo uma “felicidade própria”, mas apenas uma extensão ou consequência da felicidade do casamento e do marido. As fórmulas que as revistas veiculam para que haja a “felicidade conjugal” dizem respeito a promoção do “entendimento” entre marido e esposa, evitando-se discussões e, mais ainda, que a mulher se irrite ou se rebele contra suas condições. Cozinhar e limpar a casa são consideradas ações que interferem diretamente na satisfação do marido e, conseqüentemente, na “felicidade do lar”, e, por isso, a esposa deveria ter sempre essas atividades em dias.

Outro elemento importante colocado pelas revistas para a existência dessa felicidade é a aparência da esposa, esta não poderia se descuidar para que chamasse a atenção do marido e não corresse o risco de perdê-lo, pois, os homens poderiam se interessar por outras mulheres e as esposas não teriam o direito de fazer o mesmo, só restando para elas relevarem as aventuras extraconjugais dos maridos. As esposas também são alertadas para não criarem conflitos acerca de questões financeiras e para o dever de ajudar o marido fazendo uma boa administração dos gastos domésticos.

Além de todos esses comportamentos, as esposas ainda deveriam manter uma boa reputação, livre de comentários que manchassem sua imagem de mulher casada, fiel e honesta ao marido. A submissão da mulher é colocada como uma forma de ser uma boa companhia, não contradizendo os homens, e a boa esposa seria aquela que não discutia e não se queixava, procurando sempre agradar ao marido. A única forma de poder que seria exercida pela mulher é denominada pela autora como “jeitinho feminino”, sendo uma maneira de comportar-se para conseguir o que quer sem causar conflitos e para poupar o seu casamento. Melhor explicando:

O “jeitinho feminino” tanto contribui para manter as desigualdades nas relações homem-mulher, traduzindo uma forma de submissão feminina às normas sociais, quanto representa um poder exercido pelas mulheres, um espaço alternativo de manifestação feminina e/ou de ameaça de subversão à ordem hierárquica dos gêneros (na medida em que colabora para a dilatação dos limites impostos ao feminino) (BASSANEZI, 1992, p. 135).

Mesmo que possa ser entendido como uma certa forma de poder, o “jeitinho feminino” não deixa de mostrar que a relação de desigualdade de gênero é muito profunda e complexa e é construída e alimentada pelas condições sociais vigentes. Bassanezi (1992), conclui que as revistas exercem uma participação na “reprodução/construção do ideal de felicidade conjugal como um espaço onde são transmitidas normas e representações sociais” (BASSANEZI, 1992, p.145), e contribui com uma reflexão sobre a felicidade que nos mostra como a mesma pode ser elaborada socialmente a partir de regras de comportamento, e, por que não, também regras de pensamento.

Carla Bassanezi é professora e pesquisadora integrante do Centro de Estudos de Gênero Pagu – IFCH/UNICAMP<sup>1</sup>, o que nos leva a interpretar que as questões de gênero estão em prioridade nas suas pesquisas, também porque cita no artigo a sua dissertação de mestrado “Virando as páginas, revendo as mulheres; relações homem-mulher e revistas femininas (1945-1964)” (1992), a qual mesmo que não tenha a felicidade como centro, tem uma perspectiva temática e teórico-metodológica próximas ao que foi trabalhado no artigo, pautando-se nas discussões sobre gênero, sobre o feminino e sobre representações e construções sociais. A autora também tem como referência textos que seguem essa linha de debate, como “Morte em família; representações jurídicas de papéis sexuais” (1983), de Mariza Corrêa, *La presse “féminine”; fonction Ideologique* (1978) de Anne-Marie Dardigna, e “Amor e família no Brasil” (1989) de Maria Ângela D’Incao. Entretanto, não localizamos na lista de referências de Bassanezi (1992) autores e textos com o tema da felicidade em específico, o que deixa a entender que não se trata da reflexão central de seus estudos, de forma geral.

Passando ao segundo artigo selecionado, “Ética e Educação clássica: virtude e felicidade no justo meio”, de Carlota Boto (2001), observamos que a sua investigação se pauta nas relações entre Ética e Educação, percorrendo pelo pensamento de autores de diversos momentos históricos e se utilizando de um referencial mais teórico-filosófico e que, ao mesmo tempo, dialoga com a Educação, evidenciando-se pelo uso principal de textos como “A crise na educação”, de Hanna Arendt (1979), “Emílio ou Da educação”, de Jean-Jacques Rousseau

---

<sup>1</sup> Informações disponibilizadas pela autora em nota de rodapé em seu artigo.

(1979), “Fundamentação da metafísica dos costumes”, de Immanuel Kant (1995), “O juízo moral na criança”, de Jean Piaget (1994), e “Convite à filosofia”, de Marilena Chauí (1994). O artigo não trata do tema da felicidade de forma direta, mas o relaciona quando traz à tona as ideias sobre ética de alguns desses autores, como Aristóteles em “Ética a Nicômaco” (1987), única referência do texto de Boto (2001), que trata em especial da felicidade.

No artigo é dedicado um tópico para refletir especificamente a felicidade, o qual se intitula “A ética no justo meio: entre o dever e a felicidade”, que, com base principalmente em Victoria Camps (1995), discute se a felicidade está associada ao cumprimento das regras, dos deveres, da virtude ética, ou se não tem relação com esses elementos. De fato, o tema da felicidade é deixado um pouco de lado, pois apesar de manter relações com as discussões que a autora procura fazer, não é o foco e nem é considerado uma necessidade trata-lo para que atinja o que foi proposto no trabalho, assim sendo apenas uma discussão auxiliar.

O terceiro artigo continua na esfera de pensar a educação e sua história. O texto “A educação na Idade Média. A busca da sabedoria como caminho para a felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull (séculos X-XIII)”, de Ricardo da Costa (2003), procura discutir as percepções de felicidade desses dois filósofos, se preocupando também com o período histórico abarcado (Medieval) e as relações com a educação.

Costa (2003) define a educação na Idade Média como um meio de alcançar a Sabedoria e, como consequência, a felicidade, e com o objetivo de compreender como os medievais pensavam essa educação, analisa as concepções de Al-Farabi (c. 870-950) e as de Ramon Llull (1232-1316). Quanto ao primeiro filósofo, o texto colocado em análise foi “O caminho da Felicidade”, que, na interpretação de Costa (2003), tem o intuito de ensinar como atingir a “plenitude do belo” por meio do estudo e aponta três caminhos para a felicidade: “a ação (o ato de ouvir, o de olhar), as afeições da alma (o apetite, o prazer, o gozo, a ira, o medo, o desejo) e o discernimento por meio da mente” (COSTA, 2003, p. 103). Também existem as condições para que esses caminhos sejam trilhados, como a liberdade de escolha, praticar virtudes e as artes - Filosofia, Lógica e Gramática. Em síntese, a felicidade para Al-Farabi é alcançar a Filosofia (COSTA, 2003, p. 104).

Ramon Llull, segundo o autor, possuía uma pedagogia voltada para uma ética e moral religiosas e educar seria considerado um ato de elevação espiritual. A obra em foco do escritor é “Doutrina para Crianças”, que pode ser uma fonte sobre o ensino primário do século XIII. Costa (2003), afirma que o objetivo principal da educação pensada por Llull era o amor a Deus, e a felicidade era alcançada pela junção do estudo da filosofia e da regulação dos temperos do

homem: “[...] de acordo com a posição dos astros, dos signos do Zodíaco e dos líquidos corporais” (COSTA, 2003, p. 109).

O autor do referido artigo utiliza referências que ajudam a pensar a educação no momento histórico do medievo, como Jaques Le Goff, com “Os intelectuais na Idade Média” (1993), Miguel F. Attie Filho, “A filosofia entre os árabes – uma herança esquecida” (2002), Luiz J. Lauand, “Cultura e educação na Idade Média – textos do século V ao XIII” (1998), e B.B. Price, “Introdução ao pensamento medieval” (1996). Costa (2003) contribui tanto com a sua pesquisa, quanto com as referências para o estudo da educação e da felicidade em um período que pouco se analisa esse último objeto, e a partir de pensadores que também não são tão conhecidos e pesquisados na nossa área. Porém, se arrisca quando se expressa de uma forma um tanto generalizadora, deixando a entender que as percepções de tais pensadores acerca da felicidade e da educação se estenderiam a todo o período medieval e a todas as pessoas que nessa época viveram.

O quarto artigo, “Felicitas Romana: Felicidade Antiga e Percepções Modernas”, da historiadora Renata Senna Garraffani (2007), explora dois pontos principais: discutir alguns dos aspectos do pensamento de Hannah Arendt sobre as relações de presente e passado antigo; e pensar a felicidade entre os romanos das camadas populares através da epigrafia oriunda de Pompéia.

A reflexão central que Garraffani (2007) se apropria do pensamento de Arendt para analisar a felicidade é a maneira como ela fala sobre o mundo antigo e o relaciona com o presente, buscando nos textos antigos uma forma de questionar uma tradição de raciocínio própria dos fins do século XIX e meados do século XX, marcada pelo uso de “conceitos racistas e excludentes, ideias de superioridade e dominação muito comuns entre os estudiosos da época” (GARRAFONI, 2007, p. 16).

Baseada nesse deslocamento epistemológico realizado por Arendt, Garraffoni (2007) propõe um estudo sobre a felicidade no mundo romano e, mais especificamente, nos romanos do que considera como camadas mais populares, devido a maioria das pesquisas serem acerca das camadas elitistas daquele contexto histórico e social. As fontes utilizadas pela autora são da cultura material, a pintura popular e os grafites de parede, que são os materiais em que se expressavam as camadas populares que a interessa.

A autora detém sua atenção aos grafites das paredes de Pompéia e, assim, seleciona quatro grafites e um painel presentes nas paredes pompeianas (século I d.C.) que têm como tema a felicidade:

1. *(Grat)ae nostrae feliciter (perp)etuo rogo domna per (Venere)m Físicate rogo ni me (...)us babeto mei memoriam.* (CIL, IV, 6865) [A minha querida Grata, com felicidade eterna. Te peço, senhora minha, por Vênus Física, que você não se esqueça de mim. Me tenha sempre em teus pensamentos! ]<sup>12</sup>
2. *Si potes et non uis cur gaudia differs spemque foues et cras usque redirei ubes? (Er) go coges mori quem sine te uiuere coges. Múnus erit certe non cruciasset boni. Quod spes eripuit spes certe redd (i)t amanti.* (CIL, IV, 1837) [Se você pode e não deseja, porque adia a felicidade e acalenta a esperança, me dizendo sempre para retornar amanhã? Assim você força a morrer alguém que obriga a viver sem ti. Será um presente ao menos não me atormentar. Certamente a esperança devolve ao amante o que a própria esperança arrebatou]
3. *(H)ic sumus felices. Valiamus recte.*(CIL, IV, 8657) [Aqui somos felizes. E continuamos firmes]
4. *(H)ic (h)abitamus: felices nos dii faciant* (CIL, IV, 8670) [Aqui habitamos. Que os deuses nos façam felizes]
5. *Hic habitat felicitas* [Aqui mora a felicidade] (GARRAFFONI, 2007, p. 23-24)

A análise dessas fontes considerou os termos, o conteúdo e a interpretação dos significados. A autora observa que a felicidade é designada com o uso de variados termos, como “feliciter”, “felices” e “felicitas”, “gaudia”, indicando também diversos sentidos, os primeiros significam “felicidade”, “fertilidade”, “abundância”, e “gaudia” pode significar “alegria”, “gosto do bom presente”, “prazer interior” (GARRAFFONI, 2007, p. 24). A expressão de número cinco (5) encontra-se no painel selecionado contendo uma representação fálica, que diz respeito à busca de proteção, de fertilidade e do afastamento da má sorte.

Em nossa interpretação, o trabalho de Garraffoni (2007) se mostra de extrema importância para a historiografia sobre o mundo romano, e, principalmente, para os historiadores que se dedicam à pesquisa das sensibilidades, como a felicidade, pois, nos dá uma alternativa tanto teórica, quanto metodológica pertinente de trabalhar esse tema e nos propõe pensar acerca do mesmo em variadas fontes e sob pontos de vistas inovadores, estabelecendo uma relação interdisciplinar com a Arqueologia e fazendo-nos perceber a pluralidade das percepções de felicidade em momentos históricos longínquos, como a Antiguidade em Roma.

Renata Senna Garraffoni é professora de História Antiga do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná<sup>2</sup> e dedica suas pesquisas também à essa área de estudos, fazendo parcerias com Pedro Paulo Funari, pesquisador reconhecido na área, e que também está entre as referências mais importantes de Garraffoni (2007) sobre os estudos do mundo romano com o texto “Falos e representações sexuais: representações romanas para além da natureza” (2003). A autora também cita trabalhos seus no mesmo âmbito, como “Gladiadores na Roma

<sup>2</sup> Informações disponibilizadas pela autora em nota de rodapé seu artigo.

Antiga: dos combates às paixões cotidianas” (2005). Em termos de perspectivas teórico-metodológicas, para a sua análise e escrita historiográfica a autora se utiliza de Michel Foucault, “A escrita de si” (1992), e Hannah Arendt, “Homens em tempos sombrios” (1987). Quanto ao pensamento sobre a felicidade no contexto histórico e teórico no seu trabalho, Bodei e Pizzolato aparecem como referência principal com o texto “A política e a felicidade” (2000).

O quinto e último artigo da nossa análise, o texto “Um grão de sal: autenticidade, felicidade e relações de amizade na correspondência de Mário de Andrade com Carlos Drummond”, de Ricardo Benzaquen de Araújo (2014), não apresenta a felicidade como tema primário, mas realiza reflexões acerca do mesmo dentro do objetivo que se propõe alcançar. O objetivo do trabalho é analisar como Mário de Andrade elabora e constrói sua subjetividade na correspondência (cartas) que troca com Carlos Drummond de Andrade e, imerso nesse objetivo e nas fontes, é que estão os temas da Felicidade e da Amizade.

Tendo em vista que o nosso intuito é perceber a maneira como os trabalhos tratam a felicidade, focaremos especificamente nas reflexões feitas sobre esse tema. Araújo (2014) se detém a uma carta em especial em que o tema aparece, a carta de Mário de Andrade de 23 de agosto de 1925. Nesta carta, o sentido que o escritor atribui à Felicidade está relacionado com a ideia de que “[...] ‘ser feliz’ (...) importa antes de mais nada em ‘ser’...” (ARAÚJO, 2014, p. 178). Esse “ser” estaria sempre relacionado a algo, principalmente a humanidade, consequentemente associada à nacionalidade, uma construção que para Mário de Andrade é importante para o alcance da Felicidade.

Para Araújo (2014), o conceito de felicidade dado por Mário não dialogava com pensamentos utópicos ou de futuro e além, mas, sim, estabelecia um diálogo com a tragédia e até mesmo com a dor (ARAÚJO, 2014, p. 183). Essas questões somadas às concepções do escritor sobre amizade e a forma autêntica de como escrevia e se correspondia construiriam a sua personalidade, a sua subjetividade.

O trabalho inova quanto ao tipo de fonte analisada para perceber uma concepção de felicidade. As cartas são materiais extremamente subjetivos e muitas vezes portadores de uma sensibilidade que traz à tona intimidades que dificilmente aparecem em outros escritos. É um ponto de vista de felicidade mais individual, mas ao mesmo tempo advindo de personagens influenciadores de seu tempo em vários aspectos, como escritores e como formadores de opinião.

O referencial de Araújo (2014) se pauta, principalmente, em muitos autores que também tem como objeto de pesquisa Mário de Andrade: Lélia Coelho Frota, “Carlos e Mário: Correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-

1945” (2002); Marcos Antonio de Moraes, “Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira” (2000); Robert Wegner, “A doença nervosa de Mário de Andrade” (2012); Marcos Antonio Moraes, “Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade” (2007). Para refletir sobre o seu tipo de fonte, Araújo (2014) se inspira em Roger Chartier, “*La correspondance: les usages de la lettre au XIX e siècle*” (1991), e sobre a felicidade, a única referência é “*Felicidad en la infelicidad*” (2006), de Odo Marquard.

Com isso, passamos a falar da dissertação “A soma das luzes na construção da felicidade pública e a reflexão sobre o passado português: política e história na Revista IHGB (1838-1839)”, de Loyane Aline Pessato Ferreira (2010), que analisa fontes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do período imperial brasileiro a fim de problematizar as caracterizações controversas dos portugueses, visando principalmente, as questões políticas. Assim, a autora verifica que “[...] o papel dos portugueses é, ora uma questão delicada para ser enfrentada pelos membros do IHGB – e pela política imperial –; ora, a dádiva de uma herança importante e bem-vinda, útil a determinados interesses” (FERREIRA, 2010, p. 03).

Para a construção de uma nação independente, mas não necessariamente rebelada contra a quem antes era dependente, precisaria da elaboração de uma “harmonia” entre as memórias, entre o passado (Colônia) e o presente (Império) para a construção de uma visão da História que não atacasse os portugueses “desbravadores” e colonizadores, mas que também não os colocassem ainda como dominadores fosse perpassada para o público vivenciador dessas experiências. A felicidade pública ao qual o trabalho se refere diz respeito ao processo educativo e *esclarecedor* que o Império propunha para que os indivíduos se instruissem e se vissem como brasileiros de acordo com os ensinamentos de uma ótica da história tradicional, assim formando os construtores da nação. A felicidade não é tratada como objeto de pesquisa, mas como um resultado esperado pelos personagens - integrantes do IHGB - que analisa, e como sinônimo de uma “harmonia” política e histórica que buscavam no Império.

Ferreira (2010) adota uma perspectiva teórico-metodológica cara, principalmente aos trabalhos da História Cultural: “A História cultural: entre práticas e representações” (1990), de Roger Chartier; “A Operação Historiográfica” (1976), de Michel de Certeau; “Cientificismo e Sensibilidade Romântica. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX” (2004), de Márcia Regina Capelari Naxara; “*Les lieux des mémoires*” (1984), de Pierre Nora; “Memória da Independência: Marcos e Representações simbólicas” (1995), de Maria de Lourdes Viana Lyra; “A construção da ordem” (1996), de José Murilo de Carvalho. Por esses referenciais, percebemos que os conceitos de memória e representação norteiam a análise

historiográfica de Ferreira (2010), contribuindo com a sua forma de apropriar-se desses conceitos, aplicando de maneira crítica e contextualizada.

Por fim, examinamos a tese “Receitas da felicidade e espectros de infelicidade: o código civil de 1916 e as lições de comportamento na Revista Feminina no início do século XX”, da autora Ana Carolina Eiras Coelho Soares (2009), que busca discutir como os discursos sobre “casamento”, “família”, “pátrio poder”, “condição legal feminina” foram colocados como comportamentos socialmente aceitos ou desejáveis por homens e mulheres pela Revista Feminina e no Código Civil de 1916.

A autora faz uma análise comparativa dos dois tipos de fontes, o periódico e a fonte jurídica, percebendo semelhanças e diferenças nos discursos veiculados por tais meios. Com a análise empreendida, compreende-se que as fontes apresentam diferentes elementos quanto às regras morais das relações de gênero no início do século XX, e tais regras “[...] funcionariam como parâmetros de “receitas de felicidade” (SOARES, 2009, p.16).

Em alguns aspectos, o trabalho de Soares (2009) assemelha-se e dialoga com o texto de Carla Bassanezi (1992) que tratamos anteriormente, apesar de não analisarem as mesmas fontes e trabalharem com décadas distintas, as autoras procuram entender as receitas de felicidade que determinados discursos colocam principalmente para o público feminino, preocupando-se com a educação para a construção de um perfil de mulher e de esposa que atendessem aos padrões sociais do período histórico.

Tais padrões revelam as concepções de gênero imersos em uma ordem patriarcal que são expressos tanto na Revista Feminina, quanto no Código Civil de 1916. A respeito deste último, comenta Soares (2009): “[...] a mulher casada era considerada incapaz, devendo ter sua representação legal assessorada pelo marido” (SOARES, 2009, p.18), e ainda sobre a questão jurídica:

De uma certa maneira, as regras jurídicas dos comportamentos sociais entre os homens e as mulheres feitas no início do século XX, apesar de todas as grandes mudanças históricas vivenciadas ao longo do tempo, permanecem como uma herança de longa duração social (SOARES, 2009, p. 17).

Para além do meio jurídico, o discurso da Revista Feminina também se insere nesse padrão de pensamento acerca dos gêneros. Os seus conteúdos são voltados para uma representação de “mulher de família” a qual os assuntos que interessavam eram as questões domésticas, sendo estas responsabilidades femininas. O casamento e a família eram os outros assuntos fundamentais à mulher, cabendo a ela manter-se atraente (leia-se magra) para o

marido, e mesmo que ele cometesse infidelidades matrimoniais, não deveria notar. O periódico veiculava como receita de felicidade, a ação da “boa esposa” tornar o casamento uma boa experiência, o que seria o seu maior dever e responsabilidade (SOARES, 2009, p. 81). Enfim, o espaço da mulher seria o privado, cuidando do marido e dos filhos, e o do homem seria o público e representativo politicamente e socialmente.

Para realizar essas reflexões, os textos de Carla Bassanezi – autora trabalhada por nós anteriormente - “Revistas Femininas e o ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964)” (1992), “Virando as páginas, revendo as mulheres; relações homem-mulher e revistas femininas (1945-1964)” (1992) são imprescindíveis para Soares (2009) no sentido da análise de seu objeto e das suas fontes, tendo em vista a aproximação das pesquisas a que também já nos referimos. As escolhas teórico-metodológicas estão alinhadas com olhares sobre cultura, sensibilidades, representações, discurso, e como não poderia ser ausente, sobre gênero. Fazem parte desse quadro os textos: “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)” (1995) e “A História Cultural: entre práticas e representações” (1988), ambos de Roger Chartier, que, como pudemos ver, está presente na maioria dos trabalhos aqui analisados; “História e Sensibilidade” (2006) de Maria H. Ertzogue e Temis G. Parente; “A Escrita da História” (1982), de Michel de Certeau; “Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na Historiografia Contemporânea” (1997), de Maria I.S. de Matos; e “Para uma nova análise do discurso” (1996), de Patrick Charadeau.

Todas as pesquisas que aqui apresentamos contribuem de alguma forma para pensarmos o tema da nossa pesquisa, seja pelas questões teóricas e metodológicas, que inclusive são baseadas em muitos referenciais dos quais também utilizamos, seja pelas próprias questões temáticas, que nos mostram como a felicidade está inclusa em diversas esferas do pensamento, da cultura, da sociedade. Porém, também percebemos que a felicidade é um objeto ainda pouco explorado pelo campo historiográfico, e que muitos desses trabalhos acadêmico-científicos que tivemos acesso não trazem o tema como reflexão central, dedicando pouco espaço para análise do mesmo, não pensando e trazendo a felicidade como objeto historiográfico propriamente dito. Apesar desses textos apresentarem uma diversidade notável de perspectivas teórico-metodológicas, de fontes e também de momentos históricos estudados, é necessário que se coloque o tema em posição primária, para isso tendo que se pensar no aprimoramento e na criação de mais caminhos teóricos e metodológicos que nos permita melhor buscar esse tipo de reflexão nas múltiplas fontes e épocas históricas.

Nos dedicamos até aqui a trabalhar a produção historiográfica nacional sobre a felicidade, mas se faz necessário destacar o livro “Felicidade: uma história” (2006), do

historiador estadunidense Darrin M. McMahon, uma vasta pesquisa acerca do tema da felicidade na história ocidental. Da Antiguidade a Contemporaneidade, o historiador faz reflexões sobre como a felicidade é pensada nesses diversos momentos da história baseado em fontes que perpassam a arte, a arquitetura, a música, a teologia, a literatura, a poesia, os mitos, depoimentos de vários tipos e escrituras bíblicas, McMahon segue uma linha de uma história intelectual ou das concepções existentes sobre a felicidade. O autor foca na análise das representações do termo e do conceito “felicidade” que foram desenvolvidas ao longo do tempo no que considera como Ocidente. Assim, nos propõe pensar e utilizar muitas das suas ideias e discussões no nosso texto, visando, principalmente, as possibilidades colocadas pelo autor de como lidar com o objeto felicidade numa perspectiva histórica e historiográfica, e as questões do tempo contemporâneo que influenciam nas construções representativas sobre o tema. Tempo que nos interessa em especial pela delimitação temporal da nossa pesquisa e que refletimos com mais veemência nas próximas páginas.

## CAPÍTULO II

### 2 – A FELICIDADE HOJE: REFLEXÕES

Os conceitos e as experiências de felicidade perpassam por diversos aspectos que agem como propiciadores e influenciadores das representações e definições que criamos para os mesmos em cada momento histórico. Para discutirmos a felicidade na contemporaneidade, elegemos três aspectos que se tornam fundamentais para entendermos o tema dentro de um viés social e histórico, no qual as características do nosso tempo e da nossa sociedade dizem muito sobre o que consideramos conceitualmente e experiencialmente como felicidade. Os três aspectos que destacamos foram: consumo, política e trabalho.

Ao longo do capítulo, procuramos refletir sobre as relações que cada um desses aspectos estabelece com o tema da felicidade. O consumo do ponto de vista capitalista se apresenta como característica definidora da nossa sociedade, e, assim, também do que se pensa acerca da felicidade à medida que consumir passa a ser uma forma de busca desse sentimento.

A política, em um sentido geral do termo, e presente na sociedade em diversas nuances, é relacionada à felicidade sob perspectivas que muitas vezes a colocam como promotora das condições necessárias para que o caminho da busca pela felicidade seja possível. E o trabalho, que não só estabelece relações com a felicidade, mas também, em muitos casos, é confundido com a realização pessoal e, conseqüentemente, uma forma de atingir a felicidade, apesar das adversidades que rodeiam as experiências do mundo do trabalho. O trabalho, sob a ótica que o considera missão de vida e alcance do sucesso, não o seria sem a “certeza” de que a felicidade seria resultado da atividade laboral exercida. São muitas questões a serem discutidas em meio a um contexto que abarca tantas relações e que nem sempre são convergentes.

#### 2.1 Felicidade e Consumo

O consumo que estrutura o mundo capitalista se tornou uma forte característica das nossas sociedades e, evidentemente, está presente em todas as esferas que constituem o nosso cotidiano. Consumimos diariamente diversos bens, como alimentos, objetos de vários tipos, consumimos cultura, lazer, prazeres e, conseqüentemente, muitas das coisas e sensações que consideramos promotores de felicidade. A sociedade de consumo e as práticas consumistas se transformaram ao longo de suas existências, provocando diferentes relações com os bens materiais, com os outros indivíduos e consigo mesmo (LIPOVETSKY, 2007).

Para compreendermos melhor que fase da sociedade de consumo estamos vivenciando, a sua história e suas relações com a felicidade, consideramos a análise que faz Gilles Lipovetsky (2007), dividindo a história da civilização consumidora em três fases ou ciclos. Segundo o autor, teríamos o primeiro ciclo iniciado nos anos 1880 e terminado com a Segunda Guerra Mundial. Essa primeira fase teria como características principais o desenvolvimento dos grandes mercados nacionais, o aumento da produtividade com custos mais baixos e, conseqüentemente, o surgimento da produção de massa.

A fase I inventaria o *marketing*<sup>3</sup>, adotaria grandes investimentos na publicidade e nomearia os produtos que antes eram anônimos, ou seja, lhes atribuíram marcas – a Coca-Cola é um exemplo de marca criada nesse período. Todas essas transformações tendem a criar uma nova relação com o consumidor, que nesse momento passa a ser comprador de marcas, possuidor de mais autonomia quanto ao comerciante e passível de influências advindas das estratégias da publicidade. Época da criação dos grandes magazines<sup>4</sup>, o consumo ganha novos significados: a sedução e a distração.

As pessoas não vão aos comércios somente de forma objetiva consumir, mas olhar as vitrines, contemplar as mercadorias como ocupação de tempo, estas sendo ações resultantes das estratégias de sedução da publicidade e da constituição dos espaços de vendas como locais excitantes de desejos, da imaginação e da compra como ato de prazer (LIPOVETSKY, 2007, p. 16-18). É importante destacar que, devido aos custos mais baixos, nessa fase, os produtos ficam mais acessíveis a um maior número de pessoas, predominantemente a classe burguesa começa a participar da aquisição dos bens mercantis.

O ciclo II se constitui ao longo das três décadas pós Segunda Guerra Mundial e foi marcado pelo aprofundamento das transformações ocorridas durante a fase I, pela elevação do nível de consumo e pelo aperfeiçoamento do processo de alargamento do acesso da compra dos bens duráveis. A sociedade de consumo, nessa fase, tem como base o modelo tayloriano-fordista<sup>5</sup>, que impõe novas palavras de ordem no contexto da organização da produção: “especialização, padronização, repetitividade, elevação dos volumes de produção” (LIPOVETSKY, 2007, p. 20). O *marketing*, nesse momento, especializa-se em estratégias que levam em conta a idade e os fatores socioculturais. Também já se passava a pensar em uma

---

<sup>3</sup> “Conjunto de estratégias e ações que provêm o desenvolvimento, o lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/marketing/>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

<sup>4</sup> Estabelecimento comercial com grande variedade de mercadorias em exposição e a venda.

<sup>5</sup> Ver: LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

maior diversificação dos produtos e na diminuição do tempo de vida útil dos mesmos para que fosse imposta a lógica da moda, renovando constantemente os modelos das mercadorias.

Nesse momento, o conforto passa a ser um projeto de vida a ser buscado e um sinônimo de felicidade. Comprar objetos que auxiliem as tarefas nos lares e que promovam o máximo de conforto, tornando o cotidiano mais “fácil” é um objetivo a ser alcançado. A felicidade passa a ser imaginada dentro de valores materialistas desejantes pelo novo e pela privatização da vida.

Finalmente, temos o ciclo III, que se inicia em fins dos anos 1970, marcando um novo momento da sociedade em relação ao consumo. Trata-se da época do hiperconsumo, segundo denominação de Lipovetsky (2007), que comenta:

Não vejo termo mais adequado que hiperconsumo para dar conta de uma época na qual as despesas já não têm como motor o desafio, a diferença, os enfrentamentos simbólicos entre os homens. Quando as lutas de concorrência não são mais a pedra angular das aquisições mercantis, começa a civilização do hiperconsumo, esse império em que o sol da mercadoria e do individualismo extremo não se põe jamais (LIPOVETSKY, 2007, p. 26).

Assim, a característica principal da sociedade do hiperconsumo e o que a diferencia dos ciclos anteriores é o consumo de mercadorias em um sentido muito mais individualizado, pensado mais para si que para os outros. A aquisição de bens para se distinguir das demais classes sociais e para se expor à sociedade deixa de ser o centro para dar lugar a aquisição pensada para o bem-estar individual. A busca pela felicidade privada reina nessa fase, as motivações privadas ganham maior valor em relação ao ato de se distinguir dos demais. O consumo estaria orientado principalmente para fins, gostos e critérios individuais.

Alguns fatores colocados pelo autor estão ligados diretamente a esse tipo de caracterização do momento do hiperconsumo, entre eles estão a democratização do conforto e dos lazeres, a banalização do acesso às novidades do comércio e a desagregação das regras de classe (LIPOVETSKY, 2007, p. 25). Tais fatores atuam minando as concorrências simbólicas e a busca por status e diferenciação social por meio do consumo.

Atentamos para o cuidado com o trato dessas caracterizações, pois é evidente que a desigualdade social – fato inegável nas sociedades capitalistas – não permite que as apliquemos a todos lugares e realidades econômico-sociais. O conforto pode ter sido democratizado em certa medida, mas não podemos considerar que todas as classes sociais tenham acesso a ele. Mesmo que se almeje, as classes pobres não conseguem ter poder aquisitivo para comprar os bens apresentados por essa lógica do consumo como promotores do conforto material e dos momentos de lazer; muitos não conseguem nem ter o mínimo que é a alimentação e a moradia.

O mesmo acontece com o que diz respeito a banalização do acesso às novidades do comércio. Tendo em vista que as classes pobres nem sempre estão inclusas e aptas financeiramente para acompanhar as novidades mercantis, muitos produtos continuam destinados à determinadas classes detentoras da riqueza e das oportunidades; essa banalização não está válida para todos. E em relação à desagregação das regulamentações de classe, – o que podemos interpretar como um desmonte das identidades próprias de cada classe em favor da ideia de consumo sem distinções – podemos perceber que, apesar de não serem tão fortes como antes, não estão totalmente desprovidas de poder, o próprio mercado acaba instigando a diferenciação entre as classes e, conseqüentemente, as suas regulamentações, quando criam produtos, marcas e até mesmo lugares que não estão dentro das possibilidades de orçamento de todos os tipos de pessoas, grupos e classes. A sociedade de hiperconsumo produz o sentimento da busca incessante pelo conforto e pelas novidades, mas não determina que todos possam estar inclusos no alcance destes.

Em termos econômicos, o hiperconsumo se caracteriza pela prática da variedade de produtos, pela aceleração e pela centralidade do cliente, bem como pelo mercado passando a ser orientado pela procura ao invés da oferta. A inovação e a renovação dos produtos são o foco, a grande segmentação dos mercados visa públicos ainda mais específicos e a publicidade cada vez mais trabalha com a sensibilidade e com as questões afetivas do consumidor, significando a compra como momento festivo e prazeroso.

E como resultado e também como construtor desta sociedade de hiperconsumo, temos o hiperconsumidor, que é o sujeito que vê o consumo como forma de consolo às suas frustrações, como promotor de experiências emocionais e da própria felicidade. Ele se sente poderoso e autônomo ao controlar sua vida através das várias tecnologias, que são um dos principais bens consumidos, mas ao mesmo tempo passa a ser dependente e aprisionado quando não consegue viver e se satisfazer sem ela. Ainda, o hiperconsumidor é adepto da medicalização da vida, para ele “[...] a busca da felicidade se abriga sob a égide da intervenção técnica, do medicamento, das próteses químicas” (LIPOVETSKY, 2007, p. 35).

Diante do ponto de vista que traçamos, no momento histórico em que vivemos, a felicidade e o consumo não só estão relacionados, mas acabam também necessitando um do outro para se definirem e para se validarem. O sujeito vê o consumo como um caminho para a busca pela satisfação, pelo prazer e pela felicidade. Como resultado, e ao mesmo tempo, vê o sentimento de felicidade como justificativa para o consumo. Somos levados a ter essas visões por tudo que nos rodeia, o sistema econômico dá as cartas para a sociedade, e a sociedade, que se adapta e se mistura a ele, dispõe de estratégias de manutenção que perpassa a inculcação da

ideia e da prática de que mais e mais consumo nos é preciso, de que as inovações e as renovações dos mercados têm que serem aceitas e possuídas por nós, pois sem tudo isso não poderíamos nos sentir felizes e não estaríamos imunes aos sofrimentos.

O mundo do consumo e da técnica nos assegura a felicidade? Com Pascal Bruckner (2002), refletimos que todas as épocas possuíram os seus motivos para a presença do sofrimento e dele, de alguma forma, não escaparam, mas a nossa forma de lidar com ele é diferente. O nosso momento seria de uma intolerância ao sofrimento e aos flagelos, pois estaríamos imersos na imposição do prazer e da felicidade como valor absoluto, esta última também sendo uma obrigação e um direito.

Mas, se a felicidade é um direito, quem ou o que a garante? A política de modo geral? As políticas sociais?

## **2.2 Felicidade e Política**

Podemos iniciar nos questionando qual ou quais relações se estabelecem entre esses dois temas que, historicamente, são substanciais às sociedades: a felicidade e a política. Bodei e Pizzolato (2000) nos trazem algumas premissas importantes para pensarmos nas possíveis relações entre tais temas e, assim, também nos leva a considerar a presença dos mesmos na construção da nossa narrativa. Os autores destacam a função salvífica que em certo momento da história foi atribuída à política, momento que podemos interpretar em formato datado como o século em que se inicia o que, entre muitas problemáticas, costumamos chamar de Contemporaneidade: o século XVIII. Tal função de salvação se relaciona diretamente com a felicidade, pois a política teria como competência a promessa e a realização da felicidade dos povos por meio da sua atuação no percurso da história (BODEI; PIZZOLATO, 2000, p. 39). A política, em um sentido abrangente, agiria isentando a sociedade dos empecilhos à felicidade, como a miséria e a violência.

Contudo, os autores colocam que, apesar de ter existido a crença sobre esse poder de salvação e realização da política quanto à felicidade, na atualidade não dispomos mais de tanta confiança em tal poder e nem na história como uma progressão, como um curso que resulta sempre para o melhor. Dessa forma, a felicidade adquire uma tendência ao afastamento da “projetualidade política” (BODEI; PIZZOLATO, 2000, p. 46), procurando outras possibilidades de caminhos para o alcance da felicidade. Nesse contexto, citam duas possibilidades: a primeira sendo uma estratégia em outros tempos já utilizada, a busca da felicidade em outro mundo, na crença em um outro “plano” (o céu), e a terra passando a ser

somente uma etapa temporária, de transição na caminhada para a felicidade plena; e a segunda possibilidade estaria no foco no presente, na busca das satisfações e dos prazeres imediatos. Estes intelectuais tratam essas estratégias não só como tentativas de substituição do que a política não estaria mais creditada a fazer, mas também como a própria fuga da mesma com o intuito de buscar uma felicidade individual, relegando a coletividade e a felicidade em uma dimensão pública.

Mas, podemos considerar dispersas as relações entre felicidade e política? E que à política não é mais atribuída nenhum poder de atuação sobre a felicidade? A importância dada à felicidade como direito a ser assegurado ou, pelo menos, facilitado pelos governos, que aparece no texto da Declaração de Independência dos Estados Unidos da América de 1776, não é mais um ponto a ser considerado? Compreendemos que essas questões podem ser repensadas, principalmente se percebemos que a forma de tratar a felicidade posta neste documento exerceu grande interferência e inspiração em discursos políticos e jurídicos ao longo da contemporaneidade.

A Declaração é produzida no contexto das lutas revolucionárias e da propagação das ideias iluministas inflamadas no final do século XVIII, e que influenciaram os movimentos separatistas das colônias americanas de suas metrópoles europeias. As nações que procuravam se emancipar, e as recém emancipadas, inspiraram-se, entre outras, na concepção de que a felicidade deveria ser vivida no plano terrestre e material, e não apenas no espiritual, assim, as condições materiais passam a ser importantes e a felicidade terrena a ser passível de concretização nessa “etapa” da vida, necessitando de um poder como o da política para que fosse assegurada de modo público, como direito dos povos que constituíam essas “novas” nações.

Analisemos o segundo parágrafo da Declaração de Independência dos EUA, parte em que o termo felicidade aparece:

Nós consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens foram criados iguais, que foram dotados pelo seu Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes se encontram a vida, a liberdade e a busca da **felicidade**. Que com o fim de assegurar estes direitos, instituem-se os governos entre os homens, derivando os seus justos poderes do consentimento dos governados. Que sempre que qualquer forma de governo se torna destrutiva destes fins, cabe ao povo o direito de alterá-la ou aboli-la e instituir um novo governo, baseando-o em tais princípios, e organizando os seus poderes na forma que lhe pareça mais adequada para garantir a sua segurança e **felicidade** (DECLARAÇÃO UNÂNIME DOS TREZE ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 4 de julho de 1776. Grifos nossos).

Como verificamos no trecho citado, a palavra felicidade é apresentada duas vezes e a sua busca se torna direito inalienável de acordo com o documento. A garantia da felicidade é relacionada diretamente com a política, tendo em conta que os governos possuiriam o papel de assegurar tal direito e o povo deveria optar pelo governo que estivesse mais comprometido com a garantia do mesmo. Esse pensamento seria uma tendência ao longo da contemporaneidade, existindo momentos em que estaria mais ou menos acentuado, ou seja, historicamente sofrendo transformações e adquirindo outros significados.

Inclusive, notamos indícios desse pensamento quando o aproximamos da nossa realidade e encontramos referências que mostram a continuidade das concepções que relacionam felicidade e política. Como exemplo, trazemos a proposta de emenda à Constituição que ficou conhecida como “PEC da Felicidade” (19/2010), elaborada no ano de 2010 pelo então senador do Distrito Federal pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), Cristovam Buarque. O projeto propunha o acréscimo de três palavras no artigo 6º da Constituição brasileira, que ficaria escrito da seguinte forma:

São direitos sociais, **essenciais à busca da felicidade**, a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BUARQUE, 2012, p. 18 - Grifos nossos).

Cristovam Buarque (2012) vê como imprescindível a adição das palavras destacadas para que se encarregue à política e aos políticos eleitos o trabalho contra os entraves que dificultam a busca da felicidade pelas pessoas, fazendo com que as próprias pessoas pudessem julgar e escolher os candidatos que estivessem comprometidos com tal objetivo. Para o senador, a política teria que atuar na sociedade de maneira que assegurasse os direitos sociais, considerando que esses direitos são fundamentais para que os indivíduos busquem a felicidade. A ausência de acesso aos direitos sociais como saúde, educação e segurança seriam grandes motivos de infelicidade, e a política teria que, justamente, eliminar essa ausência, assim, facilitando a busca da felicidade.

Além disso, para Buarque (2012) – que toma como inspiração Thomas Jefferson e a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América com a proposta dos direitos alienáveis como sendo “Vida, Liberdade e a busca da Felicidade” – há uma retomada da importância da felicidade e da relação desta com a política, justificando a “PEC da felicidade” também pela questão de que os outros países já estariam procurando a incorporação da felicidade em seus instrumentos legais, nas leis e nas constituições. Segundo o autor, com a

aprovação da referida PEC, o Brasil não ficaria atrasado em relação aos outros países nesse movimento de considerar a essencialidade da ligação de responsabilidade da política quanto à felicidade.

A PEC de Cristovam Buarque teve apoio de diversos parlamentares, como Manuela D'Ávila, Eduardo Suplicy e Ricardo Berzoini, e foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado (CCJ) em novembro de 2010, porém, a sua situação está em arquivo ao final da legislatura do senador desde o ano de 2014, dando a entender, assim, que não foi adiante no Plenário. Apesar de não ter tido a aceitação necessária para ser aprovada em situação decisiva, a “PEC da Felicidade” traz à tona (em formato legal) a interpretação de que as relações entre felicidade e política, ou até mesmo entre felicidade e políticas sociais, não estão extinguidas, e que são temas que vez ou outra entram em pauta nas discussões governamentais, que, como o próprio Buarque (2012) coloca, é uma visão que vai além de apenas um país considerar a felicidade como dependente da asseguuração dos direitos sociais e necessitante de sua inserção nas preocupações legais e administrativas dos governos.

Entre os direitos sociais fundamentais que estão em nossa Constituição, o trabalho também está inserido, este que pode nos proporcionar o sustento, o status, o poder aquisitivo, os bens materiais e, diante de tudo isso, também a felicidade?

### **2.3 Felicidade e Trabalho**

O trabalho, assim como a felicidade, possui múltiplas significações. Max Weber (2001), por exemplo, analisando a ética puritana na Idade Moderna, mostra que o trabalho, segundo essa doutrina, é a finalidade da vida, sendo o ócio e o prazer mal vistos. A ética puritana veria o trabalho racional dentro de uma vocação como a forma de aumentar a glória de Deus e seria totalmente contra a perda de tempo e o desfrute da vida (WEBER, 2001, p. 74-77). Algumas dessas ideias não ganham caráter hegemônico nas sociedades contemporâneas. Como podemos perceber, o prazer e o desfrute da vida adquire uma visão positiva na maioria dos casos, entretanto, a concepção de trabalho como centro da vida e possuidor de certa pedagogia formadora de índole não foi por inteiramente descartada, mesmo que agora não seja encarada como um meio de fazer a vontade de Deus.

Por mais que não se tenha um parecer incontestável sobre as concepções que põem o trabalho como promotor de felicidade e as que o colocam em posição contrária, fato é que, geralmente, o trabalho ocupa um lugar central em nossa vida; ocupa a maior parte do cotidiano e ocupa um espaço considerável de importância emocional e financeira. Algumas pesquisas

tratam dessas questões à medida que analisam falas de trabalhadores. Borelli, Fidelis e Rech (s/d) percebem trabalho e felicidade como conceitos dependentes, a felicidade podendo ser buscada por meio do trabalho e este último seguindo uma perspectiva de realização pessoal e missão de vida. Morin, Pliopas e Tonelli (2007) verificam que o trabalho é essencial na vida das pessoas, tendo como ponto principal a garantia da sobrevivência e também atribuem ao mesmo um papel fundamental na formação da identidade dos sujeitos. Não negamos a validade dessas percepções, mas temos que refletir mais além da ideia do alcance da felicidade exclusivamente com a presença o trabalho, assim como não devemos considerar apenas o contrário.

As relações entre felicidade e trabalho existem e são importantes, mas devemos nos ater também às condições de trabalho oferecidas para que haja satisfação e prazer na atividade laboral. A romantização e a ideia da dignificação através do trabalho independente de sua natureza e condicionamento suscita questionamentos, pois sabemos que, na prática e na maioria das vezes, o trabalho está associado, primeiramente, à necessidade e ao objetivo da manutenção do sustento e das obrigações financeiras; a escolha por uma atividade que seja do gosto individual e que lhe propicie prazer em fazê-la nem sempre está em primeiro plano para todos.

O trabalho pode levar ao sentimento de felicidade, assim como ao sofrimento. A falta de trabalho, o desemprego presente nas realidades sociais, podem tirar as perspectivas de vida e de autonomia do sujeito, assim como as condições precárias e o excesso de trabalho podem causar problemas diversos, inclusive problemas de saúde, como, entre outros, a síndrome de *Bournout*, que é um “distúrbio psíquico caracterizado pelo estado de tensão emocional e estresse provocados por condições de trabalho desgastantes”<sup>6</sup>.

A docência está entre as profissões alvos desta síndrome. As condições de trabalho dos professores são conhecidas por dificultarem o desenvolvimento da atividade docente: ambientes de trabalho deteriorados, excesso de trabalho que sufoca a vida como um todo do professor e prejudica o planejamento e a execução de suas aulas, a ausência da formação continuada, a necessidade de se ter vários empregos devido aos baixos salários são alguns dos fatores que permeiam a realidade desses profissionais e que são tidas como muitas das razões para o adoecimento dos mesmos.

Vendo por este prisma, parece difícil que a felicidade seja relacionada ao trabalho docente, mas existe outro lado da moeda. Como há visões que focam nas dificuldades e dos desprazeres que se colocam a docência, também há visões que defendem que a felicidade seria

---

<sup>6</sup> VARELLA, Drauzio. Síndrome de *Bournout*. Disponível em <https://drauzioarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-burnout-esgotamento-profissional/>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

essencial e precisaria de várias maneiras estar presente nesse ofício. Como podemos perceber no discurso de Kathia Maria de Melo e Silva Barbosa (2018), que diz:

a Didática, ao adotar como propósito a felicidade, pode efetivamente contribuir para a formação docente na medida em que assumir uma perspectiva integral e multidimensional de formação humana, buscando integrar conteúdos teóricos e práticos, com aqueles voltados para o desenvolvimento socioemocional norteado por valores éticos (BARBOSA, p. 10, 2018).

A autora defende uma prática pedagógica que vise a felicidade. Assim, mais do que encontrar felicidade no fazer docente, seria necessário também ensinar a felicidade. A educação e a didática estariam voltadas para uma meta: o lidar com o socioemocional objetivando a felicidade. A partir desse tipo de discurso, a concepção sobre a profissão docente acaba convergindo com os olhares romantizados aos quais o amor e a felicidade são os centros do ofício, ignorando o fato de serem uma classe trabalhadora que, como as outras, precisam lutar por melhorias e por condições de trabalho respeitadas.

O universo profissional capitalista, do qual os professores também fazem parte, se caracteriza por ligar a identidade profissional à identidade psicológica, por associar a realização profissional à realização pessoal de modo inseparável, o trabalho sendo visto como uma forma de realização pessoal, e não só profissional (BENDASSOLI, 2000, p. 223). O trabalho docente pode ser visto como um potencial exemplo dessa associação, pois o professor é colocado como aquele que trabalha sempre para além da escola, aquela que leva muitas das suas atividades para casa e que não deixa de ser enxergado como professor – trabalhador – mesmo fora do ambiente de trabalho.

Essa extensão e inseparabilidade do profissional ao pessoal, suscita-nos o pensamento sobre até que ponto isso não anula a subjetividade do sujeito trabalhador e a sua vida além do trabalho. Tornar o trabalho indissociável do sujeito também pode ser interpretado como uma maneira do próprio capital e de seus dominadores regularem e fazer complacente a força de trabalho (ALVES, 2011, p. 05). A dessubjetivação do trabalhador participa das estratégias de uma lógica capitalista e neoliberal que propõem o afrouxamento dos direitos e das relações trabalhistas, e os discursos que pensam as relações entre felicidade e trabalho de forma acrítica e romantizada acabam por reforçar o lugar comum do contentamento do trabalhador, assim, não considerando a necessidade de observação das condições de trabalho e salariais para que possa efetivamente haver uma satisfação. Há uma promoção da deslegitimidade às lutas trabalhistas, mas, por isso mesmo, compreendemos que estas necessitam estar constantemente

em voga. Quanto ao trabalho docente, que nos interessa de modo particular nas próximas páginas da nossa narrativa, em momentos de ataques à essa área de atuação, a educação, as lutas ganham sentidos mais ainda aprofundados.

### CAPÍTULO III

#### 3 – AS REPRESENTAÇÕES DOCENTES SOBRE A FELICIDADE EM POMBAL-PB

Neste capítulo, buscamos mapear e discutir as representações sobre a felicidade de docentes da cidade de Pombal-PB. Por meio das falas dos professores, cedidas por meio de entrevistas, analisamos os discursos e os constituintes destes para situar a construção das variadas representações, o que possuem em comum e o que as diferenciam, a que espaços pertencem e suas identificações com o universo que permeia a atuação profissional que exercem junto à comunidade, em especial, junto à comunidade de estudantes que estão em constante contato com estes sujeitos educacionais.

Cabe, portanto, iniciarmos nossa discussão partindo de algumas considerações sobre ensinar e os modos de fazer desta prática que é a base da educação e suscita, preferencialmente, uma reflexão sobre o papel do professor nesse ato pedagógico. Para isso, refletir acerca das considerações de Leandro Karnal (2012) sobre a figura do professor é importante para abrirmos nossa discussão.

Karnal (2012) lança um olhar sobre o estado de espírito do professor, aquilo que o afeta diretamente e move suas reações diante dos desafios cotidianos que fazem seu humor, por exemplo. Esse estado de espírito varia para mais ou para menos, dependendo do lugar e dos sujeitos presentes no seu cotidiano. O autor aponta para o interior do professor, suas emoções. Colocando que,

Há problemas pessoais que interferem na sua atuação profissional. Com o tempo, você perceberá que há infecções específicas do magistério, como a “outubrite”, mal que acomete educadores quando o ano está no fim. Não tem jeito. Não somos robôs. Tenha sempre presente: você varia muito e seu aluno ainda mais. Entenda um pouco esse ritmo. Mas há um recurso para enfrentar essas oscilações. Antes de começar a jornada de trabalho pense: como estou hoje? Estou bem? Ótimo (KARNAL, 2012, p. 17).

A fala de Karnal (2012) remete a uma reflexão no sentido de pensarmos: quem é o professor e como ele é colocado na diferenciação aos demais profissionais? Sua responsabilidade demonstra ser tão grande que até o seu estado de espírito afetaria o seu trabalho de uma forma tão profunda, que em outras profissões não afetariam tanto, à medida que a sociedade possui uma imagem do que é ser professor que cobra muito mais que profissionalismo desses sujeitos. Assim, estar bem físico e mentalmente e estar feliz,

necessariamente, seria o ideal em toda a sua prática, tendo em vista o lugar comum de associação da felicidade ao sucesso profissional.

No entanto, é perfeitamente lógico pensar que a felicidade ou um estado de espírito tranquilo não é feito de mágica, mas “um instante de vida”, como diz Clóvis de Barros (2016), e, que sendo assim, oscila diariamente.

Karnal (2012) chama a atenção para o estado emocional do professor e busca refletir dizendo que o estágio de bem-estar do professor se altera tanto quanto o de um aluno seu. É inerente ao autocontrole, e varia de acordo com dada situação apresentada diante do professor em sua prática escolar.

As emoções que o professor precisa lidar diariamente seriam como um termômetro para seu estado de felicidade. Sua prática seria a prática dos sentidos. Estes sentidos estão ligados ao domínio do espaço que ele ocupa e das formas de exercer esse domínio. Estando ele feliz com sua prática, poderá haver sucesso ou fracasso dependendo de como a condução da sala de aula será administrada. O professor é cobrado a ser maduramente seguro, e sua ação docente influenciaria todos aqueles com que tem contado direto.

Karnal (2012) defende que a prática ajuda o docente a aprender a contornar situações adversas, e tais experiências trariam aprendizados. Segundo o mesmo:

Sim, ser um bom professor significa até tentar controlar seu olhar ou outros indicativos de desagrado não verbais. E se eu não conseguir? Bem: aprendi que quando erramos por pensamentos, palavras, atos ou omissões, e ferimos um aluno de forma culposa ou dolosa, só tem um jeito: pedir desculpas sinceras, conversar com esse aluno e indicar que você luta, mas que é humano também. Não tem jeito. Faz parte da dinâmica das relações humanas. Mas se você foi o responsável pela sujeira, limpe você mesmo e siga adiante com mais cuidado naquele ponto. Pelo menos, tente não errar da mesma forma no mesmo lugar e com a mesma pessoa. Isso já é um passo no caminho da maturidade (KARNAL, 2012, p. 33).

O autor aponta para a necessidade de saber lidar com o imprevisto, pois nem sempre se pode ter o controle de todas as situações. Nem sempre se pode ter uma turma na palma da mão, mesmo que se faça o máximo e que tudo esteja no roteiro. Essa interpretação que o mesmo nos fornece serve para refletir sobre a capacidade docente de poder lidar com o diferente, com aquilo que surge do improvável e algumas vezes limita as capacidades de atuação do professor.

Nesse caso, o que Karnal (2012) nos fornece é a crítica à nossa insegurança. Àquilo que não nos deixa ser felizes em nossa prática de sala de aula e reflete em nossas vidas. Professores, mais que mestres das ciências que manejam ferramentas didáticas, são humanos, e, assim sendo, seu estado emocional compete com a racionalidade empírica dos momentos do ensinar

conteúdos, fórmulas e teorias. Estar na sala de aula é estar em um espaço de emoções que debatem com a realidade, por mais que os manuais digam o contrário e ensinem de forma romanceada que nossa realidade é eminentemente vocação. Compreendemos que há a necessidade de pensar além dessas idealizações, entendendo os professores como mais do que os discursos que anunciam o que “devem ser e fazer”, colocando-se como receitas que ditam o ideal de felicidade para os professores e para a educação. Compreendermos os professores como sujeitos mistos de racionalidade e emoções, mas, sobretudo, como trabalhadores, profissionais que, como os outros, necessitam de condições de trabalho respeitadas e satisfatórias. Ser feliz como professor não se trata de um fato independente de suas condições de ser e de fazer, mas de uma possibilidade que precisa ser questionadora em relação às circunstâncias em que essa felicidade é cobrada.

Rubem Alves, no seu livro “A alegria de ensinar” (1994), faz referência ao pensamento do sábio Zaratustra, refletindo sobre os escritos do filósofo Nietzsche que trata de uma felicidade suprema e racional. Porém, esta seria menos importante que a alegria de um nascimento. Mesmo assim, a felicidade seria o ponto chave de todo o trabalho do professor, que talvez pudesse ser interpretado como sendo o seu regozijo laboral. E assim, Rubem Alves reflete trazendo algumas considerações:

A felicidade começa na solidão: uma taça que se deixa encher com a alegria que transborda do sol. Mas vem o tempo quando a taça se enche. Ela não mais pode conter aquilo que recebe. Deseja transbordar. Acontece assim com a abelha que não mais consegue segurar em si o mel que ajuntou; acontece com o seio, turgido de leite, que precisa da boca da criança que o esvazie. A felicidade solitária é dolorosa. Zaratustra percebe então que sua alma passa por uma metamorfose. Chegou a hora de uma alegria maior: a de compartilhar com os homens a felicidade que nele mora. Seus olhos procuram mãos estendidas que possam receber a sua riqueza. Zaratustra, o sábio, se transforma em mestre. Pois ser mestre é isso: ensinar a felicidade (ALVES, 1994, p. 7).

Talvez o pensamento de Rubem Alves (1994) esteja voltado para o potencial do professor. Sua potencial felicidade, inquieta e adormecida pelas fadigas da prática diária de dar aulas. Talvez também, esteja pretendo a romancear essa capacidade, colocando o professor como um ser iluminado que irradia felicidade, que em guardá-la pudesse em um determinado momento colocar para fora alcançando todos a sua volta e trazendo a este, também a felicidade.

Além disso, sua última frase é “ensinar a felicidade” como se esta pudesse ser algo que se transmite facilmente, que pudesse ser incorporada por outro (o aluno) em determinado momento. Ainda é explicitado que um interlocutor mais jovem receberia a felicidade por meio

de uma aprendizagem de um mestre, exclusivo, para aquele propósito de tornar o outro feliz. Uma felicidade transmitida pela prática do outro que deseja assim ensiná-la.

Em outro trecho o autor fala de como esse mestre aparece, de como ele surge, e considera que,

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria...” Mas, e claro, somente os seus alunos poderão atestar da verdade da sua declaração... (ALVES, 1994, p. 8).

Novamente, Rubem Alves (1994) volta a questão de o professor expor sua felicidade, de “botar para fora” esse sentimento encastelado, que o credenciaria para firmar-se “pastor da felicidade”, uma espécie de mentor e detentor de algo especial que precisaria ser exposto. Seria preciso dar alegria para fazer os outros também alegres, uma espécie de condição potencialmente condutora de emoções e sensibilidades para o sucesso de todos.

Antes de tudo, colocar a felicidade como algo que pode ser ensinado ou “transmitido” por ensinamentos nos impõe certa desconsideração das singularidades e subjetividades que se relacionam às ideias de felicidade dos sujeitos, as quais estão atreladas aos espaços socioculturais em que estão imersos. Como ensinar a “mesma felicidade” a alguém que é fruto de um espaço sociocultural constituído por privilégios – seja de classe, cor ou gênero – e a alguém que esteve sempre em um meio destituído de tais privilégios? Talvez estivéssemos pregando um ideal de felicidade fora do contexto e da realidade de muitos desses sujeitos que são público alvo da propagação de tal ideal, os discentes. Atribuir a responsabilidade do ensino da felicidade aos professores também é uma questão que necessita questionamento, pois, pensando na realidade prática desses profissionais e das escolas, dificilmente iremos observar uma formação ou preparação dos mesmos para que haja esse tipo de ensinamento. A felicidade não nos parece ser um tema que é trabalhado no espaço escolar, nem mesmo se têm manuais ou materiais que possibilite discutir a temática ou para instruir o docente quanto a ela.

Dito isto, concebemos que indagar o sujeito de nossa pesquisa seja pertinente. Como estes, enquanto professores, pensam a felicidade? E como constroem discursos em torno da sua prática profissional e o alcance da felicidade? São perguntas que nos instigam a tentar conhecer um pouco mais do que afeta diretamente o professor enquanto sujeito, enquanto alguém que por meio de sua prática influencia pessoas em sentidos variados. Tentaremos trabalhar essas questões nos tópicos seguintes. Primeiramente, conhecendo nossos sujeitos da pesquisa e, secundamente, dialogando com eles.

### 3.1 O cenário e os atores de uma história da felicidade docente em Pombal-PB

Aqui realizamos uma apresentação dos sujeitos e do local da pesquisa, focando no aspecto histórico-educativo do tempo estudado, considerando as influências que esses contextos podem exercer nos possíveis motivos constituintes da felicidade e na construção dos discursos desses professores acerca do tema. Ficar a par da caracterização do lugar, dos próprios sujeitos e da conjuntura histórica, educacional e social em que estão imersos é importante para que consigamos ir além dos discursos apenas como textos ou aglomerados simples de informações, mas como “[...] janela para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção dos sentidos...” (BRASIL, 2011, p. 176). Compreender os processos de produção dos discursos é essencial para entendê-los como construções que partem de determinadas pessoas e lugares, e assim, possui suas intencionalidades.

Iniciaremos por falar do lugar da pesquisa com algumas considerações sobre a educação, os espaços educacionais e a conseqüente importância que estes detêm no universo cultural da cidade de Pombal-PB e, evidentemente, na vida das pessoas – aqui referimo-nos aos professores – que participaram desta pesquisa.

Isso porque a cidade de Pombal-PB, lócus da pesquisa, localizada no interior da Paraíba, tem historicamente a referência educacional de suas maiores escolas da rede básica de ensino. Escolas da cidade, em sua maioria, tem disputado o espaço educacional com muita ênfase no potencial de professores e estudantes que fazem parte das instituições educacionais.

Francisco Vieira, ex-gestor escolar, refere-se com certa nostalgia à escola a qual dirigiu:

A escola quase centenária, hoje é saudade e fonte de inspiração. Ao passar defronte, recordo os bons momentos ali vividos, primeiro como aluno do Jardim da Infância, Ginásio Diocesano, e depois, na condição de Diretor. Ainda imponente, ostenta a beleza arquitetônica quase intacta, guardando nos anais, os brios de sua história que é nossa (VIEIRA, 2016, p. 42-43).

A escola “João da Mata”, construída em 1932 pelo interventor da Paraíba Antenor Navarro, foi o primeiro colégio público que a cidade recebeu, iniciando, assim, sua história na rede básica educacional. A partir daí a educação no município ganhou destaque, tendo em vista que todo o aparato administrativo foi requerido para viabilizar o funcionamento da escola. A instituição passou a ocupar o prédio principal no centro da cidade, que antes pertencia à Câmara de Vereadores. Temos a seguir, imagem atual da parte frontal da escola “João da Mata” para que nos situemos visualmente e espacialmente quanto a instituição.

Figura 2: Fachada da Escola “João da Mata”, Pombal-PB.



Fonte: Disponível em <https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/15989747640>. Acesso em: 17/10/2019.

A tradição da educação neste município é a dos considerados grandes mestres que, inclusive, dão seus nomes às instituições escolares, como Professor Nilton Seixas, Professor Guimarães e Professora Marinheira, que atuaram nas décadas de 1950 a 1970.

No entanto, a história e, principalmente, a história da educação se transforma com o tempo e outros sujeitos educacionais passam a dominar as cenas escolares com os referenciais temporais de cada época. Alunos não são os mesmos e professores muito menos, estes últimos passam por mudanças e são influenciados pelo espaço escolar, assim como também, influenciam este dito espaço. De modo que é importante conhecer e refletir sobre estes sujeitos históricos e educacionais, apontar os espaços que eles circulam, produzem conhecimento, são influenciados por outras pessoas, e constroem suas concepções de sujeitos históricos.

Priorizamos na pesquisa as escolas que estão localizadas no espaço urbano, tendo em vista a atuação majoritária dos sujeitos da pesquisa nessas escolas. Essas instituições educacionais não são tratadas no nosso trabalho como lócus da pesquisa, pois a maioria dos professores passou por várias escolas, assim não tendo como eleger uma que fosse “mais importante” para focarmos. Dessa forma, é essencial perceber justamente essa variedade de locais de trabalho que os professores vivenciaram e vivenciam em suas trajetórias e pensar os motivos pelos quais passam por tantas instituições muitas vezes ao mesmo tempo.

Os sujeitos que estudamos e que protagonizaram a nossa pesquisa são ou foram professores da rede básica de ensino da cidade de Pombal – PB. Profissionais que possuem

atuações variadas no âmbito da docência em escolas municipais, estaduais e privadas da cidade e também das cidades circunvizinhas, cursinhos pré-vestibulares e cargos relacionados à administração de escolas e outras instituições educacionais.

Inicialmente, solicitamos a dez professores para nos conceder entrevistas e participar do nosso estudo, porém, só foi possível realizar entrevistas com sete desses docentes, tendo em vista a impossibilidade de alguns de conceder depoimento devido a questões pessoais e profissionais.

O primeiro grupo de docentes que apresentamos é caracterizado por serem atores sociais e da educação que nos demonstram suas experiências sobre as décadas de 1980 e 1990, mais especificamente. De grande importância para o nosso estudo foi perceber como essas temporalidades marcam o que aparecem nas falas dessas pessoas e que, conseqüentemente, apontam para mudanças e permanências acerca do pensamento em relação à felicidade.

Entrevistamos quatro professoras e três professores que, por questões éticas, mantemos suas identidades em sigilo, identificando-os no texto por codinome formado pelo termo “docente” e a letra que os diferenciam – “Docente A”, “Docente B” e assim por diante. Deste modo, apresentamos esses sujeitos, a seguir, com algumas informações pertinentes para conhecermos características pessoais e profissionais dos mesmos.

Docente A<sup>7</sup>: está em uma faixa entre os 60 e os 70 anos de idade; natural de Pombal-PB; é formado em Biologia pela UFPB (hoje CFP/UFCEG), possui pós-graduação em Ensino Superior (FESC-FAFIC); lecionou em escolas municipais e estaduais em sua cidade de origem e também exerceu funções de diretor e vice-diretor, sendo aposentado desde 2008.

Docente B: também está na faixa entre os 60 e 70 anos de idade; natural de Pombal; possui aproximadamente 45 anos de trabalho na educação, iniciando especificamente como professora de História no ano de 1983; atuou em escolas municipais, estaduais e em cursinhos pré-vestibulares, exerceu também cargos de diretora e coordenadora; ensina História, Sociologia e Filosofia, mas sua formação acadêmica é no curso de História (UFPB, hoje CFP/UFCEG), terminando o curso em 1982, ainda fez mestrado em História (2003) e mais quatro especializações.

Docente C: pertencente à faixa etária dos 60 anos de idade; natural de Pombal-PB; professor formado em Letras Português (UFPB, hoje CFP/UFCEG), tendo cursado entre os anos de 1979 e 1985, também se graduou em Artes (UFPB) terminando em 1991, fez especialização

---

<sup>7</sup> A caracterização dos docentes está organizada pelo critério de idade em ordem decrescente e pelas épocas de atuação, sendo primeiro apresentamos os atuantes das décadas de 1980 e 1990 e posteriormente os atuantes da década de 2000.

em Metodologia do Ensino Superior (2003); atua como docente desde 1988; lecionou em escolas municipais e estaduais da cidade.

Docente D: faixa etária dos 50 anos de idade; natural de Bom Sucesso-PB (mas, vive em Pombal- PB desde a infância); licenciou-se em Letras Português (UFPB, hoje CFP/UFCG) concluindo em 1989, também é pós-graduada em Pesquisa pela FIP/UFPB; exerceu o magistério em escolas municipais, estaduais e particulares de Pombal-PB e cidades próximas; aposentou-se em 2016 do exercício de sala de aula, mas, desde 2017 atua em cargos administrativos da educação da cidade.

O lugar de fala dos professores desse primeiro grupo se caracteriza pela grande experiência e pela influência que exercem nos campos da Educação e da Cultura da cidade de Pombal-PB, mesmo os que já se aposentaram da prática de sala de aula não deixam de participar de alguma forma desses campos. São docentes que escrevem e publicam sobre a cidade, sobre a história da educação, as experiências subjetivas e educativas de forma científica, literata ou memorial. Também exercem ou já exerceram cargos administrativos importantes nos espaços educacionais e culturais.

O segundo grupo de docentes entrevistados corresponde a profissionais que iniciaram suas carreiras já no século XXI.

Docente E: faixa etária entre os 30 e 40 anos de idade; natural de Pombal-PB; cursou História na FIP (Faculdades Integradas de Patos - PB), terminando em 2004; professora atuante da disciplina em escolas municipais, estaduais, privadas e cursinhos pré-vestibulares de Pombal e cidades próximas.

Docente F: também está na faixa etária entre os 30 e 40 anos de idade; natural de Pombal-PB; formado em Ciências (Habilitação em Química), terminando o curso em 2013, porém, tem experiência em sala de aula desde o ano de 2003; lecionou em escolas de São Bentinho, Sousa, Catolé do Rocha, e em Pombal nas escolas estaduais e cursinhos pré-vestibulares.

Docente G: faixa etária entre os 20 e 30 anos de idade; natural da cidade de Pombal-PB; no momento em que a entrevistamos ainda era graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa (UFCG/CFP), atualmente já é graduada; trabalha como professora de educação infantil desde 2013 em escolas municipais da cidade.

Como podemos perceber pelas faixas etárias e pela experiência profissional, os integrantes desse segundo grupo geralmente estão no ápice do exercício da profissão, suas experiências tanto como sujeitos históricos de um determinado contexto urbano e social, quanto como educadores estão voltadas para a conjuntura de um tempo presente. Nessa perspectiva,

esse grupo e suas falas nos ajudam a compreender e problematizar as questões que se colocam a estes nos seus mais variados aspectos da vida e que influenciam direta e indiretamente nas construções de suas representações sobre o que seja a felicidade nos nossos dias.

### **3.2 Falas de experiências e representações de felicidade docente**

O foco é a relação entre felicidade, a educação e a profissão docente. A análise é pautada nas falas dos professores em que aparecem essas relações, problematizando-as. Os textos de Rubem Alves e outros autores, que promovem ideias do que podemos chamar de uma romantização da educação e da docência as colocam diretamente relacionadas com o sentimento de felicidade, e é ponto chave de reflexão e problematização.

Assim, já que estamos lidando com falas de pessoas, é importante refletir sobre a oralidade no nosso campo de estudo, a história cultural. Os depoimentos são parte importante da vida dos sujeitos e o que eles narram têm, sobretudo, recortes e intencionalidades que refletem suas experiências individuais e coletivas. Além disso, quando se trata de professores, a coletividade está presente no sentido de que o ambiente em que eles convivem é um ambiente plural, cheio de pessoas com faixas de idade diferenciadas e visões de mundo também diferenciadas. Seus alunos, sempre no plural, são outros sujeitos que estão diretamente em contato com este sujeito que é objeto das nossas indagações, o professor.

Desse modo, a oralidade nos permite adentrar, talvez, por outros caminhos que o documento escrito estritamente e simplesmente não permitiria. O cotidiano das pessoas demonstrado em suas falas é de fato formado por representações que são construídas ao longo do tempo, e, demonstram as múltiplas vivências. Tratando-se de professores, essas representações aparecem por meio não só da posição que ocupam, mas do lugar a que pertencem como profissionais: a escola.

E quando se trata de representações, o historiador Roger Chartier nos atenta para a necessidade de compreender e “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Propondo que enxerguemos uma variabilidade de imagens e textos produzidos historicamente e que permitem observar as práticas sociais e estratégias dos homens no seu cotidiano (CHARTIER, 1990, p. 21-25).

Assim, pretendemos discutir as representações presentes nas falas dos professores acerca da felicidade. A historiadora Verena Alberti (2004) diz que “a história, como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidade: selecionando acontecimento, conjunturas

e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou” (ALBERTI, 2014, p. 13-14). As falas dos professores são um conjunto de fontes que selecionamos para compreender como se constroem essas representações de felicidade. O espaço escolar é o ambiente em que estes sujeitos educacionais estão em contato direto e dele surgem algumas representações sobre o que praticam enquanto profissionais da educação, mas, sobretudo, enquanto pessoas que vivem no coletivo, sujeitas as mais variadas alterações de vida.

Para iniciarmos o diálogo com os sujeitos da nossa pesquisa iremos começar fazendo a pergunta central de todas as entrevistas: o que é felicidade? Tentaremos problematizar essa e outras perguntas à medida que transcorrer o diálogo com os entrevistados.

No campo pessoal todos os entrevistados, em certa medida, convergem para a compreensão de felicidade como um estado de espírito e para realização de algo, seja individual ou coletivo.

Uma das entrevistadas diz:

Para mim felicidade hoje significa realização de objetivos. Eu programo algo, quando consigo atingir esse objetivo eu me sinto realmente feliz. Eu venho de uma história onde tudo era muito difícil. E quando hoje eu consigo estruturar o que eu busco, e consigo atingir. Estou feliz! (DOCENTE B, TRECHO 1)

Outra docente na mesma linha responde:

A felicidade pra mim é um estado de espírito. É um momento por que não existe felicidade eterna, né? Há momentos de felicidade e há momentos que a gente começa a pensar ou repensar a vida. Então, são momentos normalmente com a família, amigos, são conquistas nossas, né? Muitas vezes o que a gente luta pra conquistar quando a gente consegue alcançar aquilo a gente sente um momento de felicidade. Né isso? (DOCENTE E, TRECHO 1).

O terceiro entrevistado complementa: “É... para mim o conceito de felicidade se resume a você fazer o que você gosta com quem você gosta. é... eu estar bem comigo mesmo. Em paz comigo mesmo. É ter sempre Deus no coração. Estar bem comigo e com o mundo” (DOCENTE F, TRECHO 1).

A visão dos docentes sobre a felicidade diz respeito ao entendimento que eles têm sobre a indagação feita, em que colocam a mesma como um processo de estar em conexão com algo positivo, algo que lhes faça estar bem. Esse estar bem vai desde a realização de algo, como estar com pessoas que gostam, de compartilhar momentos, ou mesmo de poder sentir a segurança de um momento de alegria com a família, bem como da concretização dos planos que traçaram para a vida. Talvez, não estejam falando ainda exclusivamente como docente, mas

como ser humano na condição comum a todos e sem a marca explícita de serem alguém ou categoria que ocupa uma posição específica na sociedade.

A felicidade está provavelmente sendo vista pelo lado do ser como pessoa. É pertencente a um lar, a um grupo de amigos e aos familiares que os cercam. Isso mostra que valorizam um lugar comum: o lar. É uma maneira de viver que superestima os possíveis afetos: perto de quem amam e tem amizade. Nesse ambiente teriam a base para traçar objetivos de vida, se espelhar em exemplos e terem o apoio daqueles que estão perto, e, espera-se, prontos para ajudar.

Contudo, além de uma visão pessoal de felicidade, os entrevistados também expressam a felicidade daqueles que convivem com eles por meio das referências que fazem de momentos de encontros. Como os sujeitos de nossa pesquisa são docentes, um dos espaços que mais está presente em suas vidas é o espaço escolar.

O professor está no seu dia a dia em contato direto com uma variedade de ideias, de falas e de imagens que são projetadas dentro e fora das paredes da escola. Podemos considerar que sua atividade docente é permeada de tentativas, falhas e conquistas que não necessariamente estão nessa ordem, mas que se fazem presente nos mais diversos momentos de sua atividade de dar aulas, apesar de a ideia do sucesso profissional categórico e da imersão em um sistema que tira, de certa forma, até o direito de falar das insatisfações, fazer com que, muitas vezes, não as expressem, ou seja, colocado em segundo plano em suas falas o lado das falhas, dos problemas, dos desconfortos, e, por que não, dos sofrimentos ocorridos em sua profissão.

A docente B, ao ser indagada sobre a interferência do espaço escolar – ou mesmo dos acontecimentos que nele sucede – em sua felicidade, assim responde:

Em tudo! Eu vesti a camisa de ser professora, é tanto que já tem 21 anos que eu já podia estar aposentada e eu não consegui ainda me aposentar. Muitas vezes eu estou deitada e fico pensando: **Meu Deus como vai ser eu aposentada? Como vai ser? Como vai ser minha história? Então! O espaço escolar virou a minha vida. Entendeu? Eu vivo para trabalhar não para o aluno adquirir conhecimento, mas a pessoa que precisa aprender a viver** (grifo nosso), então esse espaço escolar ele interfere na minha concepção de felicidade sim. Hoje eu trabalho em cima de objetivos para os meus alunos. A realização de objetivos para os meus alunos. Interfere em tudo. A minha felicidade... O espaço escolar, interfere demais (DOCENTE B, TRECHO 2).

Refletindo sobre as colocações da docente acima, é possível perceber que sua fala se direciona ao tempo de trabalho que vem exercendo. Sua reflexão parte do indagar-se o que fará

depois que se aposentar e como sua vida terá sentido. Desse modo, reflete-se sobre o que sua fala significa, concluindo que seu posicionamento aponta para uma autoanálise de sua condição de continuar docente. O momento de vida da professora é um momento em que se teme deixar a sala de aula e se aposentar, o que acabaria por restringir seu espaço de convivência e os seus círculos sociais, e esses são temores que as pessoas idosas enfrentam, pois constroem uma visão sobre o ambiente de trabalho que perpassa pelo se sentir útil e pela garantia de uma sociabilidade. Além de que, para os professores, em especial, a questão salarial no momento da aposentadoria é motivo de preocupação, tendo em vista que o sistema de previdência lhes tira uma boa parte das quantias que constituem seu salário – valores recebidos por gratificações, projetos aprovados e até mesmo títulos –, se tornando bem menor quando passa a ser aposentado.

Na mesma linha o docente E diz:

Olha! Como eu passo o dia todinho na escola, então eu acho que eu tenho que encontrar na escola a minha felicidade. O contato com os alunos que a gente também fica feliz, quando eles sentem na gente a segurança que eles não conseguem ter em outro lugar. Quando a gente consegue fazer com que o aluno aprenda. Que a gente olha assim meu Deus do céu esses meninos não querem aprender não. Ai de repente você consegue conquistar aquele aluno: “ah, eu não gosto de história”; ah é o aluno que não queria estudar de jeito nenhum e de repente você consegue conquistar aquele aluno em torno da realização daquilo que a gente faz. Também os contatos com os amigos, os colegas de trabalho. Né? Isso é sinônimo de felicidade na minha opinião (DOCENTE E, TRECHO 2).

Ambos os docentes demonstram uma preocupação com os seus alunos quando respondem sobre a interferência do espaço escolar na felicidade dos mesmos. Justificam que a felicidade para eles está interligada às vivências do dia a dia com os alunos e os objetivos que são traçados para melhorar o conhecimento, a aprendizagem e a aceitação por parte daquele aluno do ambiente escolar e daquilo que nele é oferecido. Uma conquista de pessoas (alunos) seria a base do empenho que esses docentes realizam para desenvolver relações e laços sociais dentro de sala de aula em sua profissão.

Apontam que fazer o trabalho docente e conquistar os alunos é uma realização de felicidade. O carinho, talvez, o suporte afetivo demonstrado, o afeto no trato diário com o conjunto de alunos, mesmo que por ventura – eles não dizem – haja algum tipo de conflito que interrompa essa relação. Mas que para estes docentes são um momento em que a felicidade se deixa mostrar, aparecer em meio a rotina escolar já bem conhecida e muitas vezes enfadonha.

Neste sentido, o professor tem seu olhar voltado a dar atenção aos alunos e parece expor uma representação de uma felicidade que depende totalmente deles. Em muitos momentos, o docente é certamente um profissional que se deixa envolver ou mesmo é cobrado a se envolver por todos os lados em sua profissão, e esse lado afetivo que é construído acerca de tudo que constitui seu trabalho pode, às vezes, ser prejudicial, à medida que não há uma separação entre o ser professor e de todo o resto da sua vida, do seu cotidiano, como se fosse um profissional que não pode parar de trabalhar, que não pode em nenhum momento se desvincular da profissão para viver outros aspectos que não estejam relacionados à mesma. Sua condição parece ser associada à de um super-herói, entretanto, demonstra ser muito mais a de um profissional que, na maioria dos casos, lida com diversas limitações no ambiente de atuação. Este sentimento de felicidade, expresso em forma de dever cumprido para alguns, se defronta com a realidade da sala de aula e as precariedades do sistema de ensino.

Para além destas, é possível pensarmos em outras falas de docentes sobre a felicidade. Fazemos um comparativo de falas e ver que percepções e conclusões podemos ter ao ler e buscar uma análise sobre o que afirmam sobre o nosso tema.

A docente G, ao ser indagada sobre ser feliz, responde:

O que me faz feliz é justamente isso que eu disse a você, eu conseguir ver, ou melhor, eu conseguir acompanhar o crescimento do meu alunado. Você se sente realizado no momento que você prepara uma aula, você vai todo animado, você dá sua aula e você consegue compreender não só o próprio aluno em si que tem dificuldade, mas como a turma consegue acompanhar o ritmo. Pelo menos pra mim eu acho que seria isso (DOCENTE G, TRECHO 1).

Ao responder à pergunta o entrevistado expressa seu sentimento de realização enquanto docente. Perceber a evolução dos seus alunos ou de um aluno em específico é o sucesso para ela, e isso a realiza como profissional. O que não difere de outros docentes que anteriormente já responderam, converge esta para uma representação de felicidade vista a partir do sucesso do outro, reforçando o lado afetivo que se constrói em torno da profissão e dos alunos. O bem-estar do outro como reflexo de sua prática docente. Essa é, portanto, uma compreensão de que se está fazendo o correto, o melhor de si, o mais adequado para que suas ações deem frutos e possam impactar positivamente àqueles alunos que dependem do sucesso do professor para também terem sucesso. As ações seriam, assim, complementares para ambos.

A mesma docente fala sobre sua visão possível da felicidade em que para ela não muda, mas permaneceria a mesma sempre:

Tenho cinco anos de atuação em sala de aula. Não comecei como professora não. Comecei... A escola que eu trabalho é escola de educação infantil. Eu comecei como auxiliar de turma do segundo ano do ensino fundamental I. Comecei como auxiliar, depois de um tempo foi que eu fui adquirindo experiência e tudo mais e hoje eu sou titular. Mas assim em relação a questão de mudança de felicidade... Conceito de felicidade do que era há cinco anos atrás pra hoje eu acho que não mudou muito não. Não, não mudou. É o mesmo (DOCENTE G, TRECHO 2).

Sua compreensão sobre felicidade é algo que não muda. A felicidade para ela permanece estática, e não concebe alteração desde que entrou em sala de aula ou mesmo atua em ambiente escolar. Podemos compreender que em sua visão a felicidade não dependeria de fatores de mudança temporal, como nós historiadores concebemos com influências do contexto sociocultural, englobando um coletivo. Mas a felicidade dependeria do sujeito, aquele que a sente e percebe e dela se beneficia. Seria, portanto, uma felicidade do outro mais contemplativa do que compartilhada.

Outra entrevistada ao ser indagada sobre o tema da felicidade expressa sua opinião dizendo:

Como o tema é bem subjetivo eu não posso nem dizer que não. São muitas as opiniões, num é? E eu gostava ... (Inaudível) ... em sala de aula com os meus alunos e vendo essa realidade muitas vezes nós chegamos a trabalhar muitos temas subjetivos e dá pra perceber que a ideia de felicidade que eu tenho de querer prosperar em ajuda não é para todos. Já escutei muitas pessoas até irmãos muito próximos acharem que a felicidade está no dinheiro, o que para mim não condiz à minha forma de ser feliz. Doar para alguém seguir. Eu sou mais doar para alguém seguir do que eu pegar o dinheiro para eu usufruir. É tanta... É... O que eu digo é tão verdade que eu não sou uma pessoa voltada a grandes passeios. Por que eu não me apego ao dinheiro pra poder eu passear. Eu me apego a dar tudo de mim em trabalho para ver alguém prosperar. É assim que eu ajo e é assim que eu me sinto feliz. Eu vi que há muitos conceitos e principalmente na sociedade em que vivemos hoje muitos acharem que pra ser feliz é preciso ter muito dinheiro. Eu sinto que a minha forma de ser feliz é ajudando, é me doando em prol dessa sociedade em que eu vivo aqui em Pombal (DOCENTE D, TRECHO 1).

Vemos aqui uma outra maneira de enxergar a felicidade que se impõe ao coletivo. Sua relação de felicidade está voltada para um conjunto mais amplo de pessoas. A docente se coloca como alguém que se doa ao coletivo colocando seu trabalho à disposição do outro e com isso sendo feliz. Sua condição de agente político talvez seja um fator para essa imagem que sua fala reflete, pois, como diretamente ligada no serviço educacional da Prefeitura isso pode dizer muito de sua fala. Essa docente mais aberta a espaços e pessoas, expressa uma vontade de ser feliz com o outro, com as relações e vínculos que estabelece e, com isso, poder se realizar. Poder estar se doando a algo que entenda ser uma prática que lhe faça feliz, além do corriqueiro

da sala de aula, ou seja, ministrar as aulas, mas tendo no momento que administrar a educação local.

O seu discurso é voltado para uma espécie de desapego de si e próximo de uma doação de suas capacidades e competências para o outro, segundo a mesma. Indagamos, portanto, se a todo momento isso é possível, doar-se sempre ao outro, desapegar-se de algo interior para ser aberto à uma felicidade do outro como deixa transparecer em suas palavras. Diferentemente do docente anterior, que demonstra uma felicidade do sujeito, mais voltada ao individual apesar de certa forma também estar atrelada a um sucesso assistido do outro, a docente D diz buscar se doar ao máximo nunca parando de trabalhar, sempre estando à disposição. Talvez esquecendo de si própria em alguns momentos e levando em conta uma felicidade totalmente dependente do outro. É como se o professor tivesse que se afastar do profissional, do técnico, do intelectual e até mesmo de si, e só se tornasse um sujeito realizado ao “doar-se”, ao ser a todo momento professor e estar sempre trabalhando. Compreendemos que toda relação é fruto dos contatos e que o professor existe na relação com a escola, estudantes e outros profissionais sim, mas também é um sujeito que não necessariamente tem que se desapegar de tudo, não tem que se anular e somente entender o estudante e voltar sua prática visando a felicidade do outro, e, só quando o outro se vê feliz, ele se vê feliz também.

O ambiente docente não é só permeado de relações afetivas, mas também de conflitos, o que nos faz perceber que o discurso da docente busca um desprendimento da realidade prática com o objetivo de criar uma imagem positiva de si e para outros, o que também está presente nas demais falas que expomos. De uma forma ou de outra, falar de si próprio e de sua prática docente e a felicidade envolvida, suscita não só expor representações, mas construir escritas de si, produzir discursos que criem autoimagens que são providas de intencionalidades.

Do mesmo modo, percebemos que a mesma enquanto docente e em uma condição de administradora da educação municipal, traz para sua concepção de felicidade um discurso que se aproxima do linguajar político, de uma estratégia de se colocar a serviço do outro e da cidade com a presteza e prontidão de quem visa construir uma imagem positiva e prestativa para si e para o outro. Sua felicidade se legitima por suas ações e seu modo de pensar, o que configura seu estilo de alguém que se “doa” e nisso enxerga a felicidade.

De maneira sutil, mas com o mesmo sentido, os demais entrevistados também chamam para si certa ideia de doação pelo outro como condição para ser feliz. Carregam, portanto, uma fala de realização no outro como regra para ser feliz.

Precisamos problematizar as ideias da doação máxima e da felicidade dependente de outrem, que é mais especificamente, o alunado. Como já colocamos, essas ideias parecem levar

a extrapolação do ser profissional e a anulação da subjetividade do sujeito, que antes de ser docente é uma pessoa. Esses discursos acabam excluindo algumas questões possíveis das realidades práticas dos docentes, como os problemas de diversas naturezas enfrentados em sala de aula, as condições de trabalho e o adoecimento desses profissionais.

Algumas pesquisas trazem à tona a questão do adoecimento, principalmente psicológico, dos docentes<sup>8</sup>. Uma pesquisa *online* realizada pela Associação Nova Escola com aproximadamente cinco mil professores no ano de 2018, mostra que 66% desses professores já precisaram se afastar de suas atividades por problemas de saúde e a maioria coloca como causa desses problemas o excesso de trabalho. O jornal Brasil de Fato também fez um estudo nesse âmbito já no ano de 2019, demonstrando que “Por dia, 111 professores da rede estadual de São Paulo foram afastados por transtornos mentais ou comportamentais” (BRASIL DE FATO, 2019), a pesquisa foi realizada somente até o mês de agosto do ano corrente e já se depara com um número expressivo de afastamento. Essas pesquisas e seus dados nos mostram que muitas das idealizações que colocam o professor como aquele que deve estar sempre a trabalho e que não pode ser desvinculado do mesmo, estabelecem relações com o adoecimento desses profissionais, e, conseqüentemente, a grande parcela de afastamento do trabalho. Apesar de muitos docentes acabarem por deixar em segundo plano em seus depoimentos os problemas que enfrentam, seja por não se sentirem à vontade para falarem, seja por pensarem que isso pode desapontar as suas ideias de sucesso profissional, com pesquisas como essas percebemos a existência notável dos problemas e suas conseqüências, as quais interferem decisivamente na vida desses sujeitos como um todo.

Outros dois entrevistados também trazem suas concepções de felicidade e suas falas também giram em torno da construção de uma representação baseada em uma própria visão de mundo, na qual as outras pessoas exercem posição de centralidade:

Apenas alguns motivos no meu entendimento são fundamentais para alcançar a almejada felicidade. Não acredito que alguém seja feliz sem ter Deus no coração. Então pra mim é reconhecer em Deus a suprema majestade, o ser maior. Reconhecer a si mesmo, ver inclusive seus defeitos. Saber quais são as suas limitações. Saber até onde o indivíduo pode caminhar. Enxergar a diversidade. Trocando em miúdos, aceitar as pessoas como elas são. Por que nós sabemos que existe diversidade entre as pessoas da humanidade, até dentro da própria família. E é um grande desafio para o ser humano e importante para alcançar a felicidade saber viver com essa diversidade, com essa diferença. Por que nós sabemos que cada uma tem um pensamento. Então

---

<sup>8</sup> Procuramos a realização de uma pesquisa nesse sentido através da observação dos pedidos de afastamento dos professores da cidade de Pombal-PB, porém, não tivemos a possibilidade do acesso a esses documentos, os quais são arquivados na Prefeitura Municipal.

respeitar o pensamento dos outros, nunca querer que o seu pensamento esteja sobre todos os outros pensamentos. Uma coisa importante é aprender algo novo, sempre estar disposto às mudanças, não à todas porque eu entendo que algumas são pra gente... Então o algo novo deve ser aceito desde que traga benefício para sua formação moral e para sua formação intelectual. Evitar o pessimismo, como existe pessoas que é pessimista em tudo. Parece ser assim. Quer dizer, só pensa negativamente. Nós temos que ter o pensamento para o positivismo. Sempre acreditar, sempre acreditar que vai conseguir. E nunca cruzar os braços. E apertos, apresentar dificuldades com negativismo. O negativismo só traz o que? O péssimo. O que é pior. Num é? Com respeito, com educação, com segurança. Porque muitas vezes o não dado com.... É você sempre estar perto de quem ama. De quem tem.... Sofremos as influências do ambiente em que nós vivemos. Perto dos nossos semelhantes. Se nós vivemos rodeados por pessoas pessimistas. O entendimento é.... são muito importantes para se alcançar (DOCENTE A, TRECHO 1).

É perceptível que para esse docente o meio que o cerca é uma condição muito importante para sua concepção de felicidade. Além, claro, de suas crenças religiosas e filosóficas, nas quais o mundo é feito por pessoas as mais diferentes possíveis e com pensamentos diversos. Sua condição de escritor e ex-administrador escolar lhe forneceu uma bagagem e uma visão de mundo que o considera diferente para poder compreender o mundo, sendo assim essa uma visão estritamente pessoal do entrevistado.

Sua compreensão de felicidade passa por um sentido amplo de compreender o outro. Mesmo sendo docente, busca falar mais do seu entendimento de felicidade relacionado às questões da vida em geral. Mostra que alguns valores como o respeito ao outro, a busca pela fé e vida com propósito de fazer o bem o levam a ser feliz. Distancia-se de pensamentos e atitudes negativas e recomenda que outros façam o mesmo para também serem felizes. Seu histórico de escritor o faz se colocar com um discurso que enxerga o coletivo, perpassando um olhar sobre as atitudes do ser humano como aquele capaz de ser feliz se estiver em harmonia consigo mesmo. Nesse discurso é explicitada novamente a intencionalidade de se construir uma escrita e uma imagem de si que visa a positividade, tanto diante e para quem está entrevistando, quanto para quem irá ter acesso à sua fala.

O docente A também nos fornece uma fala sobre um tema relacionado à felicidade que discutimos anteriormente, o consumo, e que nos ajuda a entender o próprio contexto histórico que formou esse professor:

O consumismo, muita gente mistura a produção. O produto ele é necessário, agora o homem se escraviza. Num é atoa que se diz que o homem se torna escravo do seu produto. Ele vicia, ele vicia. Sempre eu faço um paralelo, naquela época nós brincávamos de carrinhos feitos por nós mesmos, bola de meia, e outros tipos de brincadeiras. Garrafão, tinha queimada. Hoje o que é que se vê? Tira a criatividade da criança. Já vem pronta, o pai já compra, num

é! Para as mulheres uma boneca da estrela. Num é assim? O menino se endeusa com aquilo vai brincar. E onde fica o poder de criatividade. Mas a espontaneidade da criança onde é que fica? Hoje o que é que se vê? A criança no celular. Eu conheço crianças em certa idade que já mexe num *tablet* mais do que pessoas adultas que também... Esquecem dos livros, se tornam escravos.... É o consumismo está causando até a ... (Inaudível) ... longe da família. Eu sou de uma época em que todos faziam refeição juntos. Hoje cada um pega seu prato sai com ele na mão vai para o seu quarto liga uma televisão ou então liga o celular no *whatsapp* e fica aqui comendo e vai embora e a união ... (inaudível) .... Eu vejo por esse lado (DOCENTE A, TRECHO 2).

O professor direciona uma crítica à algumas características do tempo e da sociedade em que vivemos, ao falar do consumismo também se reporta às mudanças de costumes que ocorreram entre a época em que ele se considera pertencente e a atualidade. O docente atrela essas transformações ao desmonte dos costumes e das tradições que ele preza e demonstra ter uma opinião negativa sobre esse desmonte e que o causa insatisfação. Esse discurso de insatisfação com certas transformações sociais e de costumes é comum principalmente entre os mais idosos, e entre os que são também professores as transformações na educação e em especial no perfil do alunado são vistas como motivos de infelicidade, como poderemos ver também no discurso do professor C, que tratamos a seguir.

O entrevistado C, docente militante no campo artístico-cultural expressa sua concepção de felicidade da seguinte forma: “Alegria. É um estado de contentamento. O bem-estar de cada ser vivente na face dessa terra” (DOCENTE C, TRECHO 1). Além dessa definição mais direta ele explica que:

O espaço escolar interfere às vezes quando a indisciplina passa a interferir sim, no relacionamento das pessoas. Aí eu vejo que interfere. Mas enquanto isso não acontece eu vejo que.... Eu vejo com grandeza isso aí. A disciplina dos jovens. O crescimento de cada cidadão através da educação. O desenvolvimento e o crescimento da própria unidade de ensino, por que passa a ter sim toda uma divulgação, todo um trabalho desenvolvido pelos professores, todo um trabalho desenvolvido pelos alunos, eu vejo isso como crescimento. Mas se a indisciplina chegar eu vou ver isso com tristeza e cada um vai ver isso com tristeza. Aí interfere nesse assunto. Quando você obtém uma nota excelente é a sua felicidade, é a felicidade dos seus. E quando você não tem, quando você não consegue. É a tristeza de muitos e isso eu acho que interfere (DOCENTE C, TRECHO 2).

Podemos compreender que sua primeira colocação é bem direta a respeito da felicidade, dando a entender que é algo que tem a ver com o bem-estar e o sentir-se feliz que falamos no começo da nossa discussão com os entrevistados. A felicidade como um estado de

espírito comum a todas as pessoas. Para o entrevistado, ser feliz é poder estar em momentos de contentamento.

Em outro trecho, sua fala se volta para o espaço escolar em que enxerga a indisciplina como sendo o avesso da felicidade. Entende-se assim, que ao descrever o esforço de todos que participa da escola para que ela seja um ambiente saudável e de conquistas, a indisciplina seria o obstáculo à felicidade, seria o ponto fora da curva que traria o impedimento ao sucesso de professores, alunos e da própria escola. Ao invés de alegres e cheio de felicidade, estariam cheios de tristeza. Notamos nesse discurso um apego a positivar a disciplina e a negativar o contrário dela, questão que pode ter sido colocada dessa maneira pelas influências do próprio contexto histórico-educacional do professor, o qual é pautado em características pedagógicas tradicionais, que superestimam a disciplina dentro de sala de aula e que veem a mesma como sinônimo de sucesso e felicidade na prática docente.

Diante do que aqui foi colocado, percebemos que os professores, quando indagados sobre a felicidade em suas vidas, abordam diversas questões, mas o campo profissional faz convergir as concepções e elas dialogam com os lugares comuns da sociedade e do que pregam alguns pensadores, como Karnal (2012) e Alves (1994), que ditam manuais, receitas de como o professor deve ser e fazer e que, inclusive, estão diretamente ligados aos lugares dos quais partem, que são de pensadores que, em certa medida, estão distante da realidade das salas de aula. Nesse ponto de encontro, as narrativas idealizam a figura do professor e, por consequência, a própria figura, ou a autoimagem que os depoentes constroem focando nas questões positivas de si e da profissão docente, existindo poucos momentos e certo receio em falar de pontos negativos nos discursos que colhemos, só falando quando foram realmente deparados com uma incitação direta. A ideia de “Se você gosta do que você faz, então você continua sendo feliz. Independente de salário” (DOCENTE F, TRECHO 2), parece ter predominado nos depoimentos mesmo que em alguns de forma implícita ou ficando como mensagem final dos professores, e engendra sentidos complexos à medida que ao mesmo tempo impõe uma felicidade no trabalho docente somente pelo gostar da profissão, e também desconsidera fatores que podem ser determinantes para essa felicidade, que são as condições de trabalho e salarias dignas e valorizadoras da profissão. E essas condições, na maioria das vezes, são conseguidas pelas lutas trabalhistas que têm como base mais as insatisfações do que os contentamentos.

Entretanto, não nos cabe negar ou deslegitimar tais discursos e a insistência nas questões positivas, mas a tentativa de problematiza-los se faz necessária, pois, as representações são criadas a partir deles e isso implica priorizar alguns fatos, ideias e memórias em detrimentos de outros, e considerar esses outros se torna também importante para o pesquisador para a

compreensão dessas próprias representações. Além do mais, percebe-se que [...] a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204), e isso tudo faz parte das construções dos discursos, das representações e das memórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É bem verdade que os desafios enfrentados pelo pesquisador se multiplicam, quando ele faz uma opção pelo estudo da expressão dos sentimentos observados. Afinal, uma nova opção metodológica remete o historiador a um labirinto bem mais complexo do que aquele roteiro consagrado de revelar o conteúdo pautado pelos parâmetros da análise racionalista (JUCÁ; NASCIMENTO, 2012, p. 23).

Vários desafios se impuseram quando optamos por trabalhar um tema pouco estudado na nossa área de formação. Pensar um tipo de fonte em que pudéssemos tratar de uma sensibilidade tão importante na história dos sentimentos humanos e, da mesma forma, tão fundamental no cotidiano emocional e psicológico das pessoas foi a primeira peleja que travamos. Pesquisar e escrever uma narrativa historiográfica sobre a felicidade nos desafiou também quanto ao pensamento acerca das metodologias e teorias possíveis para a elaboração dessa história, que muitas vezes nos pareceu inextricável. Mas a ideia da construção de um arranjo veio à tona e pensamos que nada mais incitante seria observar o sentimento pelo que falam os próprios sujeitos, reportando-se às suas idealizações, às suas memórias e aos seus modos de viver e enxergar o mundo. E nos pareceu nada mais coerente que analisar a felicidade com um olhar sensível, baseado na sua dimensão cultural e histórica, em uma perspectiva teórico-metodológica que justamente considerasse essas dimensões através da construção dos discursos e das representações.

A realização das entrevistas, do colhimento das falas dos docentes, foi penosa, mas conseguimos obter os depoimentos de alguns professores mesmo na correria de um dia a dia deles marcado pelo trabalho em várias escolas e por muitos compromissos e ocupações. Muitas das entrevistas foram feitas nos locais de trabalho e até em encontros na rua; questões que dificultaram a qualidade dos áudios, mas que nos possibilitou um conhecimento mais experiencial e íntimo do cotidiano prático desses docentes.

Em nosso texto nos preocupamos em contextualizar o tema da felicidade dentro da produção científico-acadêmica, principalmente, dentro da História para nos atermos quanto à posição ocupada pelo tema da felicidade dentro da nossa área e, evidentemente, para conhecermos os nossos possíveis interlocutores. Essa pesquisa foi fundamental para sabermos da importância de se buscar o conhecimento do tema, haja vista a quantidade pequena de produções historiográficas que atestamos. Também nos preocupamos com a contextualização da felicidade dentro da época estudada, procurando perceber as relações que se estabelecem entre essa sensibilidade e temas associados que na contemporaneidade influenciam a construção

dos conceitos e das idealizações de felicidade. Pudemos observar que a política e, principalmente, o consumo e o trabalho são praticamente indissociáveis quando pensamos as representações contemporâneas de felicidade.

Diante disso, partimos para a análise das falas coletadas. Tentamos perceber como e a partir de que aqueles professores construíram seus discursos e as suas representações, e descobrimos mais do que simples concepções de felicidade, mas visões de mundo e da realidade docente que perpassam os discursos que se apresentaram por escritas de si, autorepresentações e autoimagens. Essas construções demonstraram estar em campos de disputa, visando a valorização maior de alguns aspectos em detrimento de outros, o que mostra a existência de suas intencionalidades. As falas dos docentes são carregadas de idealizações, críticas, representações não só da felicidade em si, mas do tempo em que viveram e do que vivem, das transformações sociais e educacionais. Os mais antigos muitas vezes sentem falta de épocas passadas, que nas suas concepções foram melhores e a que construíram um sentimento de pertencimento. Os mais jovens procuram falar da sua vida e da sua profissão em um momento de ápice, em que estão administrando vários empregos e diversos compromissos, exaltando e falando de suas fórmulas para se conseguir o êxito no trabalho docente e, conseqüentemente, a felicidade.

Para além do que foi realizado, é importante enxergarmos as possibilidades de novas discussões a serem empreendidas acerca da felicidade. Existem diversos grupos, sujeitos, épocas, perspectivas a serem estudadas e muitos outros caminhos de pesquisa podem ser trilhados e outras narrativas escritas. A felicidade, enquanto tema, nos demonstrou ser um tema que contém bastante cenários a serem descortinados, e os desafios se fazem presentes para que possamos ir além do já abordado e dito. E não só a felicidade, mas o campo dos sentimentos merece atenção científica, pois não se trata apenas de irracionalidade, trata-se de formas de dar sentido ao mundo e às realidades em que se vive. As sensibilidades podem ser vistas como construção histórica, afinal, sentimos de maneiras diferentes e ressignificamos os sentidos e os sentimentos de acordo com o que se considera aceito e plausível em determinados momentos históricos.

Para pesquisas futuras deixamos em aberto algumas questões ou sugestões, como uma análise comparativa entre os docentes de cada grupo pesquisado aqui, percebendo como aspecto principal a temporalidade vivida, ou até mesmo, focar nas transformações educacionais entre essas épocas e as influências que estas podem exercer sobre as representações de felicidade docente.

## REFERÊNCIAS:

66% DOS PROFESSORES JÁ PRECISARAM SE AFASTAR POR PROBLEMAS DE SAÚDE. **Associação Nova Escola**, agosto de 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-ja-precisaram-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude>. Acesso em 22 de novembro de 2019.

A CADA DIA, MAIS DE 100 PROFESSORES SÃO AFASTADOS POR TRANSTORNOS MENTAIS EM SP. **Jornal Brasil de Fato**, outubro de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/15/a-cada-dia-mais-de-100-professores-sao-afastados-por-transtornos-mentais-em-sp/>. Acesso em: 22 de novembro de 2019.

ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: \_\_\_\_\_ **Ouvir contar: textos em história oral** - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 13-31.

ALVES, Giovanni. Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório - O novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha. In: **Estudos do Trabalho**. Ano V, Número 8, 2011, 01-29.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3º ed. ARS POETICA EDITORA LTDA, 1994.

\_\_\_\_\_. **Por uma educação romântica**. – Campinas – SP: Papyrus, 2002.

ARAÚJO, Jerdivan Nobrega de. **Em algum lugar chamado Pombal**. – João Pessoa: Gráfica e Editora Imprell, 2010.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Um grão de sal: autenticidade, felicidade e relações de amizade na correspondência de Mário de Andrade com Carlos Drummond. In: **Hist. Historiogr**, Ouro Preto, n 16, 2014, p.174-185.

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 221-247.

\_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção Os Pensadores, vol. II. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ATTIE FILHO, Miguel Falsafa. **A filosofia entre os árabes – uma herança esquecida**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

BARROS FILHO, Clóvis... Conferência – Felicidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rgWrovps9PE>. Acesso em: 25/11/2018.

BARBOSA NETO, Luiz. **Escola Estadual “Arruda Câmara” Marco Histórico na Educação Pombalense**. Pombal Paraíba: Gráfica Andyara, 2005.

BARBOSA, Kathia Maria de Melo e Silva. **A felicidade como propósito da didática na formação docente**. V CONEDU - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2018. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SAI18\\_ID1591\\_28082018110629.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SAI18_ID1591_28082018110629.pdf). Acesso em: 15/01/2019.

BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres; relações homem-mulher e revistas femininas (1945-1964)**. São Paulo, (Dissertação de Mestrado) FFLCH/USP, 1992.

\_\_\_\_\_. Revistas Femininas e o ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964). In: **Caderno Pangu** - UNICAMP, 1992, p. 111-148.

BENDASSOLI, Pedro Fernando. Público, privado e o indivíduo no novo capitalismo. In: **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12, novembro de 2000, p. 203-236.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165-196.

BODEI, Remo; PIZZOLATO, Luigi Franco. **A Política e a Felicidade**. Bauru, SP: Edusc, 2000.

BORELLI, Verena Alice; FIDELIS, Andréa Cristina; RECH, Jane. A Relação entre Felicidade e Trabalho: Um Estudo Exploratório com Profissionais Ativos e Aposentados. In: **XV Mostra de Iniciação Científica, Pós-graduação, Pesquisa e Extensão – UCS**, 2019, p. 1-11.

BOTO, Carlota. Ética e Educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. In: **Educação e Sociedade**, n 76, 2001, p. 121-146.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. In: **Linguagem - Estudos e Pesquisas**. vol. 15, n. 01, 2011, p. 171-182.

BRASIL. Proposta de Emenda Constitucional nº 19 de 07 de setembro de 2010. Autor Cristovam Buarque. Brasília, abril de 2012. Disponível em: [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br). Acesso em: 28 de outubro de 2019.

BRUCKNER, Pascal. **A euforia perpétua**: ensaio sobre o dever da felicidade. Rio de Janeiro Difel, 2002.

CAMPS, Victoria. **Ética, retórica, política**. 2ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ Relume Dumara. 1996.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. A Operação Histórica. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974, p. 17-48.

CHARADEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. **O discurso da mídia**. Rio: Oficina do Autor, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

\_\_\_\_\_. (org.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIX e siècle*. Paris: Fayard, 1991.

\_\_\_\_\_. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). In: **Cadernos Pagu - UNICAMP**. São Paulo: Campinas, n.4,1995, p. 37-47.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

CORRÊA, Mariza. **Morte em família: representações jurídicas de papéis sexuais**. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

COSTA, Ricardo da. A educação na Idade Média. A busca pela sabedoria como caminho para a Felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull (séculos X-XIII). In: **Dimensões**, vol 15, 2003, 99-115.

D'INCAO, Maria Ângela (org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1989.

DARDIGNA, Anne-Marie. *La presse "féminine"; fonction ideologique*. Paris, Maspero, 1978.

DECLARAÇÃO UNÂNIME DOS TREZE ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA de 4 de julho de 1776. Disponível em: [https://agalgz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=gzeditora:declaracao\\_da\\_independencia\\_eua.pdf](https://agalgz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=gzeditora:declaracao_da_independencia_eua.pdf). Acesso em: 28 de outubro de 2019.

ERTZOGUE, M. Haizenreder; PARENTE, T. Gomes. **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo, 2006.

FERREIRA, Loyane Aline Pessato. **A soma das luxes na construção da felicidade pública e a reflexão sobre o passado português: política e história na Revista IHGB (1838-1839)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas SP, 2010.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: 8.ed. Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p.129-160.

FROTA, Lélia Coelho (org.). **Carlos e Mário: Correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

FUNARI, P.P.A. Falos e representações sexuais: representações romanas para além da 'natureza'. In: Funari, P.P.A. et alli (orgs.) **Amor, desejo e Poder na Antiguidade – Relações de gênero e representações do feminino**, Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 317-325.

GARRAFFONI, Renata S. Felicitas Romana: Felicidade Antiga e Percepções Modernas. In: **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 46, 2007, p. 13-29.

\_\_\_\_\_. Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2005. In: FUNARI, P. P. A. *et al.* (Orgs.). **Amor, desejo e poder na Antigüidade**: relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

JUCÁ, Giasafran Nazareno Mota; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Memória e Sensibilidades. In: COSTA, Cléria B.; PATRIOTA, Rosangela; RAMOS, Alcides Freire. **Temas de História Cultural**. São Paulo: Hucitec, 2012, p. 23-28.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 1995.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. – São Paulo: Contexto, 2012.

LAUAND, Luiz Jean (org.). **Cultura e educação na Idade Média – textos do século V ao XIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAURENT, Vidal. Alain Corbin: o prazer do historiador (entrevista). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 49, 2005, p. 11-31.

LE GOFF, Jaques. **Os intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LYRA, Maria de Lourdes Viana. Memória da Independência: Marcos e Representações simbólicas. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V. 15, no. 29, 1995, p. 173-206.

MARQUARD, Odo. **Felicidad en la infelicidad**. Buenos Aires: Katz, 2006.

MATOS, Maria I. S. de (org.). **Gênero em debate**: trajetórias e perspectivas na História Contemporânea. São Paulo: Educ, 1997.

MCMAHON, Darrin, M. **Felicidade**: uma história. São Paulo: Globo, 2006.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp/Instituto de Estudos Brasileiros, 2000.

MORAES, Marcos Antonio. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2007.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. In: **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, São Paulo, 2001, p. 8-19.

MORIN, Estelle; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira; TONELLI, Maria José. O trabalho e seus sentidos. In: **Psicologia & Sociedade**, vol. 19, núm. 1, - Associação Brasileira de Psicologia Social. Minas Gerais, Brasil, 2007, p. 47-56.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e Sensibilidade Romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

NORA, P. (Dir.). *Les lieux des mémoires*. Paris: Gallimard, 1984.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-158.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades escrita e leitura da alma. In: **Sensibilidade na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, 2007, p. 9-21.

\_\_\_\_\_. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Tempos Acadêmicos**, Criciúma, SC: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2003, p. 127-134.

\_\_\_\_\_ e LANGUE, Frederique (Orgs). **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol 5. n. 10, 1992, p. 200-212.

PRICE, B.B. **Introdução ao pensamento medieval**. Lisboa: Edições Asa, 1996.

QUEIROGA, Onélia Setúbal Rocha de. **Contos pombalenses**. – João Pessoa: Idéia, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. 3ª ed. São Paulo: Difel, 1979.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. **O velho arraial de piranhas** (Pombal). 2ª Ed. Revisada e Ampliada, Editora Grafset: João Pessoa-PB, 2004.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Receitas de felicidade e espectros da infelicidade**: o código civil de 1916 e as lições de comportamento na Revista Feminina no início do século XX. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **A trajetória política de Pombal**. Editora Imprell, 1999.

VARELLA, Drauzio. Síndrome de Sournout. Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-burnout-esgotamento-profissional/>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

VIEIRA, Francisco. **Pombal em retalhos**: crônicas e contos. – João Pessoa; Ideia, 2013.

WEBER, Max. **O ascetismo e o espírito do capitalismo**. In: A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 2001, 71-87.

WEGNER, Robert. A doença nervosa de Mário de Andrade. In: XXXVI ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2012, Águas de Lindoia. **Anais...**2012.

## APÊNDICES



## CFP/CAMPUS – CAJAZEIRAS-PB

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **REPRESENTAÇÕES DOCENTES SOBRE A FELICIDADE (POMBAL-PB DE 1980 AOS DIAS ATUAIS)** coordenado pela discente Amanayara Raquel de Sousa Ferreira e vinculada a UFCG - Universidade Federal de Campina Grande (UACS/CFP). Para tanto, declara que está ciente e de acordo com o desenvolvimento da pesquisa.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. O objetivo geral da pesquisa se trata de analisar como e em quais condições é elaborado e representado o conceito de felicidade do ponto de vista de docentes, da década de 1980 e a atualidade. Esse estudo será feito através da análise das falas dos professores entrevistados, objetos que os mesmos possam disponibilizar para demonstração ou rememoração das ideias e o auxílio de textos acadêmicos para discussão do tema. Como também desenvolver alguns objetivos específicos como: problematizar, por meio das entrevistas cedidas por professores que atuaram na década de 1980 e os que atuam na atualidade na cidade de Pombal - PB, como tais sujeitos percebem o conceito de felicidade; analisar a partir desses discursos como as mudanças de contextos históricos e as condições culturais, políticas e econômicas podem influenciar na imagem elaborada sobre a felicidade; relacionar o aspecto docente como um fator preponderante nessa representação de felicidade.

Este estudo se faz necessário para realização de conclusão de curso, defesa do TCC.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao (s) seguinte (s) procedimentos: entrevistas registradas com gravador e voz e transcritas realizadas com aproximadamente oito professores que atuaram no período de tempo da década 1980 aos dias atuais. Os riscos envolvidos com sua participação são: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas e algum efeito emocional indesejado devido às rememorações necessárias para responder as perguntas. Os benefícios da pesquisa serão: uma contribuição para uma discussão pouco efetuada no campo historiográfico, a sobre a felicidade; dar visibilidade a um tema que interessa também ao meio social e não somente ao acadêmico, pois

a felicidade é um tema muito presente no dia a dia das pessoas; e relacionar o tema com a característica docente ao mesmo tempo historicizando-o.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Amanayara Raquel de Sousa Ferreira, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome: Amanayara Raquel de Sousa Ferreira**

**Instituição: Universidade Federal de Campina Grande - CFP**

**Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo – Casas Populares s/n, Cajazeiras-PB. (Residência Feminina).**

**Telefone: (83) 998587748**

**E-mail: amanayarasousa\_@hotmail.com**

**Dados para contato com o Comitê de Ética**

**Centro de Formação de Professores - CFP**

**Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n - Casas Populares**

**Tel.: (83) 3532-2000**

**CEP 58900-000 - Cajazeiras**

**Site: <http://cfp.ufcg.edu.br/portal/index.php/ceua>**

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

\_\_\_\_\_  
Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável pelo estudo



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**PESQUISA MONOGRÁFICA**

**REPRESENTAÇÕES DOCENTES SOBRE A FELICIDADE  
(POMBAL/PB DE 1980 AOS DIAS ATUAIS)**

**PESQUISADORA: AMANAYARA RAQUEL DE SOUSA FERREIRA  
ORIENTADOR: PROF. DR. VALTER FERREIRA RODRIGUES**

### **QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA**

#### **1) DADOS DO ENTREVISTADO:**

- Nome completo:

\_\_\_\_\_

- Idade: \_\_\_\_\_

- Local de nascimento \_\_\_\_\_

- Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### **2) CONCEPÇÃO PESSOAL DE FELICIDADE**

- PARA VOCÊ, O QUE É A “FELICIDADE”?
- O QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS IMPORTANTE PARA ALCANÇAR A FELICIDADE?

#### **3) QUESTÕES GERAIS**

- VOCÊ ACHA QUE O CONTEXTO SOCIAL E O CULTURAL INFLUENCIAM EM SUAS IDEIAS SOBRE ESSE ASSUNTO?
- DURANTE A SUA VIVÊNCIA VOCÊ CONSEGUE PERCEBER UMA MUDANÇA DE OPINIÃO SOBRE A FELICIDADE?

**4) FELICIDADE E TRABALHO DOCENTE**

- EM QUE E COMO O ESPAÇO ESCOLAR INTERFERE NA SUA CONCEPÇÃO DE FELICIDADE?
- ENQUANDO DOCENTE, COMO VOCÊ PERCEBE A FELICIDADE?
- VOCÊ ACHA QUE EXISTEM MUDANÇAS NAS IDEIAS SOBRE A FELICIDADE DENTRO DO ESPAÇO ESCOLAR AO LONGO DO SEU TEMPO DE ATUAÇÃO?

## ENTREVISTA 01

**PESQUISADORA:** Concede-me essa entrevista?

**DOCENTE A:** Concedo.

**PESQUISADORA:** Para você o que é a felicidade? *(Não deu para perceber se essa pergunta foi feita, o áudio deu um pulo).*

**DOCENTE A:** Bem, definição sobre felicidade... tal tema... na linha do pensamento freudiana, ele defende que... tanto isso, no ramo da tese de que a felicidade está sempre... não é exclusivamente isso, né? No budismo defende que é um estado mental com a finalidade de conseguir a libertação do sofrimento e a satisfação do desejo. Na linha religiosa, principalmente do cristianismo, a felicidade é acreditar em um Deus superior a todos. Então vejamos cada linha de pensamento segue... A luz da razão é difícil você definir felicidade como um todo. Então todas estas são formas de felicidade. A felicidade do ter, a felicidade do prazer, a felicidade de estar. A felicidade do saber e do ter é aquela em que o indivíduo quer sempre mais. Quer ter mais patrimônio. Aquilo que se costuma dizer na linguagem popular, a felicidade não completa, nunca enche. Então essa é a lógica da felicidade do ter. Aí vem o estar. É a pessoa que quer sempre momentos sem preocupações. Num é? É aquele que busca algo no divino. Como no caso dos católicos, dos evangélicos que buscam a felicidade em Deus como o senhor supremo de todas as coisas. Né? Então fundamentado nesses quatro pensamentos, que existem mais, eu citei apenas quatro. Então fundamentado nessas quatro áreas de pensamento podemos dizer que é muito difícil elaborar uma definição ou um conceito de felicidade no seu todo. Eu entendo, isso é um pensamento meu, a felicidade como um estado de espírito pleno de satisfação. Só que esse estado ele pode ser causado duráveis, as vezes a felicidade dura meses, até anos e em outros momentos ela é rápida. Ela dura pouco, né? É o momento de emoções e de sentimentos, quando um sonho é alcançado, um desejo realizado. Então eu vejo dessa forma, definido dessa maneira. Um estado provocado por reações duráveis ou passageiras, os motivos não são permanentes, não são eternos. Apenas duráveis. Então é nessa visão que eu tenho o meu conceito de felicidade.

**PESQUISADORA:** Como alcançar essa felicidade que o senhor acabou de conceituar?

**DOCENTE A:** Apenas alguns motivos no meu entendimento são fundamentais para alcançar a almejada felicidade. Não acredito que alguém seja feliz sem ter Deus no coração. Então pra mim é reconhecer em Deus a suprema majestade, o ser maior. Reconhecer a se mesmo, ver

inclusive seus defeitos. Saber quais são as suas limitações. Saber até onde o indivíduo pode caminhar. Enxergar a diversidade. Trocando em miúdos, aceitar as pessoas como elas são. Porque nós sabemos que existe diversidade entre as pessoas da humanidade, até dentro da própria família. E é um grande desafio para o ser humano e importante para alcançar a felicidade saber viver com essa diversidade, com essa diferença. Porque nós sabemos que cada uma tem um pensamento. Então respeitar o pensamento dos outros, nunca querer que o seu pensamento esteja sobre todos os outros pensamentos. Uma coisa importante é aprender algo novo, sempre estar disposto a mudanças. Não a todas por que eu entendo que algumas são pra gente... Então o algo novo deve ser aceito desde que traga benefício para sua formação moral e para sua formação intelectual. Evitar o pessimismo, como existe pessoas que é pessimista em tudo. Parece ser assim. Quer dizer, só pensa negativamente. Nós temos que ter o pensamento para o positivismo. Sempre acreditar, sempre acreditar que vai conseguir. E nunca cruzar os braços. E apertados, apresentar dificuldades com negativismo. O negativismo só traz o que? O péssimo. O que é pior. Num é? Com respeito, com educação, com segurança. Porque muitas vezes o não dado com.. É você sempre estar perto de quem ama. De quem tem.... Sofremos as influências do ambiente em que nós vivemos. Perto dos nossos semelhantes. Se nós vivemos rodeados por pessoas pessimistas. O entendimento é.... são muito importantes para se alcançar.

**PESQUISADORA:** O contexto social e cultural influencia as suas ideias sobre esse assunto?

**DOCENTE A:** Há quem diga que o homem não é produto do meio. Mas eu acho que é. Se não é, mas de qualquer forma ele sofre influências do meio em que ele vive. Então pensando nesse contexto social e cultural ele influencia nossas ideias. Porque nós mudamos de pensamento, num é? Quantas vezes nós temos a hombridade de nos conscientizar em determinadas coisas, determinados assuntos. Quantas vezes nós mudamos os nossos.... Pensando por aí, é o homem está sempre motivado pela busca. A busca é o combustível da humanidade, essa busca... A curiosidade é a mola mestra da ciência, a busca é um resultado imperdível. Ele achava que o resultado seria um e é outro. De repente surge alguma novidade e ele tem que estar apto a essas mudanças, né? Como, por exemplo, o publicitário, ele se aproxima para vender a imagem... *(trecho inaudível, baixa qualidade da captação do áudio)* ... nós dependemos um dos outros, nós estamos ligados por laços de interdependência, eu dependo de você, juntos nós somos professor e alunos ao mesmo tempo. Então nós somos dependentes dessa influência sociocultural.

**PESQUISADORA:** Se eu falar do consumismo. O que o senhor tem a dizer?

**DOCENTE A:** O consumismo, muita gente mistura a produção. O produto ele é necessário, agora o homem se escraviza. Num é à toa que se diz que o homem se torna escravo do seu produto. Ele vicia, ele vicia. Sempre eu faço um paralelo, naquela época nós brincávamos de carrinhos feitos por nós mesmos, bola de meia, e outros tipos de brincadeiras. Garrafão, tinha queimada. Hoje o que é que se vê? Tira a criatividade da criança. Já vem pronta, o pai já compra, num é! Para as mulheres uma boneca da estrela. Num é assim? O menino se endeusa com aquilo, vai brincar. E onde fica o poder de criatividade? Mas a espontaneidade da criança onde é que fica? Hoje o que é que se vê? A criança no celular. Eu conheço crianças em certa idade que já mexe num *tablet* mais do que pessoas adultas que também... Esquecem dos livros, se tornam escravos.... É o consumismo está causando até a ... (Inaudível) ... longe da família. Eu sou de uma época em que todos faziam refeição juntos. Hoje cada um pega seu prato sai com ele na mão vai para o seu quarto liga uma televisão ou então liga o celular no *Whatsapp* e fica aqui comendo e vai embora e a união ... (inaudível) .... Eu vejo por esse lado.

**PESQUISADORA:** (*Início da pergunta inaudível*) ... influencia diretamente também numa ideia de felicidade?

**DOCENTE A:** Perfeitamente. E como influencia! Olha aí, de forma negativa, né? Quando você usa abusivamente um objeto (inaudível) ..., a exemplo do celular dele ou do tablete você está causando justamente essa separação familiar, até abusivo. Ele olha para o pai e diz: Cara! Coroa! Com o pai, com a mãe. Você... é submissão? É não. É respeito. É respeito. Lá em casa aí de quem tivesse a audácia, aí de quem passasse e não cumprimentasse. Boa noite! Respondia com licença. Passava. Aí de quem não fizesse assim. Hoje quem é que faz? Passa pra lá e pra cá. Não cumprimenta ninguém, uma falta de respeito ao semelhante. Eu vejo isso como uma degradação da moralidade, do respeito, da ética. (Trecho inaudível) ... A ética, o respeito... (inaudível) ... A destruição moral, isso aí muitas vezes vem trazendo malefícios em vez de benefícios. Então (inaudível) ... São de péssima.... Você aprende História, você aprende Geografia faz você querer bem a sua terra. Você descobre os valores que sua terra tem. Hoje nessas coisas que existem por aí não tem outra coisa a não ser a degradação. Principalmente o desrespeito às mulheres... Perca de valores muito grande na juventude, o que é pior.

**PESQUISADORA:** Ao logo da sua atuação profissional você consegue perceber uma mudança de opinião com relação a felicidade?

**DOCENTE A:** As mudanças acontecem todos os dias, num é? Às vezes (inaudível) ... para mudar a opiniões (inaudível) ... no aspecto moral, como para o lado negativo. E os livros de

História de certo tempo pra cá alguns mais audaciosos começaram a (inaudível) ... Quando eu fiz o antigo ginásio (Cortado) ... Isso é só um exemplo pra mostrar que realmente na minha opinião (Trecho inaudível) ... Na opinião das pessoas felicidade era possuir um carro... (Cortado) ... Eu sou feliz por que tudo que eu quero eu tenho, né? Por que no final de semana a escola oferece ou proporciona a (incompreensível) do aluno. Não a repressora como na minha época. Escreveu não leu, o pau comeu. Antigamente era assim. Aqui haviam umas professoras ... estudaram e aprenderam. (Incompreensível) .... Então era o que? Uma educação repressora, (incompreensível). Hoje é diferente. A mudança houve. Hoje o aluno tem voz, tem vez. Não é só nas universidades, é nas escolas. Todos têm os seus direitos para cobrar buscando sempre o melhor. Por que antigamente o entendimento, é... A partir do momento em ser uma educação de valorização ao conhecimento.... Porque você vai para escola pra que? Num é pra aprender. Nós não somos o mesmo hoje... quando nós entremos na escola? Nós aprendemos algo. Se uns mais outros menos, mas nós aprendemos. Certo. Então eu repito: a partir do momento em que a escola oferece uma educação que valoriza o aluno, o conhecimento e oferece uma oportunidade ao aluno. A escola está com uma interferência positiva. Então há uma diferença muito grande da minha época na educação. Por quê? Por que além de ser realmente muito bem administrada, muito bem servida de material didático, a época na escola. Cujo pedagógico, moças, senhoras casadas... Então era um alunado que tinha um objetivo, estava ali com responsabilidade visando alcançar (Cortado) ... Estudava com prazer, você se sentia estimulado (Cortado) ... Hoje a gente ver uma diferença muito grande, não podemos generalizar, mas já se vê uma diferença em grande parte do alunado em todas as escolas. E do professor. Houve momentos em que eu perguntei a mim mesmo: o que é que eu ainda estou fazendo na educação? O aluno não quer mais aprender, não.... Que estimule uma aula... A maioria dos alunos... infelizmente é assim. Infelizmente é dessa (Cortado) .... Atrair o aluno na parte boa, cria é provavelmente (Cortado) ... Aí novamente a história se repete. Eu também vejo isso com muita tristeza e foi uma das causas (Cortado) ... Aí juntando tudo isso minha esposa e meus filhos me aconselharam para que eu deixasse. Eu falei bom.... Eu vejo isso também dessa forma. (Inaudível) .... Que tipo de professor seria eu, mal comportado, indisciplinado, sem compromisso (incompreensível) ..., mas essas categorias elas aumentaram (Cortado) ... Muito, e muito. Enquanto eu vejo vocês dois jovens que em conversa comigo já demonstraram, conhecimento, responsabilidade, compromisso, tanto você como (Cortado) ... Como exemplo... Por outro lado, vi dezenas de rapazes e moças... Você tem que estímulo pra (Cortado) ... Da educação é a base, é o fundamento, eu aconselho que vocês continuem, prossigam (Inaudível)... Vocês têm talento, tem compromisso (Cortado) ... Pelo que eu já observei de vocês, vocês serão

bons profissionais (Cortado) ... (Incompreensível) ... Não sejam pessimistas. Interessados, compromissados... Tivesse objetivos. (Incompreensível) ... como professor gostava muito de dizer isso em sala de aula. Eu não estou aqui para ensinar. Eu estou aqui para aprender por que o professor também aprende com o aluno. Já se foi o tempo que o aluno dizia amém. Não sejam (Cortado) ...

**PESQUISADORA:** (Cortado) ... acha que existem mudanças nas ideias sobre a felicidade dentro do (Cortado) ...?

**DOCENTE A:** Eu tenho conhecimento de casos de alunos que se desestimulou e deixou de estudar. Nossa classe médica (Incompreensível) ..., o engenheiro, também o professor. Num é? E também o professor. O professor olha para o aluno e diz: eu vou deixar reprovado. Ou pelo menos você vai ficar reprovado. Por que deveria estimular, num é? (Inaudível) isso o cúmulo. Já não basta dizer você vai ficar reprovado. Pior é dizer: eu vou deixar você reprovado. Eu vou reprovar você. Professor não existe pra reprovar não gente. Num é? (Inaudível) ... se a melhor escola é aquela que reprova. (Trecho incompreensível) ... Formador, de formação. Formar bem.

**PESQUISADORA:** Diria que a escola também mata. Mata sonhos, mata almas pensantes.

**DOCENTE A:** Mata (inaudível) ... mata sonhos, pensamentos, objetivos, mata tudo. Isso é a mais pura verdade. Só que não oferece a educação adequada, a necessária. A ninguém. Citando nomes de ninguém, mas eu digo e repito: maus profissionais existem em todas as profissões. Existem excelentes professores e maus e péssimos professores também. Eu quero só agradecer a oportunidade que vocês me concederam. Espero que vocês tenham gostado. Opiniões emitidas tenham satisfeito a expectativa de vocês. Né, alguma falha. Se minhas opiniões não coincidem com a de vocês é por que a opinião é minha. Não sei se contribuiu o tanto quanto vocês esperavam, mas contribui o tanto quanto foi possível. Obrigado.

**PESQUISADORA:** Obrigada!

## ENTREVISTA 02

**PESQUISADORA:** Concede-me essa entrevista?

**DOCENTE B:** Sim.

**PESQUISADORA:** Para você o que é a felicidade?

**DOCENTE B:** Para mim felicidade hoje significa realização de objetivos. Eu programo algo, quando consigo atingir esse objetivo eu me sinto realmente feliz. Eu venho de uma história onde tudo era muito difícil. E quando hoje eu consigo estruturar o que eu busco, e consigo atingir. Estou feliz!

**PESQUISADORA:** E o que você considera mais importante para alcançar a felicidade?

**DOCENTE B:** A sabedoria. O que nos leva a felicidade é a sabedoria. Que seja no setor educacional, que seja na vida pessoal. Você usa de sabedoria para a tingir o que você quer. Muitas vezes no caminho, na educação, a gente se frustra. Em determinado episódio que aconteceu na vida da gente. Mas a gente tem que ter sabedoria para ultrapassar os obstáculos e seguir firme encima daquilo que você objetivou. Então a sabedoria é o caminho que nos leva a felicidade.

**PESQUISADORA:** Você acha que o contexto social e o cultural influenciam em suas ideias sobre o assunto?

**DOCENTE B:** Sim. A gente como professor muitas vezes sai de uma sala de aula e entra em outra, quer dizer, o movimento ali é o contexto social. E eu levo uma ideia firme para aquele setor, aquela sala, e na outra muda completamente. Por que a gente trabalha de acordo com a opinião daqueles que aceitam o que nós estamos levando do trabalho pra eles. No contexto social de certa forma as ideias da gente podem mudar. E no cultural também, você adquire cultura na proporção do que você aprende a conviver com aquilo que você aprendeu. Eu sempre digo para os alunos o seguinte: eu estou em sala de aula ensinando vocês aprenderem a aprender para poderem aprender, e o contexto nesse momento é importante, tanto o social como o cultural.

**PESQUISADORA:** O que a senhora poderia dizer desse contexto social e cultural aqui da cidade?

**DOCENTE B:** Aqui em Pombal é assim... De certa forma há uma abrangência muito grande e ao mesmo tempo uma restrição. Por que nós trabalhamos aqui no colégio estadual com uma

clientela com um padrão. Nós não podemos dizer que trabalhamos aqui com a periferia. Nós trabalhamos aqui com a classe média, com a classe alta. O contexto social daqui é preciso jogo de cintura porque nós trabalhamos com tudo. E no cultural minha filha aqui em Pombal é o seguinte: é difícil! Muito difícil você trabalhar. Porque muitas vezes você ao invés de encontrar companheiros pra lhe ajudar a levantar uma ideia, você encontra críticas para derrubar. Então isso de certa forma é um empecilho. No contexto social a gente encontra dificuldades e no contexto cultural também a gente encontra dificuldades na nossa cidade. Agora nós temos garra viu! Porque a muitos anos a gente levantou a bandeira de melhorar a educação na nossa cidade e nós temos conseguido. No peito e na raça, mas nós temos conseguido.

**PESQUISADORA:** E como a senhora vê esse alcance, por meio de que? Esse alcance de melhorar a educação?

**DOCENTE B:** Bom. Nós temos um alcance por meio do trabalho pessoal da categoria de nós professores, vocês sabem que nós temos uma luta constante para melhorar o padrão de ensino. Nós tivemos uma ajuda política nos últimos anos. Nos últimos anos as escolas ficaram mais equipadas, nós também tivemos oportunidades de fazer cursos. De fazer uma educação continuada. Nós tivemos apoio de certa forma do governo federal, estadual. Nós tivemos apoio. Mas a garra mesmo para manter a educação de Pombal de pé é nossa. É da categoria.

**PESQUISADORA:** Durante a sua vivência você consegue perceber uma mudança de opinião sobre a felicidade?

**DOCENTE B:** Sim. E como! Quando eu mais jovem, eu toda vida fui uma idealista. Quando jovem, quando estudante eu era uma grande idealista. E quando eu comecei a trabalhar eu toda vida trabalhei em prol de uma educação melhor. Que me trouxesse felicidade e que eu pudesse também levar felicidade ao meu grupo de trabalho com meus colegas e aos meus alunos, que hoje são profissionais da minha cidade. E eu digo a você o seguinte: durante essa minha vivência, houve uma mudança muito grande. Antes, eu via felicidade como a realização dos meus sonhos. Até os meus sonhos pessoais, dos meus colegas. A realização de sonhos de busca minha, hoje não! Eu como falei no início, hoje a minha mudança total em relação a felicidade é que hoje eu busco alcançar objetivos, e nem sempre esses objetivos são pra mim. Esses objetivos são para melhorar a caminhada de outros que estão aí na frente.

**PESQUISADORA:** Em que e como o espaço escolar interfere na sua concepção de felicidade?

**DOCENTE B:** Em tudo! Eu vesti a camisa de ser professora, é tanto que já tem 21 anos que eu já podia estar aposentada e eu não consegui ainda me aposentar. Muitas vezes eu estou deitada e fico pensando: - Meu Deus como vai ser eu aposentada? Como vai ser? Como vai ser minha história? Então! O espaço escolar virou a minha vida. Entendeu? Eu vivo para trabalhar, não para o aluno adquirir conhecimento (grifo nosso), mas a pessoa que precisa aprender a viver, então esse espaço escolar ele interfere na minha concepção de felicidade sim. Hoje eu trabalho em cima de objetivos para os meus alunos. A realização de objetivos para os meus alunos. Interfere em tudo. A minha felicidade... O espaço escolar, interfere demais.

**PESQUISADORA:** Enquanto docente como você percebe a felicidade?

**DOCENTE B:** É repetitivo o que eu vou dizer. Eu percebo quando eu vejo que aquilo que eu objetivei lá na frente floriu! Eu sempre digo para o meu aluno que a vida afunilou. Que a busca afunilou. Hoje é uma larga... a boca do funil é muito larga, é muita gente entrando e muita pouca gente saindo, lá na frente para uma profissão segura. Então quando eu consigo encontrar um aluno, um ex-aluno realizado profissionalmente, eu vejo que valeu a pena. Entendeu? Valeu muito apenas. Enquanto docente eu percebo essa felicidade em mim. Ver a realização do outro.

**PESQUISADORA:** Você acha que existem mudanças nas ideias sobre a felicidade dentro do espaço escolar ao longo do seu tempo de atuação?

**DOCENTE B:** Demais. Hoje você começa a atuar no seu espaço profissional e você muitas vezes se vê perdido diante do pensamento de pessoas bem mais jovens do que você, que parece que já nasceram velhos. Você muitas vezes, você está assim e você diz meu Deus como alguém não é feliz sendo o que faz? Então eu vejo muito isso. Vejo os jovens contando a hora para terminar o expediente, isso é muito normal. Eu que já sou uma senhora, eu digo a você com sinceridade que eu já me sinto cansada. Mas eu ainda estou trabalhando porque isso me traz felicidade. Mas que existe, existe. Existe demais meu Deus, mudanças sobre a felicidade dentro do espaço. Uns objetivam uma coisa, outro outras, outros veem a felicidade como você conquistar algo pessoal, ou a felicidade corporal, a felicidade de desejo, a realização de coisas pessoais e outros já veem como eu vejo. Uma realização de vida.

**PESQUISADORA:** E quanto as mudanças na educação, (pelo que a senhora já falou, pelo que a senhora já passou em 45 anos, pelo que a senhora passou) como a senhora viu essas mudanças?

**DOCENTE B:** Meu Deus, essas mudanças são radicais minha filha, são radicais. Enquanto estudante, eu que passei minha vida escolar em cima da Ditadura Militar, eu era uma garota quando de certa forma eclodiu a Ditadura Militar de 64 (1964 a 1985, grifo nosso), foi um período totalmente de uma educação fechada, rígida, que muita gente fica achando ai que foi um período de grande avanço na educação. Mas ninguém me diga que uma educação... O jovem... Pensando que não tem voz e nem vez. De jeito nenhum porque a vida organizacional em muitos setores da educação foi muito fechada. E de certa forma, quando chega os anos 80 que foi a grande cambalhota da educação, estava terminando a Ditadura Militar e eu estava fechando a minha universidade. Eu lembro muito bem, eu falei isso lá na minha aula hoje, eu lembro muito bem como essas mudanças chegaram. Foi um impacto na vida da gente. Ai meu Deus é muita coisa. É muita mudança. É muito séria a mudança, a partir do momento em que se trabalhava para o aluno. Antes o aluno era alguém que recebia o que você levava. E agora não, agora é alguém que ia virar ser pensante. E de lá pra cá a gente vai notando quando chega a redemocratização que chegou a nova democracia que foi entregue. Essa democracia foi entregue para o povo sem preparação nenhuma. Então veio esse desequilíbrio. As escolas hoje... eu trabalho, acho ótimo trabalhar nas escolas hoje por que eu gosto de desafio. Mas hoje pra nós é um corpo a corpo, é você levar o objetivo e brigar para conseguir atingir um por cento, dez por cento que seja. Foi uma mudança. Eu posso lhe dizer minha filha foi uma mudança radical do tempo que eu estudei pra hoje. Sendo que hoje eu acho muito melhor. Hoje você tem muito mais artifícios. Hoje você tem muito mais ajuda para dar uma boa aula. Hoje o mundo é bem melhor. Só que a clientela que nos chegou, chegou sem esperança. Chegou muitas vezes desmotivado porque vem de lares que não existem. Nós temos uma clientela infeliz. E buscar a felicidade em cima de quem não tem é muito difícil. Eu costumo dizer o seguinte: antes era a dificuldade você não ter nada pra você chagar e dar uma boa aula. Hoje você tem tudo pra dar uma boa aula. Menos alguém para receber. Antes você chegava numa sala onde o aluno... “há na minha época era um aluno que tinha muita educação”. Não o aluno tinha medo. Ele era trabalhado em cima do autoritarismo. Medo dos pais, medo do diretor, medo do professor, medo de baixar a nota, medo de ficar reprovado. E hoje o aluno não tem mais medo. Hoje o professor precisa ser muito seguro pra poder entrar numa sala de aula e conseguir dizer: hoje eu vim e vou fazer. Mas você consegue. Você consegue qualquer coisa. Eu sempre digo o seguinte: você não consegue com trinta alunos. Mas com cinco você consegue. Já é uma realização. Já é uma realização de objetivos já lhe traz felicidades.

**PESQUISADORA:** A senhora poderia elencar uma característica principal de cada época dessa, 80, 90?

**DOCENTE B:** Eu acho assim nos anos 80 eu era uma estudante que estudava, eu tinha muita vontade de conseguir meus objetivos. Eu era pobre. Eu sabia que só ia vencer na vida através dos estudos. Naquela época o jovem tinha mais objetivos. Ele queria mais. Ele tinha menos oportunidades, mas ele queria mais. Hoje ele tem mais oportunidades, mas ele quer menos. Ele quer muito menos. Embora você diz assim, embora as universidades hoje estão recebendo jovens capacitados. Foi o que eu lhe falei: nós podemos ter trinta alunos, mas a gente tira cinco bons. Nós temos um aluno aqui no colégio esse ano que ele passou pra medicina, pra direito, três faculdades de medicina chamaram esse aluno. Pois é um menino bom e a sala dele tinha quarenta e cinco alunos. Nos só tiramos esse menino. Então eu digo a você a característica desses períodos é isso. Nós tínhamos pessoas com muito mais garra. Eu tinha muita garra. Eu sabia o que eu queria. E hoje nós temos alunos sem garra. Eles estão sem garra demais.

**PESQUISADORA:** Mais alguma coisa a acrescentar?

**DOCENTE B:** Não. Só agradecer pela confiança e espero ter contribuído!

**PESQUISADORA:** Obrigada! Eu que agradeço.

**DOCENTE B:** Precisando, mande as ordens viu.

### ENTREVISTA 03

**PESQUISADORA:** Concede-me essa entrevista?

**DOCENTE C:** Com certeza.

**PESQUISADORA:** Vamos lá!

**PESQUISADORA:** Para você o que é a felicidade?

**DOCENTE C:** Alegria. É um estado de contentamento. O bem-estar de cada ser vivente na face dessa terra.

**PESQUISADORA:** E o que você considera mais importante para alcançar a felicidade?

**DOCENTE C:** A satisfação e a paz interior.

**PESQUISADORA:** Você acha que o contexto social e cultural influencia as suas ideias sobre a felicidade?

**DOCENTE C:** Eu fico meio dividido em duas partes. Ou seja, eu considero sim. Talvez seja um paradoxo. E ao mesmo tempo eu fico em parte. Pois eu sou um ser sociável. Também sou um ser cultural. E tenho ao longo de minha vida, tenho me deparado com as questões sociais, com as questões culturais e de certa forma muita coisa boa acontece e enaltece assim nossa vida, gerando a alegria, a felicidade.

**PESQUISADORA:** O senhor pode citar alguma questão social e alguma questão cultural mais importante assim que influencie?

**DOCENTE C:** Quando vejo as pessoas alegres isso influencia também na minha alegria. Quando eu vejo o desenvolvimento dos nossos jovens através da cultura isso enaltece os meus pensamentos me deixando alegre.

**PESQUISADORA:** E o senhor mais do que ninguém conhece Pombal e é envolvido com as questões da cidade tanto sociais como culturais. E o que o senhor tem a dizer da questão mais local da cidade em relação a essa felicidade?

**DOCENTE C:** De certa forma, a minha cidade em alguns momentos ela teve bons desenvolvimentos. Algumas atuações interessantes. Pena que a grande parte dos nossos poderes, não visualizam a cultura como de fundamental importância para o desenvolvimento da sociedade. E às vezes isso acarreta algumas tristezas, não só pra mim, mas eu tenho certeza

que para muitos jovens. Como seria interessante se nós tivéssemos na nossa cidade uma escola de música? Como seria importante se nós tivéssemos uma orquestra na nossa cidade? Como seria interessante que os nossos jovens se envolvessem mais com as questões sociais da nossa cidade? E nós sabemos que apesar de ser uma cidade é... Atira, mas tem seus problemas com relação as suas questões sociais. É tanto que nós estamos vendo hoje a droga, a prostituição, a violência, o egoísmo, sendo a cada minuto fortalecido. Quem sabe se a música, quem sabe se o teatro, a cultura de um modo geral não poderia mudar tudo isso? Com essa situação, com esses prejuízos sociais que nós estamos tendo. Então eu acho que a cultura seria de grande importância. Não esquecendo a educação que é um ponto de fundamental importância para os nossos jovens. E diante da minha vivência eu estou vendo de segundo a segundo a situação educacional dos nossos jovens. Como a cada dia sofre, sofre abalos, desgaste, pelo desinteresse, pela falta de projetos estruturantes nesse sentido. Não da parte dos professores, mas da cidade como um todo. Que as vezes deixa de apoiar, deixa de motivar, deixa de incentivar os nossos jovens para uma boa educação, para o desenvolvimento cultural, para o estudo da música, da arte em geral.

**PESQUISADORA:** É ainda falando dessas questões culturais da cidade mais especificamente. O senhor acha que a fé né, que tá ligada a questão cultural da cidade e as tradições também tem uma importante influência nesse assunto?

**DOCENTE C:** Sim. Eu considero de grande influência a religiosidade. É, com relação as nossas festas nós sabemos que Pombal é uma cidade com mais de três séculos de fundação, é notável que tem a importância das nossas tradições. Imagine um grupo de tradição como os Pontões, como os Congos, os Pontões sobrevivem há mais de 200 anos ou talvez há mais de 300 (anos) na atualidade. Os Congos com mais de 150 (anos). E isso é uma história valiosa para todos nós. Mas os nossos jovens desconhecem. A nossa juventude estão vidradas nos paredes que estão aí a cada dia, é... Sendo fortalecidos, enquanto isso as nossas tradições desmerecidas por que não tem o apoio necessário. A nossa cultura popular merece sim a visualização dos poderes competentes e isso nós não estamos tendo como Pombal merece, como esses grupos de tradição merecem.

**PESQUISADORA:** Durante a sua vivência você consegue perceber uma mudança de opinião sobre a felicidade? Tanto individual como observando o seu meio social?

**DOCENTE C:** Na vida somos passíveis dessas mudanças. Eu entendo assim. Ou estou procurando entender. Por que esse é um tema de muita dificuldade pra você. É um tema amplo, né?

**PESQUISADORA:** E complexo.

**DOCENTE C:** E complexo. Mas eu entendo que nós somos passíveis dessas mudanças ao logo do tempo. Por que a cada minuto, a cada segundo nós estamos crescendo, nascemos estamos crescendo então vem as mudanças. E nessas mudanças nós sabemos... Vamos ter alegrias, vamos ter tristezas, alguns abalos, algumas vitórias e eu vejo com necessidade que cada cidadão faça sua reflexão, mesmo sabendo que essas mudanças virão. Mas a felicidade está bem dentro de você. Busque!

**PESQUISADORA:** Para o “docente C”, especificamente, é... tem como o senhor, meio que, definir algumas questões que durante toda a sua vivência de jovem até agora se esse ideal, ou então essa ideia que você tem sobre o assunto, mudou ao longo do tempo? Para o “docente C”.

**DOCENTE C:** Eu disse anteriormente que somos passíveis de mudanças e sentimos sim alguma mudança. Eu posso ver a mudança no semblante de um estudante: eu quando olhava para Amanayara na escola estadual “Arruda Câmara” eu via aquela jovem tímida, buscando o seu desenvolvimento. O tempo foi passando, hoje eu vejo a satisfação de Amanayara me entrevistando como universitária. Isso pra mim teve mudança sim. Ver o crescimento de uma jovem da minha cidade. Ver o crescimento de uma jovem que hoje já desponta e já tem uma luz lá... bem próxima que é a vitória. E isso leva o jovem a alegria, leva também o professor, leva cada cidadão que está ao seu redor.

**PESQUISADORA:** Agora falando mais especificamente da felicidade e a nossa profissão, trabalho docente. Em que e como o espaço escolar interfere na sua concepção de felicidade?

**DOCENTE C:** O espaço escolar interfere às vezes quando a indisciplina passa a interferir sim, no relacionamento das pessoas. Aí eu vejo que interfere. Mas enquanto isso não acontece eu vejo que... Eu vejo com grandeza isso aí. A disciplina dos jovens. O crescimento de cada cidadão através da educação. O desenvolvimento e o crescimento da própria unidade de ensino, por que passa a ter sim toda uma divulgação, todo um trabalho desenvolvido pelos professores, todo um trabalho desenvolvido pelos alunos, eu vejo isso como crescimento. Mas se a indisciplina chegar eu vou ver isso com tristeza e cada um vai ver isso com tristeza. Aí interfere nesse assunto. Quando você obtém uma nota excelente é a sua felicidade, é a felicidade dos

seus. E quando você não tem, quando você não consegue. É a tristeza de muitos e isso eu acho que interfere.

**PESQUISADORA:** E enquanto docente, enquanto “Docente C”, você percebe a felicidade, ou então como você há imagina?

**DOCENTE C:** Eu percebo quando eu olho no semblante de um jovem e que ele pode até naquele momento do intervalo, poder satisfazer uma necessidade ou sanar uma necessidade. E que necessidade seria essa? Às vezes a fome. E quando ele sai dali às vezes sai alegre por que não tem o que comer. Eu tenho observado isso ao longo de algum tempo. Tanto na minha escola e outras que eu tenho visitado. A satisfação do jovem em obter uma nota excelente. A satisfação dos trabalhos realizados quando o aluno se identifica. É muito... É gratificante. É muito interessante ver isso aí. Eu me sinto bem.

**PESQUISADORA:** E você acha que existem mudanças dentro do espaço escolar ao longo do seu tempo de atuação? Ou seja, ao longo do seu tempo de professor, de cotidiano, de vivência naquele espaço?

**DOCENTE C:** Com certeza acontece essas mudanças. Eu espero que eu esteja respondendo a altura, mas eu entendo que acontece sim as mudanças. Você imagine um professor passar 30 anos da sua vida observando seus alunos, vendo o crescimento de muitos, o professor vai mudando sim. Mas também vendo a indisciplina de alguns, faz com que aquele professor corrija ou observe detalhadamente as situações que levam o aluno à indisciplina, as situações que levam o aluno à galgar seus degraus na vida. Então eu acho muito importante essas observações. Pra mim tem sido assim interessante por que, eu tenho conseguido, eu tenho atingido os objetivos aos meus alunos ou uma parte dos meus alunos. É você ter a oportunidade de descobrir talentos dentro da área que eu milito. Você de repente encontra um aluno e aquele aluno se identifica com a arte. E aquele aluno não tinha nenhum conhecimento sobre teatro, sobre dança, sobre música e de repente aquele aluno está envolvido e querendo desenvolver ações e se desenvolver psicologicamente. Pra mim é gratificante. E vários foram os meus alunos que hoje tem uma militância efetiva na área cultural. Enaltecendo a escola, enaltecendo a família, enaltecendo toda a classe docente e até discente por que muitos passam a observar aquele aluno como exemplo. Isso nos dá contentamento. Isso nos dá felicidade.

**PESQUISADORA:** Se eu pedir para o senhor fazer um exercício de memória e analisar década de 80, década de 90 e os dias atuais. O que o senhor pode dizer de cada época dessa em relação a esse tema?

**DOCENTE C:** 80?

**PESQUISADORA:** 90 e os dias atuais.

**DOCENTE C:** Na década de 80 eu tive a oportunidade de ver muitos festivais de música na região. Um envolvimento maior dos nossos jovens, até 90 também, até 90. Mas na década atual eu tenho visto assim com muita dificuldade. As questões sociais. Uma geração, essa nova geração dos paredões, as músicas, muitas músicas de baixo nível induzindo os jovens a pontos negativos. Levando a nossa juventude à alienação e isso torna-se desagradável. Mas eu sei, eu faço aqui até como uma repetição dos anos 80 até 90 nós poderíamos ver grandes festivais nesse País, grandes festivais na nossa região e eu tive a oportunidade de participar. Grandes encenações. Grupo de teatros na minha cidade tinha, hoje nós não temos. Nós tínhamos grupos musicais e que hoje nós não temos. Nós tínhamos encenações teatrais praticamente constantemente. Quase não temos mais. Desinteresse? Falta de motivação? Eu tenho procurado motivar os meus alunos, mas enquanto eu faço isso vai aparecer dezenas de pessoas pra retirar essa ideia da mentalidade dos nossos jovens. Eu tenho observado isso.

**PESQUISADORA:** E enquanto a educação em si?

**DOCENTE C:** Também passa por sérios problemas. Enfim o nosso país passa por seríssimos problemas na atualidade. Isso também respinga na nossa educação. Muito! Respinga e muito na nossa educação. A falta de recursos, a falta de compromisso de muitos, os desmandos tirando da educação, da saúde, da cultura para seus próprios bolsos. A educação ainda é o caminho para a felicidade de todos.

**PESQUISADORA:** Mais alguma coisa?

**DOCENTE C:** Só agradecer essa oportunidade que você me dá.

**PESQUISADORA:** Eu que agradeço!

**DOCENTE C:** E o meu contentamento de estar com você nesta tarde, prestando essa... esse pequeno comentário sobre a felicidade. Me sinto feliz por estar com você neste momento contribuindo para o seu trabalho.

**PESQUISADORA:** Eu que agradeço, professor.

## ENTREVISTA 04

**PESQUISADORA:** Concede-me essa entrevista?

**DOCENTE D:** Sim.

**PESQUISADORA:** Para você o que é felicidade? *(No áudio não aparece a pergunta).*

**DOCENTE D:** É o que gosta de fazer. É se sentir bem no que está fazendo. É... sabendo que está contribuindo para a melhoria social. É isso que traz felicidade. É o desejo de se sentir bem no que faz.

**PESQUISADORA:** E além dessa questão social. Tem mais alguma que a senhora pode colocar?

**DOCENTE D:** Na sociedade também está bem relacionada com as pessoas, com quem convive a família, todos os membros familiares. Tudo isso traz, o que traz assim uma... Vamos dizer um dever cumprido. Então quando se tem a consciência, né? Que tudo é um conjunto. O ser humano é um conjunto. Então quando se trabalha a ideia de consciência que se tá fazendo algo, o resultado em si é felicidade. Então a família, geralmente a gente está ali para fazer o melhor por ela, para ajustar o equilíbrio, faz um sentimento muito bom. É isso que eu caracterizo como felicidade.

**PESQUISADORA:** O que a senhora acha que é mais importante para alcançar essa felicidade?

**DOCENTE D:** A pessoa estar focada no que faz. É estar firme nas decisões. Aí ela vai está no caminho certo. Aí ela não tem temor. Ela faz com determinação, com foco, com objetivo.

**PESQUISADORA:** Então podemos considerar (Cortado) ...

**DOCENTE D:** Exatamente com todos os níveis de direcionamento bem estruturado, ela vai ser uma pessoa bem focada, bem realizada e é isso que é o caminho, eu vejo assim como sendo o caminho, é isso que vai garantir o caminho certo para alcançar.

**PESQUISADORA:** Eu vejo que a senhora colocou uma questão social (Cortada) ....

**PESQUISADORA:** (Trecho Inaudível) ... cercado por tudo, né? É ... (Trecho inaudível) ...

**DOCENTE D:** Nós fazemos parte de uma sociedade, que a sociedade ela está envolta de culturas. O lado cultural ele influencia no cultural. É até difícil eu separar uma coisa da outra e tudo forma o ser. E esse ser firme e forçado, determinado ele é um ser feliz. Por que se ele está fazendo o que ele deseja e ele está sabendo o que ele está fazendo. Está fazendo a coisa correta,

eu acredito que ele não vai ter, é... desajustes, e esse equilíbrio sem desajustes, harmonioso ele deixa (Cortado) ... Nós somos produto de um meio, eu vejo assim: o homem é produto do meio. Então se ele está no meio ajustado, é... se ele se sente bem onde vive, é ele realmente garante uma vida melhor. Mais bem fundamentada. Então é preciso que o ser não tenha medo, por que o medo desestrutura totalmente o ser humano, é... o medo traz infelicidade e a felicidade faz com que você esteja ajustado em tudo. Então o meio ele equilibra o homem. O homem que se sente bem no meio ele é feliz, sem dúvida.

**PESQUISADORA:** Então a gente pode interpretar (Cortado) .... Logo os professores são somente daqui da cidade de Pombal, por isso (Trecho inaudível e incompreensível) ...

**DOCENTE D:** Pombal, né? Então, Pombal para mim é uma cidade pequena ainda e como sendo uma cidade pequena ainda traz aquela ideia de equilíbrio para o ser humano. Então nos sentimos melhor aqui por que nos conhecemos a todos, e conhecendo confiamos (Cortado) ... Cidade pequena como Pombal, fazendo parte dela como eu faço, sou professora aqui há muitos anos, eu conheço a todos. Muitos que hoje trabalham aqui na cidade foram meus alunos e eu me sinto bem assim é... fundamentada. Eu posso dizer assim. Com fundamentação de crédito para recorrer a muitos dos meus alunos que me dão apoio já de trabalho. Eu recorro a um que vai ajudar na minha internet. Tá entendendo. Eu acredito, eu abro espaço, eu deixo que ele adentre por que eu conheço, eu não tenho medo. Eu tranquilamente posso chamar uma pessoa que trabalha de doméstica que inclusive já pode ter sido minha aluna, quantas num vieram trabalhar na minha casa que já foram meus alunos. E eu não tenho medo de deixá-las cuidando das minhas coisas, por que... dos meus objetos, por que eu confio. A cidade pequena ela traz essa confiabilidade ao ser. Uma segurança maior. Isso é felicidade, isso é prazer. Por quê? Por que a gente vive harmonicamente, quando a cidade é maior se desconfia de todos. Então Pombal é essa cidade que me traz segurança. Embora hoje já se escute muito é... algumas violências, né? Que ninguém pode tá sentado na calçada por que alguém passou e tomou o celular, mas é um caso, outro caso, não... graças a Deus! Eu me sinto segura na cidade que vivo. Sou conhecida por muitos aqui na cidade e realmente (Cortado) ... Tenho uma sensação de felicidade muito grande pelo trabalho que desenvolvo, hoje sou secretária de educação, mas é também a minha felicidade é bem maior quanto professora. Eu sempre digo: quanto professora que eu trabalhei até 2015, 2016 aliás, eu me sinto assim... (Inaudível) ... foi trabalhando como professora eu me sinto conhecida na cidade. Que eu tentei ajudar a muitos nos saberes. E é isso. Não tem preço quando eu encontro meus alunos. Sei que eles estão terminando curso superior. Sei que eu pude contribuir pra eles seguir. É isso que engrandece o ser humano. É isso o sentimento de

felicidade. É você poder fazer algo que vai engrandecer alguém. Que talvez, esse sentimento que eu tenho seja de ser pilar pra alguém se tornar grande na vida. Tal vez eu não tenha ... (Incompreensível) ... de, por exemplo, alçar grandes voos, mas eu vou dar condições a alguém para assim fazer. Tá entendendo? É poder fazer parte da vida de outras pessoas. (Inaudível) .... é uma história de 34 anos de educação sem parar. Trabalhando manhã, tarde e noite e dando tudo de si para poder é ver muitos seguirem (incompreensível) ... pra que eles não se percam no caminho. E também tentando conduzir a família no contra turno, no contratempo, pra poder, é... ter esse sentimento de dever cumprido. Em breve se Deus eu quero me... (Inaudível) ... me sentir mais feliz quando eu me aposentar plenamente. Por que hoje eu já defino até idade para que eu me aposente. Não tempo de trabalho. Por que tempo eu já tenho 34 anos de trabalho, mas eu defino assim: eu vou dar tudo de mim pra sociedade até meus 60 anos. Depois eu vou me voltar para mim. É como se seu fosse aproveitar esse meu sentimento de felicidade. Por que eu pude ajudar a muitos. Eu quero me sentir assim.

**(Subintende-se que nesse trecho houve uma pergunta que ficou cortada da gravação)**

**DOCENTE D:** Como o tema é bem subjetivo eu não posso nem dizer que não. São muitas as opiniões, num é? E eu gostava ... (Inaudível) ... em sala de aula com os meus alunos e vendo essa realidade muitas vezes nós chegamos a trabalhar muitos temas subjetivos e dá pra perceber que a ideia de felicidade que eu tenho, de querer prosperar em ajuda não é para todos. Já escutei muitas pessoas, até irmãos muito próximos acharem que a felicidade está no dinheiro, que para mim não condiz. A minha forma de ser feliz. Doar para alguém seguir. Eu sou mais doar para alguém seguir do que eu pegar o dinheiro para eu usufruir. É tanta... É... O que eu digo é tão verdade que eu não sou uma pessoa voltada à grandes passeios. Por que eu não me apego ao dinheiro pra poder eu passear. Eu me apego a dar tudo de mim em trabalho para ver alguém prosperar. É assim que eu ajo e é assim que eu me sinto feliz. Eu vi que há muitos conceitos e principalmente na sociedade em que vivemos hoje muitos acharem que pra ser feliz é preciso ter muito dinheiro. Eu sinto que a minha forma de ser feliz é ajudando, é me doando em prol dessa sociedade em que eu vivo aqui em Pombal.

**PESQUISADORA:** (Inaudível) ... no individual, pessoal né?

**DOCENTE D:** É verdade. Realmente eu nunca valorizo muito o meu pessoal. Eu acho que a minha família cuida mais de mim (Inaudível) ... Querer tanto ajudar a sociedade, ao todo que eu até me distancio desse meu próprio ser, dessa minha própria existência, sou uma pessoa simples no que eu sou... (Inaudível) ... em ver a educação melhor. E eu me volto muito para a

educação. Por que eu sou educadora, sempre fui. Tudo que eu faço é tentar pra ver se a educação caminha melhor. Quando eu vejo meus alunos terminando curso superior. Quando eu vejo uma turma que eu peguei lá no quinto ano, que eu vou até o terceiro ano que eu tive o prazer de fazer isso na escola Arruda Câmara. Quando eu faço essa trajetória toda que eu vejo ele chegar à universidade, isso pra mim não tem preço. Aí eu vejo realmente o significado da educação na minha vida. Por que eu (Inaudível) ... que eu lembro de uma turma lá no Arruda Câmara que eu peguei bem no quinto ano, é ... e vi bem no terceiro ano. E quando eu vi 100 % da minha turma ser aprovada no vestibular e um aluno tirar mil pontos, foi assim esplendoroso para mim, tá entendendo? Foi ali que eu disse que se eu pudesse pegar muitas turmas do meu quinto ano até o terceiro ano pra eu conhecer um a um sabendo que ele é capaz de fazer, todas as habilidades eu ia prosperar nos resultados. Por que os resultados que eles adquiriram foram os meus resultados. A educação ela, ela bem feita ela consegue assim... (Inaudível) ... ele não faz muito. Ele precisa de apoio e há uma ambição de todas as formas para se fazer o melhor para uma sociedade. Se ... (Inaudível) ... essa ambição através da falta de vontade de integrar-se aos que desejam para estimular, para ... (Cortado) ... (Inaudível) ... escolar em que o professor ele tem de olhar assim preocupado em fazer o melhor, você não é bem visto. As vezes pensam é por que quer se aproveitar, quer se exhibir, de mostrar que é o máximo e pouco deixam de entender a educação de verdade. A gente enfrenta dificuldades diversas quando quer ajudar a educação de forma sincera.

**PESQUISADORA:** (Houve um corte no áudio, a pergunta não saiu).

**DOCENTE D:** Falar quem sou, “docente D”, professora. Eu sempre me vi professora a vida toda. Acredito que educadora. Tem pedagogos, né? Tem visões diversas que querem separar quem é pedagogo de educador eu não sei se há distinção, eu me sinto educadora, professora, “docente D”, tudo misturado. É tão difícil separar, mas acredito que essa “docente D” educadora, educadora tem uma preocupação muito grande em ver toda criança que chega em suas mãos com um futuro, assim, brilhante através da educação. Quando não consegue... (Cortado) ... Então a felicidade reina na professora quando ela ver o resultado... (Cortado)... E deles, extraídos deles, através do saber repassado através de muitos anos, por que a educação ela é lenta, ela vai ano a ano como se fosse ali fecundando uma semente até que ela brota, até que ela nasce e se torna o profissional. Então eu me sinto cada vez mais feliz. É muito bom mesmo, é bom ver um aluno que passou por você por que a gente conhece cada um. E é tão interessante que a gente conhece aquele pelas habilidades que tem. Nós sabemos qual é o bom aluno, nós sabemos aquele que não quer, não tem jeito e a gente fica lutando, lutando e

relutando, então a felicidade traz quando ela... Ela surge quando ela brota, quando a criança se transforma num profissional. Isso é fantástico! Quantos não se perdem também no caminho que o professor não consegue, né? Eu já tive exemplos assim, tentando, tentando. Já trabalhei em periferia, escola periférica, Nilton Seixas, trabalhei 10 anos lá, e é um local, assim, que tem muita prostituição, droga e eu fiquei muito triste, eu lembro de uma vez que eu relutei contra uma turma que todos eram usuários e eu tentei pedir ajuda de todas as formas, eu não encontrei, eu não encontrei. (Cortado) ... de aprenderam a ler e eu lembro até hoje quando vejo eles, me abraçam, me agradecem, que eles foram... (Cortado) ... e que conseguiram aprender a ler. É isso que é felicidade. Outra coisa que eu tenho também como sentimento de felicidade extraído da escola, da prática de professor, da prática de ensino, foi quando, eu lembro também do Arruda Câmara que eu ensinava as turmas de terceiro ano. Uma vez, num era que fosse do meu desejo, mas percebi, que 50% da turma foram fazer letras por que se espelhavam na professora. E fizeram isso, eu tenho muitas e muitas alunas que se tornaram, é... hoje profissionais e são professoras e que as vezes dizem: professora como é que a senhora passava tanta esperança, passava, assim, tanto brilhantismo no que fazia diante de uma profissão tão difícil. Eu tenho alunos que vem para mim dizendo isso. E que fez letras por que chegaram a mim e disseram que se espelharam em mim. Clúcia que, por exemplo, hoje ela é cuidadora aqui. Clúcia que é esposa do radialista lá da liberdade (Referencia a Rádio 96.3 FM de Pombal), ela uma vez chegou para mim e disse que fez letras por que se espelhou... Daniele que é filha daquele menino daqui do... (Cortado) ... disse que fez letras por que tinham se espelhado na forma como eu conduzia. Ela disse que via uma alegria, uma vontade tão grande na forma como eu passava os conteúdos que ela disse: é fantástico ser professor. Então ela fez letras. Depois ela viu que realmente ser professor não é fácil e ela procurou fazer outro curso. Mas ela veio a mim e disse isso. Eu não tenho culpa. Por que ali não foi o meu desejo. Eu não desejei estimular o aluno pra que ele fizesse o curso que tinha me feito professora para ali ensinar língua portuguesa a eles. Mas eu queria que eles se tornassem bons profissionais, profissionais felizes e eu era feliz no que fazia. Então é isso que se busca. (Incompreensível) .... Nós sabemos que ali não é lugar de se buscar recursos, por que não é na educação... (Inaudível) ... não é na educação. E tem outros que se apropriam da educação por que acham que vão conseguir bons recursos ou não conseguem em outras áreas e se apropriam da educação pra conseguir algum tipo de status, eu não sei, tem naturezas diversas, mas na educação também tem isso. Pessoas que entram como professores e buscam ser diretores de escola em busca de mais status do que fazer a diferença para a educação de verdade. Quantos eu não vejo... Hoje eu sou secretária, essa secretária que você conheceu como professora. Então pra mim eu não tenho o ideal de me apropriar de uma

realidade que precisa de tanta ajuda pra poder fazer de conta. Ou nós temos alguns que fazem da educação ... (Inaudível) ... para a vida de muitos ou nós não estamos fazendo nada por ela. É assim que eu a vejo.

**DOCENTE D:** É muito cedo... (Incompreensível).....

**PESQUISADORA:** É já passou por muitas transformações na vida....

**DOCENTE D:** De 84 eu já tinha uma experiência de práticas por que parecia que eu queria ser professora mesmo antes um pouco, eu já dava (Inaudível) ... no quadro permanente do... (Inaudível) ... Eu me aposentei, é e gostaria de estar hoje também trabalhando na rede municipal e estadual, uma vez que eu trabalho três turnos se deixar, trabalho dois turnos integrais, às vezes não vou nem em casa de meio dia. E essa jornada eu não deixo de desejar, assim como eu estava em também em sala de aula normalmente ... (Inaudível e incompreensível) ... Eu sempre fui aquela que as pessoas me chamavam de louca, né? Sua louca, por que eu entrava numa escola sete da manhã, saía de onze e trinta, as vezes de onze e quarenta e cinco, já vinha almoçar correndo, quinze pra uma eu já estava na escola e saía de cinco e quarenta e cinco, vinha em casa correndo e voltava onze da noite. Eu sempre trabalhei demais e não só era em escolas públicas. Era em escolas particulares. Eu cheguei a trabalhar em turmas de setenta, cem alunos. Lá no Geo (Escola Menino Jesus – Pombal-PB) eu trabalhava em turmas de setenta alunos. Eu trabalhei na Rede Geo de Ensino. Uma hora era dedicada ao Estado outra hora era dedicada ao Município. Cheguei a (Inaudível) ... Deixei o Geo por um tempo. Depois fui trabalhar no (Inaudível) ... Geo em Sousa-PB. É uma sequência. As pessoas costumam me dizer o seguinte: que a gente começa feliz na educação e termina muito triste. E ... (Inaudível), eu nunca perdi a minha (Inaudível) ... Eu me aposentei na Rede Estadual e às vezes eu escutava os colegas me dizerem que eu continuava com muita vontade. Eu não tinha a preguiça de ir para a sala de aula. E nós chegamos, você recorda muito bem que nós chagamos a pegar uma escola em reforma que foi o Arruda Câmara e foi o período mais difícil, uma escola fechada e nós assistíamos as aulas dentro daquele espaço... (Inaudível) ... mas nós estávamos ali cumprindo a carga horária às vezes trazendo para o corredor da escola por que não aguentava mais dentro da sala de aula. (Inaudível) .... Ensinar pra que os alunos cheguem mais longe, para não perder aquele ano letivo, era uma luta, era... (Cortado) ... uma que pegou uma pneumonia ainda lembro. Devido a poeira da reforma da escola e nós suportamos tudo aquilo. Eram várias turmas que (Incompreensível) ... há meu Deus ... aquela luta constante pra que o aluno não perdesse (Cortado) ... não é lugar para infelicidade não. Tem que se fazer por amor e amor é felicidade. Então é amando pelo outro que se traz felicidade para si. Eu acredito muito, muito, que o mundo,

que o ser diante dele tem um espelho, que é o mundo e à medida que você se vê, você tem que refletir para outro. Se você tiver infeliz você vai refletir infelicidade. Se você for realmente preparado para ajudar o mundo, eu penso assim. É por isso que eu não paro. Não é só a família. Eu tento ajudar aos que estão a minha volta, eu não só penso nos meus que estão próximos. Tem gente que pensa que felicidade é por que você faz só pelos seus. Eu me sinto feliz fazendo para os que estão mais distante de mim. Hoje eu pensava, eu vi uma menina que foi minha aluna há tanto tempo e eu passei pela calçada eu vi ela usando uma máscara e até eu olhando para uma pessoa, e com aquela pessoa, ele me disse: que ela estava com leucemia e eu perguntei o que era que estava acontecendo? Se ela estava conseguindo (Inaudível) ...? Se estava precisando de ajuda? Aí eu tinha que está aqui nessa entrevista, e eu vim direto. Mas no meu expediente já avançado eu ainda procuro alguns ex-alunos que estão passando por problemas. Eu tenho outro aluno que tá com um problema muito sério que é Marlon, que eu fiquei tão triste quando eu soube, que foi meu aluno em 2016 lá na escola Nossa Senhora do Rosário. Também está doentinho, com câncer. Eu soube. Isso que me entristece. É não ver um jovem continuar. Mas felicidade pra mim é poder ajudar. Quando eu ajudo eu fico muito feliz. Eu me sinto realizada. E a felicidade pra mim é isso. Eu graças a Deus tenho uma família feliz, uma família que me ajuda. Uma família assim que não reclama, não reclama dessa minha ausência. (Inaudível) ... tentando, tentando fazer o melhor. Por que à medida que eu faço para os que estão a minha volta, para as crianças que precisam, para os adolescentes que precisam (Inaudível) ... Eu vou está fazendo o melhor para a minha família também. (Inaudível) ... em cultura. Talvez eu vá tirar muitas (Cortado) ...

**PESQUISADORA:** Temos uma história de muita mudança social e política (Cortado) ...

**DOCENTE D:** (Cortado) ... mudar. O mundo que a gente vê. O todo, o tempo. O tempo transforma o homem. Então eu também me transformei. E como (Incompreensível) ... Eu entendo a situação do jovem. E eu acho interessante viver com o jovem por que eu me modifico todos os dias. Se eu sair dessa vivência eu que vou estar parada. Tá entendendo. Então quando eu vivo com os meus alunos eu me sinto jovem. E é isso que me dá mais felicidade, está vivendo essa mudança. E nós víamos um jovem da década de 80, mais, eu posso dizer, mais disciplinado. (Trecho inaudível) ..., mas por que ele era mais repreendido. Hoje nós vivemos uma nova era. E que era é essa? Da liberdade, onde eles têm poder de expressão. Onde eles dizem ao pai, a mãe, ao amigo tudo o que eles têm vontade. Que antes era impedido. Não é que seja ruim o jovem. Ele ter vontade de dizer, de ouvir. De ter vez e voz. (Inaudível) ... para a sociedade. Nós temos que crescer enquanto seres humanos. Nunca enquanto professora eu repreendi meus

alunos por que eles gostavam de falar. Nós só temos que saber até que ponto vai meus direitos. E vão os meus deveres. E meus alunos vão ter direitos e deveres até que ponto? Eu nunca tive problemas com meus alunos. Nunca tive alunos desejando me bater. Como eu escuto meus colegas até dizerem. Dizerem que não vão querer assistir as aulas deles. Por, por... tentando agredir o professor. Não digo que eles me dizem que estão cansados. “Há professora não quero mais determinado assunto.” Eu vou entender. Por que? Por que nós sabemos que há muitas coisas para os jovens no mundo lá fora. Tem coisa melhor do que o atrativo do celular? A televisão já é ultrapassada hoje. Então até a convivência diária, da calçada, do encontro do jovem, da conversa ela é mais interessante do que dentro de uma sala de aula. Então a sala de aula ela tem que mudar. Ela tem que ser atrativa. Só falta investimento para isso. E nós professores estamos nos debatendo para fazer com que nossos alunos desejam aprender num sistema já arcaico. Por que o tempo passou, a tecnologia avançou, mas não investiram o suficiente para as salas de aula melhorarem, e o professor se sentir mais tranquilo e mais feliz com seus alunos. Por que ainda não deram essa condição suficiente para que o professor possa levar (Inaudível) ... a sala de aula com mais prazer em aprender. Falta só isso. É uma questão de investimento. Por que é muito fácil entender que é na década de 80 o jovem aceitava está enfileiradozinho em uma sala de aula. Querem fazer a mesma coisa em 2018. Não é fácil por que a tecnologia não é a mesma. E tecnologia transforma o homem. Tá faltando exatamente investimento capaz de dar prazer ao jovem. Tá faltando isso. Tudo haver. A vida, a vida só têm sentido de forma prazerosa. É isso que eu digo. Tem que amar. Se não amar o que faz abusa. Abusar é dizer eu não quero mais. Então até hoje eu não abusei ser educadora. Ainda continuo ... (Cortado) ... Eu que agradeço viu Amanayara. (Inaudível) .... Atendi as suas expectativas, mas aí...

## ENTREVISTA 05

**PESQUISADORA:** “Docente E”, concede-me essa entrevista?

**DOCENTE E:** Sim.

**PESQUISADORA:** Para você o que é a felicidade?

**DOCENTE E:** A felicidade pra mim é um estado de espírito. É um momento por que não existe felicidade eterna, né? Há momentos de felicidade e há momentos que a gente começa a pensar ou repensar a vida. Então, são momentos normalmente com a família, amigos, são conquistas nossas, né? Muitas vezes o que a gente luta pra conquistar quando a gente consegue alcançar aquilo a gente sente um momento de felicidade. Né isso?

**PESQUISADORA:** E o que você considera mais importante para alcançar a felicidade?

**DOCENTE E:** A luta... Eu acho que não é só aquele momento em si, mas tudo que a gente fez antes para poder conquistar nossa felicidade. Então pra mim todo processo, tudo aquilo que a gente faz, que a gente luta acho que é tão importante quanto o hoje, né, do que você consegue.

**PESQUISADORA:** Você acha que o contexto social e cultural influencia suas ideais sobre esse assunto?

**DOCENTE E:** Com certeza. Acho que é... o meio ambiente ele interfere muito no nosso modo de pensar. Não que seja determinante, mas a gente tá no meio, a gente tende a receber influência desse meio. Então todo o ambiente seja o lar, seja o ambiente de trabalho, seja os momentos sociais com colegas, tudo vai influenciar no sentido do que seja felicidade.

**PESQUISADORA:** Você pode citar alguma questão social e alguma questão cultural?

**DOCENTE E:** Sim. Por exemplo, algo assim né, bem popular. É pra o pessoal, pra quem gosta assim, geralmente, não sendo preconceituosa e nem determinando isso, mas geralmente o pessoal de comunidade né, que hoje não se pode mais falar favela, o pessoal de comunidade eles se sentem felizes culturalmente, quando eles estão assim numa balada com funk, né? Então geralmente isso é um momento de felicidade pra eles.

**PESQUISADORA:** E pra você?

**DOCENTE E:** Pra mim... tá num barzinho, com a galera, com os amigos, ai também é um momento de felicidade que culturalmente influencia nesse meu momento.

**PESQUISADORA:** Durante a sua vivência você consegue perceber alguma mudança de opinião sobre a felicidade?

**DOCENTE E:** Sim. E isso de acordo com a nossa vida, né? Nossa idade, quando a gente é adolescente a gente tem um sentido de felicidade, quer ser livre, quer ser independente. Quando a gente se torna-se adulto a gente começa: “há meu Deus do céu era tão feliz e não sabia”, por que eu tinha, né... num tinha responsabilidade nenhuma. Quando a gente torna-se adulto a gente tem reponsabilidade, ai nossa felicidade já é outra. É poder assumir nossa responsabilidade e ter conquistas maiores. Pra além dessa independência a gente quer conquistas maiores. A gente quer também através do nosso trabalho realizar. Nós como professores, o que nós queremos realizar muitas vezes é fazer com que os nossos alunos cresçam e sejam algum na vida. Pelo menos na minha opinião. Quando eu vejo assim um aluno que conquistou um espaço na vida social, no mercado de trabalho pra mim isso é felicidade.

**PESQUISADORA:** E sobre o contexto histórico assim... Da sua geração o que você acha que talvez tenha em comum essa questão da felicidade, se você acha que tem uma coisa em comum na sua geração?

**DOCENTE E:** No agora... em relação ao passado?

**PESQUISADORA:** Sim.

**DOCENTE E:** Se existe em comum? Assim... Eu não tô entendendo.

**PESQUISADORA:** Se existe alguma coisa em comum que você consiga perceber na sua geração?

**DOCENTE E:** Na minha geração com os jovens de hoje?

**PESQUISADORA:** Sim. Pode ser também.

**DOCENTE E:** Tá meio difícil que os jovens de hoje são meio diferentes da gente. Eu acho! Por que é assim: É... Hoje os jovens eles são muito... Como é que eu posso dizer, essa juventude que tá chegando agora, que tá começando a estudar agora. Eles tão muito é... Egocêntricos. Eu costumo dizer. Por que eles vivem muito o mundo deles, e sem conseguir pensar no outro. E no meu tempo não era assim. E também essa história de internet interfere muito. Por que eles vivem naquele mundinho deles. Não tem convivência... Como é essa semana eu conversando com uma turma minha eu dizendo pra eles que no meu tempo a gente se divertia quando era adolescente. Eu saia com meus colegas a gente sentava na calçada, passava horas e horas

conversando, brincava, jogava bola, fazia de tudo. Né? Então a gente tinha uma vida bem livre. Logo era mais tranquilo, não existia carro, não existia moto. Então a gente tinha essa liberdade no momento de brincadeiras. E a gente fazia isso. Hoje os nossos jovens a diversão deles é tá no computador. É tá na tela da televisão assistindo séries. É tá no celular. E quando se comunica muitas vezes é assim ou no momento de escola. Né? Então hoje o modo de diversão deles é bem diferente do nosso. É interessante que mesmo que esse modo de diversão deles seja bem diferente do nosso, quando a gente tem um momento com eles de interação que relembra as brincadeiras antigas eles gostam. Só que eles não vivem mais isso.

**PESQUISADORA:** Agora falando da questão do trabalho docente em si. Em que e como o espaço escolar interfere na sua concepção de felicidade? O espaço escolar de uma forma geral.

**DOCENTE E:** Em relação aos alunos?

**PESQUISADORA:** É. Também.

**DOCENTE E:** É infelizmente nos dias de hoje as famílias não tem mais tempo para seus filhos, né? É uma realidade que eu acho que é discutida em toda escola e acabou ficando pra escola essa responsabilidade em relação as crianças, né? Diversão e educação também. Não só ensinar, mas também educar esses meninos e levar a eles momentos de felicidade, inclusive até o afeto que a gente tem com eles isso influencia na felicidade deles, por que isso a gente sente. Muitas crianças que vem todas... Crianças e adolescentes, que eles vêm carentes de tudo, de carinho, de afeto, de conversa e elas encontram na gente os professores, diretores, supervisor, todo aquele ambiente escolar acaba se transformando em momentos de felicidade pra elas. O contato deles com os colegas que muitas vezes como eu disse a vida deles hoje pela violência, por tudo, é mais presa, se comunica às vezes pela internet e dentro da escola ele tem aquele contato direto com os colegas, né? Encontra neles um afeto, uma fala que muitas vezes não conseguem encontrar nos seus lares. Muitas vezes destruídos com pais separados, como a gente ver os alunos de periferia onde tem pais que são presidiários, às vezes usuários de drogas. Toda essa situação que eles vivem em família, eles buscam o refúgio deles dentro da escola.

**PESQUISADORA:** E na sua concepção? Assim é... Você falou da questão dos alunos. E o espaço escolar na sua concepção de felicidade. Qual o lugar que ele tem?

**DOCENTE E:** Olha! Como eu passo o dia todinho na escola então eu acho que eu tenho que encontrar na escola a minha felicidade. O contato com os alunos que a gente também fica feliz, quando eles sentem na gente a segurança que eles não conseguem ter em outro lugar. Quando

a gente consegue fazer com que aluno aprenda. Que a gente olha assim “meu Deus do céu esses meninos num querem aprender não”. Ai de repente você consegue conquistar aquele aluno: “ah, eu não gosto de história”; ah é o aluno que não queria estudar de jeito nenhum e de repente você consegue conquistar aquele aluno em torno da realização daquilo que a gente faz. Também os contatos com os amigos, os colegas de trabalho. Né? Isso é sinônimo de felicidade na minha opinião.

**PESQUISADORA:** Enquanto docente. É... docente e como professora em si, como você percebe a felicidade?

**DOCENTE E:** É na conquista do aluno. Acho que o maior ponto da gente como professor é conquistar o aluno. É através da conquista... Que não adianta você ser aquele professor durão, que não vai gostar nem de você por consequência não vai querer nem assistir suas aulas e tudo mais. Então quando a gente consegue conquistar o aluno é o momento assim, que a partir dessa conquista a gente consegue a felicidade por que a gente acaba fazendo depois com que aquele aluno também se interesse pela disciplina. Aí ele vai dizer: “ah minha melhor disciplina é história por que eu gosto da professora”. Isso é bom demais. Né? O reconhecimento do nosso trabalho.

**PESQUISADORA:** E no contexto mais amplo assim. Da sociedade, como você vê? Essa questão da felicidade docente assim... Até mesmo fora da escola.

**DOCENTE E:** Por que assim... Até agora eu não falei nada financeiro, né? Financeiro às vezes influencia na nossa felicidade. E assim no sentido amplo, geral, infelizmente nós não somos reconhecidos, a própria sociedade não nos reconhece. Há o professor! Valoriza quem? O médico, o advogado que passa por nossas mãos. Né verdade? Ai nós que deveríamos ser reconhecidos por ter dado a possibilidade desses profissionais se formarem. Nós não somos nada! Né? Nem o reconhecimento, inclusive agora na vacinação no calendário de vacinação contra o H1N1 nós ficamos em último lugar junto com os presidiários. Só pra você ter noção o quanto nós somos valorizados. E é por que nós temos contato direto com alunos, com crianças e adolescentes que estão em primeiro lugar né, no calendário de vacinação. Então nós somos esquecidos pela sociedade. Então nesse sentido amplo felicidade pra gente como classe docente seria o reconhecimento.

**PESQUISADORA:** A gente que tem acho mais contato com uma maior população do que qualquer outro profissional, né?

**DOCENTE E:** Né, nós e a saúde que somos esquecidos. Eu fiquei indignada quando eu vi o calendário: ficamos por último! Não acredito! Por que de que adianta os meninos estarem vacinados e a gente não.

**PESQUISADORA:** Você acha que existem mudanças nas ideais sobre a felicidade dentro do espaço escolar ao logo do seu tempo de atuação?

**PESQUISADORA:** O seu tempo de atuação já é mais atual.

**DOCENTE E:** Uns 14 anos por aí, 2003 pra cá. Faz um bocado de tempo né?

**PESQUISADORA:** A gente pensa que não é, mas quando vai olhar a gente já tá em 2018.

**DOCENTE E:** Mulher é assim, infelizmente nesses 14... Nos 14 anos eu acho assim que dentro da educação pouca coisa mudou. Né o comportamento... Há 14 anos atrás também a gente se deparava com alunos que realmente não queriam, no entanto, eles eram mais respeitosos. No geral. Com professor, com diretor, com todo o corpo né que faz parte de uma escola. É então acho que felicidade assim, em relação à quando eu comecei a trabalhar e hoje em questão a respeito, né a tolerância mesmo dos alunos entre si. Por que hoje qualquer coisinha eles estão com os nervos à flor da pele. Tudo eles se irritam com professor, com colegas entre eles. De vez em quando a gente tem que apartar a confusão entre eles. Então eu acho assim, que em relação ao passado e presente, no sentido geral, está na forma como esses alunos vem se comportando. De forma mais rebelde, mais carente e ao mesmo tempo mais rebelde.

**PESQUISADORA:** Entendo.

**DOCENTE E:** Tá dando pra entender mulher, meus...?

**PESQUISADORA:** Tá. Tá sim. Tá ótimo.

**DOCENTE E:** Não sei se é isso que você realmente quer...

**PESQUISADORA:** Se tiver mais alguma coisa a complementar...

**DOCENTE E:** Teu trabalho é sobre o que? Qual o tema dele?

**PESQUISADORA:** É sobre as representações sobre a felicidade docente aqui em Pombal de... dos anos 80 pra cá.

**DOCENTE E:** Menina que fecha! É muito tempo viu minha filha.

**DOCENTE E:** Já pegou professora dessa época?

**PESQUISADORA:** Já consegui uns três, mas eu vou ver se consigo mais dessa época.

**DOCENTE E:** O que é de hoje é mais fácil né?

**PESQUISADORA:** Hunhunn...

**DOCENTE E:** Até a gente mesmo percebe.

**DOCENTE E:** Você já tá na sala de aula?

**PESQUISADORA:** Não. Mas eu participei quase dois anos de um programa de iniciação à docência e de vez em quando faço umas substituições e tal, então tô familiarizada.

**DOCENTE E:** Cê vê como tá complicada né, a sala de aula.

**PESQUISADORA:** Pois é... Deixa eu só... Muito obrigada!

## ENTREVISTA 06

**PESQUISADORA:** concede-me essa entrevista?

**DOCENTE F:** Sim. Com certeza.

**PESQUISADORA:** Para você o que é a felicidade?

**DOCENTE F:** É... para mim o conceito de felicidade se resume a você fazer o que você gosta com quem você gosta. é... eu estar bem comigo mesmo. Em paz comigo mesmo. É ter sempre Deus no coração. Estar bem comigo e com o mundo.

**PESQUISADORA:** Você acha que as questões sociais e culturais interferem?

**DOCENTE F:** Tratando-se de cultura geralmente, é... existem as coisas que você gosta de fazer, por exemplo... (trecho inaudível), então se você tem o hábito de... a cultura da sua região. É... o hábito de sei lá, de praticar uma atividade física que faz parte realmente ali da sua localidade. Então eu acho que influencia, porque como a gente sabe, né! Cada região tem suas particularidades e também cada cidade tem suas peculiaridades, suas características, então acredito que a cultura do local influencia também né! Eu por exemplo gosto muito da minha cidade, né! Gosto da cultura, então acho que isso também é levado em consideração quando se vai falar de felicidade, né! A questão da cultura do local. E o social é... assim... eu não vou dizer a você que o dinheiro traz felicidade, né! Quando a gente fala em social também a gente não pode deixar de falar na questão financeira, e isso a gente... todo mundo corre atrás, todo mundo trabalha, quer conseguir sua independência, quer ter o mínimo de conforto pra você, e felicidade também tem a ver com isso. É você ter condições de ter uma vida digna, né! Então com certeza o social influencia também nessa questão.

**PESQUISADORA:** Sim, você acha importante a questão financeira, né?

**DOCENTE F:** Também conta, não que ela seja decisiva pra felicidade, não adianta né você... ela é bem significativa, mas que o espiritual, é todo um conjunto. Você tem que tá com tudo isso. Tá em paz consigo mesmo, com sua família né, com seu trabalho, é todo um conjunto...

**PESQUISADORA:** Você já deve ter ouvido falar, principalmente de teóricos, em estarmos em uma sociedade de consumo... qual sua opinião?

**DOCENTE F:** Sim. Que é capitalista! E nossa sociedade realmente ela é consumista. Isso aí a gente não pode deixar de usar aqui né, de comentar... É, sobre questão financeira é o seguinte: é importante como eu já falei aqui você conseguir sua independência né, por exemplo, toda sua

família, você precisa ter sua casa própria, você precisa de ter uma vida de conforto, certo então eu acho que isso somado a você estar em paz contigo, estar em comunhão com deus né então, isso tudo junto é o que me traz felicidade, então pra mim, eu não almejo riqueza né, pra mim o básico é o suficiente. Contando que eu tenha condição de também dar uma vida digna a minha família.

**PESQUISADORA:** Você vê alguma mudança de opinião sobre a felicidade? Essa mudança tanto individual, pessoal sua, ou no seu contexto que as pessoas falam?

**DOCENTE F:** (trecho inaudível) ... por que a gente sabe que essa questão de como você é educado com o passar do tempo. Então assim... Eu fui educado não pra buscar essas coisas materiais, riqueza e tal, dar valor somente ao material. Então minha concepção sempre foi a de que dinheiro não é tudo. Dinheiro não traz tanta felicidade, traz é problema. Mas a minha opinião sobre o conceito de felicidade foi sempre estar em paz comigo mesmo. Na área docente... Eu tentei outras áreas, ingressar em outras áreas, mas eu vi que minha felicidade estava ligada ao que eu gosto de fazer até hoje. Então meu conceito de felicidade mesmo não mudou muito não. Praticamente é a mesma ideia que eu tenho desde a adolescência. É conquistar minha independência, ter minha formação, um dia ter uma família. E é isso.

**PESQUISADORA:** Agora falando sobre o trabalho docente especificamente. Em que e como o espaço escolar interfere na sua concepção de felicidade? (Esse espaço não só a escola, mas o espaço da educação como um todo).

**DOCENTE F:** Interfere sim no meu conceito de felicidade. Por que como eu sei... É muito bom, eu não me vejo atuando em outra área que não seja nessa. Então pra mim é muito gratificante, você educar as pessoas. Você formar cidadãos e você no dia a dia estar lidando com várias pessoas diferentes. Então, eu sempre gostei muito de fazer isso. Então eu me sinto feliz, eu me sinto realizado na educação, eu não poderia estar em outra área por que eu amo o que eu faço.

**PESQUISADORA:** Enquanto docente no seu olhar de professor, atualmente e considerando também o seu tempo de atuação. Como você percebe (*final da pergunta inaudível*)?

**DOCENTE F:** Então... É como eu já te falei, chegar a escola se deparar com várias pessoas, interagir com aquelas pessoas de várias... Interagir com aquelas pessoas, levar um pouco do meu conhecimento dentro da minha área, levar um pouco do meu conhecimento enquanto cidadão, enquanto ser humano. Quando eu chego nas escolas que eu trabalho. Quando eu chego

nas escolas que eu vou dar aquele primeiro bom dia, aquele primeiro boa tarde. Eu costumo conversar... Eu vou além de ser um simples professor. Antes de eu ir pro quadro eu sempre dou aquele bom dia especial. Então eu acho que pra mim é muito gratificante. Eu me sinto realizado nos locais que eu trabalho, justamente por que eu gosto de fazer isso. Então quando você gosta de atuar numa determinada área, então, tudo... Por mais problemas que surjam, mas eles serão sempre amenizados quando você gosta do que você faz, os problemas eles sempre diminuem. E você acha.... Você sempre encontra uma maneira de se sobressair. Então pra mim o espaço escolar é muito bacana.

**PESQUISADORA:** Existem mudanças nas ideias da felicidade dentro do espaço escolar, não individualmente, mas no espaço como um todo? (*Parte da pergunta inaudível*).

**DOCENTE F:** É hoje, o que a gente escuta às vezes assim o pessoal reclamar. Até os meus próprios companheiros de luta, muitas vezes são as condições oferecidas. Você sabe que não é nem de hoje, nem de ontem que existe essa desvalorização financeira, essa falta de reconhecimento por parte do... (Estado, grifo nosso), essa falta de reconhecimento somada muitas vezes à falta de condições mesmo de trabalho. Acho que esse é o maior problema enfrentado no âmbito escolar. Mas mesmo assim, mesmo apesar das adversidades ele acaba se sobressaindo e sendo feliz dessa maneira mesmo. Então, da década de 80 pra década de 90 até os dias de hoje, lógico, evoluíram algumas coisas pra melhor, não estamos ainda no patamar desejado, mas algumas coisas melhorou. E no que diz a felicidade é como eu tô dizendo a você: o conceito continua o mesmo. Se você gosta do que você faz, então você continua sendo feliz. Independente de salário. Então acredito que quando você gosta de fazer esses problemas eles diminuem. E a questão de mudança dentro do espaço escolar. Eu acho perdeu um pouco do respeito. Na década de 80 eu era estudante, também na década de 90 eu era estudante. E eu... A gente vê que ao logo do tempo perdeu-se um pouco do respeito. Da autoridade. A gente vê até agressões, agressões físicas, agressões verbais. Não é o caso do nosso local, da nossa localidade aqui. Então eu acho que você tá ali realizando aquilo que você gosta é uma ... (*gravação interrompida*).

**ENTREVISTA 07**

**PESQUISADORA:** Concede-me esta entrevista?

**DOCENTE G:** Sim.

**PESQUISADORA:** Para você o que é a felicidade?

**DOCENTE G:** É uma coisa muito subjetiva. Vai do *(trecho incompreensível)* ... que estar bem consigo mesmo, se sentir realizada. É você sentir prazer nas coisas que você faz. É... Não sei bem como explicar, mas acho que é realmente isso.

**PESQUISADORA:** O que você acha importante para alcançar essa felicidade?

**DOCENTE G:** Importante... Acho que é a paz interior. Por que se você estiver bem tudo vai correr bem e você vai conseguir aquilo que você almeja, e conseqüentemente você vai se sentir... *(trecho interrompido)*.

**PESQUISADORA:** você acha que o contexto social e cultural influencia...?

**PESQUISADORA:** (Vou começar fazendo a pergunta novamente) Você acha que o contexto social e cultural influencia em suas ideias sobre esse assunto?

**DOCENTE G:** Sim. No modo que, acredito eu, que o contexto social ele vai influenciar, vai fazer com que você acredite que felicidade é você possuir bens e assim você só vai conseguir trabalhando, gerando uma renda e essa renda vai se transformar em bens, seja eles materiais, seja eles da forma que for. O celular da moda, um computador, uma roupa e coisas do tipo. Já o cultural, eu não sei bem como explicar, mas vamos lá. O cultural, se você vai se sentir feliz em sair com a galera, se reunir na praça, se encontrar numa festa, se encontrar em outros locais, e o cultural ele influencia muito também no sentido das comemorações. Não sei se é bem nesse sentido. Mas quando você pensa em se divertir, principalmente aqui na cidade é falar em festa do Rosário. E é sinônimo de alegria, de tradição, de fé. E não sei bem se eu consegui responder sua pergunta (risos).

**PESQUISADORA:** Durante a sua vivência você consegue perceber uma mudança de opinião sobre a felicidade?

**DOCENTE G:** Sim. E como consigo. Vivencia assim... dos meus 22 anos de vida... Consigo. Acho que pra mim quando eu era mais nova, antes de passar pelo que eu já passei, felicidade era coisinha boba. Felicidade era eu chegar em casa da escola me deitar e assistir desenho. Hoje em dia não. Hoje em dia acredito que pra mim tá feliz é eu conseguir ver que eu paguei aquela disciplina que eu pensava que não ia pagar. É eu chegar em casa e ver minha mãe bem. É ver minha família feliz. É ver minha família unida, então eu acho que de um tempo pra cá a tendência é só realmente progredir.

**PESQUISADORA:** E atualmente o que muda? (Assim, “Docente G” hoje).

**DOCENTE G:** A “Docente G” hoje não é mais a “Docente G” sonhadora de antigamente. Eu acredito, acho que é a “Docente G” mais pé no chão.

**PESQUISADORA:** Em que e como o espaço escolar interfere na sua concepção de felicidade?

**DOCENTE G:** Ah.... Já acho que felicidade na vida profissional, assim, pronto. Pra mim ele vai interferir no momento que eu sei que aquele aluno, tem um determinado aluno que possui certa dificuldade. Ele possui uma certa deficiência na questão do aprendizado, pelo menos no meu trabalho tem crianças especiais, tem crianças autistas, tem crianças com déficit de atenção, tem crianças com dislexia e você conseguir ver que aquele aluno, você conseguir ver que ele progrediu de alguma forma, seja ele conseguindo ler, seja ele conseguindo interpretar, seja ele conseguindo escrever sem precisar tá tirando do quadro olhando diretamente você falando e ele compreendendo e ele escrevendo, acho que pra mim como profissional essa é a maior realização.

**PESQUISADORA:** Você fala acho mais de um espaço escolar mais simbólico. E numa questão mais prática assim. Eu digo espaço escolar, mas não só a escola. Outro espaço, entende, que...

**DOCENTE G:** Bem. Vamos ver. Repete a pergunta pra mim por favor.

**PESQUISADORA:** Repetiu a pergunta anterior. (Em que e como o espaço escolar interfere na sua concepção de felicidade?).

**PESQUISADORA:** Eu falo assim dessa questão prática, também de uma questão de cotidiano já você tá lá, acho que quase todos dias.

**PESQUISADORA:** Como essas felicidades, podemos dizer assim, se constroem nesse espaço?

**DOCENTE G:** Como se constroem né no espaço?

**PESQUISADORA:** Também.

**DOCENTE G:** Bom acho que vai se construir diariamente cada dia um pedacinho, e depende de cada momento, de cada ação. Como é que eu posso explicar melhor?

**PESQUISADORA:** Pra ficar mais fácil. Nas práticas cotidianas, independente de qual o tipo de espaço escolar que você atue. O que te faz feliz? Aquele espaço em si. E quais as práticas?

**DOCENTE G:** O que me faz feliz é justamente isso que eu disse a você, eu conseguir ver, ou melhor, eu conseguir acompanhar o crescimento do meu alunado. Você se sente realizado no momento que você prepara uma aula, você vai todo animado, você dá sua aula e você consegue compreender não só o próprio aluno em se que tem dificuldade, mas como a turma consegue acompanhar o ritmo. Pelo menos pra mim eu acho que seria isso.

**PESQUISADORA:** Então acho que temos na minha interpretação uma igualdade. A felicidade do professor é a felicidade do aluno?

**DOCENTE G:** É.

**PESQUISADORA:** E enquanto docente, a “Docente G” docente, como você percebe a felicidade? Considerando esse contexto de docente. Tanto... Não só não só na escola, mas na sociedade e tudo mais...

**DOCENTE G:** Como eu entendo o contexto de felicidade?

**PESQUISADORA:** Isso.

**DOCENTE G:** Enquanto docente como eu entendo o contexto de felicidade. Meu Deus!

**PESQUISADORA:** Acho que na nossa atualidade é até difícil falar desse tema, né?

**DOCENTE G:** É... E como!

**DOCENTE G:** No caso na minha prática docente, né?

**PESQUISADORA:** Você como docente.

**DOCENTE G:** Se for levar para a prática mesmo em si. Sala de aula... A felicidade está nas pequenas coisas, está nos pequenos gestos, seja do próprio professor, seja do aluno, seja no compreender do conteúdo, seja do conseguir passar o conteúdo, seja do ver o resultado, do acompanhar o crescimento, do se sentir bem mesmo. Acho que é... É. Seria muito a questão da... Relativo. Tá muito ligado com a questão anterior. Do acompanhar o crescimento. Pra mim a maior felicidade é corrigir prova e ver que ninguém ficou em recuperação (risos). Pra mim não existe felicidade maior, por que eu consegui ver depois de avaliados eu percebi que os meus alunos eles compreenderam, uns mais que os outros, lógico. Por que tem sempre algum que vai sentir mais dificuldade em relação a determinado conteúdo. Mas pra mim felicidade mesmo, contexto... Ambiente escolar, tudo mais é isso.

**PESQUISADORA:** E no contexto mais, vamos dizer assim, social?

**DOCENTE G:** Mais social!

**PESQUISADORA:** Sim. Da sociedade. É... Atualmente, né. “Docente G” como professora na sociedade atual.

**DOCENTE G:** Ai meu Deus! “Docente G” como professora na sociedade atual (Risos). “Docente G” não tem vida social (Risos novamente). Como é que eu posso explicar pra você. Acho que falar em felicidade em sociedade vai do você encontrar com um conhecido, um amigo que você não via há muito tempo não tinha o contato na rua, e matar aquela saudade e conversar e rir, trocar experiências, vai do pequeno gesto de você... Sei lá. Como é que eu posso colocar em palavras isso, meu pai? É complicado Amanayara quando a pessoa não tem vida social pra falar no contexto social, é complicado! Por que faz uns três anos que eu saí de casa.

**PESQUISADORA:** Isso é uma questão a ser mencionada e discutida.

**DOCENTE G:** É. E como!

**PESQUISADORA:** Num é? É... Em que essa coisa de não ter a vida social influencia...

**DOCENTE G:** Na felicidade da pessoa.

**PESQUISADORA:** Na sua felicidade. É muito importante isso.

**DOCENTE G:** Pra você ter uma ideia a última vez que eu disse assim: eu saí, eu me diverti, eu ri, eu brinquei, foi no natal. Então já faz o que, três meses que a gente, se reuniu, a gente brincou, a gente conversou, e assim a galera do ônibus. Mas assim, pra eu dizer assim minha galera mesmo que eu já conheço há muito tempo, aquela galera unida, aquela galera que brinca, que brinca, que se reunia todo fim de semana, que ia conversar besteira na praça, e tudo mais. Eu vi no sábado da Festa do Rosário (Risos). Então bote tempo. E... Acredito que seja isso. A felicidade vai do você tá brincando com um amigo, vai tá do você... “Ah meu Deus eu preciso disso, eu preciso disso, eu preciso disso”. E você conseguir lá e comprar mesmo que seja um prazer, uma felicidade passageira que você sabe que depois de um tempo você vai enjoar do celular, você vai enjoar de um determinado calçado, que uma roupa. Vai de tudo. Você pode se sentir feliz ao consumir, ou você pode se sentir feliz ao encontrar com seus amigos e brincar, e se divertir. Quem gosta de beber, beber, quem gosta de comer, comer, quem tomar um sorvete, não sei. Mas realmente para falar desse contexto social da felicidade para mim acho que foi a questão mais difícil até agora.

**PESQUISADORA:** É, essa questão do consumir você já mencionou umas duas vezes.

**DOCENTE G:** Já.

**PESQUISADORA:** É fundamental?

**DOCENTE G:** Na minha vida... Em determinados momentos sim. Não vou dizer que eu não sou uma pessoa consumista. Por que eu sou. Se você chegar pra mim, principalmente se é a questão do (*trecho cortado*). Não sem celular eu nem ligo por que o meu eu só troco quando realmente, quando não tá prestando mesmo. Não tô conseguindo nem fazer mais ligação. Mais a questão do consumir pra mim. Você quer me ver consumir. Ser uma pessoa consumista diga assim: tá tendo uma promoção de livro. Pra mim é a pior coisa que você pode dizer na minha vida, por que eu arranjo dinheiro de onde eu não tenho, mas eu tenho que comprar. Roupa... Eu não sou muito de comprar roupa. Detesto, tenho ódio de comprar roupa, minha vive brigando comigo. Diz que eu preciso tá comprando roupa direto, mas eu não gosto. Calçado muito menos. Se eu pudesse eu só saia de chinela havaiana pra todo quanto é canto. Detesto calçado fechado. Tenho ódio, uso na escola sapatilha por que é obrigado, por que se não fosse eu não usava. Pra mim não. Eletrônico... Bem, tenho computador no meu quarto e tenho o notebook. Acredito

que seja por necessidade. Por que quem estuda, realmente precisa por que se não faz trabalho nenhum de faculdade, de nada. E só. Pronto. Os bens que eu... que eu consumo mesmo. Se você disser assim: tá tendo isso, tá custando tanto eu vou lá e tenho que comprar seja do jeito que for, é livro. Só. Pronto. E comida. Ave Maria! sou louca por... Por comida, falar em comprar comida é comigo mesmo. E besteira, muita besteira, muita, muita, muita, muita, muita, muita, que mainha não escute isso, mas muita besteira.

**PESQUISADORA:** Você acha que existem mudanças nas ideias sobre a felicidade dentro do espaço escolar ao longo do seu tempo de atuação?

**DOCENTE G:** Ao logo do meu tempo de atuação.

**PESQUISADORA:** De atuação.

**DOCENTE G:** Tenho cinco anos de atuação em sala de aula. Não comecei como professora não. Comecei... A escola que eu trabalho é escola de educação infantil. Eu comecei como auxiliar de turma do segundo ano do ensino fundamental um (I). Comecei como auxiliar, depois de um tempo foi que eu fui adquirindo experiência e tudo mais e hoje eu sou titular. Mas assim, em relação a questão de mudança de felicidade... Conceito de felicidade do que era a cinco anos atrás pra hoje eu acho que não mudou muito não. Não, não mudou. É o mesmo.

**PESQUISADORA:** Aí no caso é você fala individualmente.

**DOCENTE G::** Hunrrun.

**PESQUISADORA:** E... Assim não só na sua experiência individual, mas o que você vê lá dentro, que você acha, será que existem mudanças?

**DOCENTE G:** Aí é como eu disse a você. É uma questão muito subjetiva. Por que eu não tenho contato com toda, a... Como é que eu posso dizer. Toda a equipe que trabalha em sala de aula. Algumas já saíram, umas já chegaram. Então não é a mesma equipe desde que eu cheguei não, já teve algumas mudanças. Mas as pessoas com quem eu mais tenho contato, acho que a questão delas é a mesma que a minha pelo menos nos meus momentos de compartilhamento. Sabe. O planejamento, que a gente vai conversar e tudo mais. Acho que é a... É muito, muito parecido mesmo. Nós possuímos as mesmas preocupações com os mesmos alunos. Vibramos quando eles conseguem, e lamentamos quando também não. Então acho que é uma questão muito, muito parecida mesmo. Pelo menos a... a equipe com quem eu tenho mais contato.

**PESQUISADORA:** Eu acho que é isso “docente G”. Obrigada!

**DOCENTE G:** Por nada. Desculpe se não tiver conseguido responder do jeito que você esperava, mas eu disse a Thiago, Thiago...

**ANEXOS**

UFCG - CENTRO DE  
FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES - CAMPUS DE



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** REPRESENTAÇÕES DOCENTES SOBRE A FELICIDADE (POMBAL-PB DE 1980 AOS DIAS ATUAIS)

**Pesquisador:** VALTER FERREIRA RODRIGUES

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 87551518.5.0000.5575

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.606.468

**Apresentação do Projeto:**

O trabalho intitulado REPRESENTAÇÕES DOCENTES SOBRE A FELICIDADE (POMBAL-PB DE 1980 AOS DIAS ATUAIS) consiste em uma investigação pautada na História Oral que, segundo o proponente do trabalho, consiste na realização de entrevistas semi-estruturadas com oito professores que vivenciaram fatos e experiências que ocorreram e/ou ainda ocorrem na sua vivência. Para tanto, os investigadores convidarão professores que ministram diferentes disciplinas, contemplando diversas áreas do conhecimento, por considerarem que o assunto em tela perpassa a vivência de todos os docentes. Estas informações serão associadas aos estudos bibliográficos da História Cultural a fim de compreender o processo de construção e reconstrução do conceito de felicidade.

**Objetivo da Pesquisa:**

Como objetivo Primário os pesquisadores delimitaram "Analisar como e em quais condições é elaborado e representado o conceito de felicidade do ponto de vista de docentes (1980 aos dias atuais). E, como objetivos secundários, foram elencados:

- Problematizar, por meio das entrevistas cedidas por professores da cidade de Pombal - PB, como tais sujeitos percebem o conceito de felicidade.
- Analisar a partir dessas falas como as condições culturais, políticas e econômicas podem

**Endereço:** Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

**Bairro:** Casas Populares

**CEP:** 58.900-000

**UF:** PB **Município:** CAJAZEIRAS

**Telefone:** (83)3532-2075

**E-mail:** cep@cfp.ufcg.edu.br

UFCG - CENTRO DE  
FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES - CAMPUS DE



Continuação do Parecer: 2.606.468

interferir na representação de felicidade, sendo assim considerada uma sensibilidade histórica.

- Relacionar a profissão docente como um fator preponderante nessa representação de felicidade.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Os pesquisadores apresentam como riscos: os riscos envolvidos com sua participação são: possíveis constrangimentos com as questões feitas durante as entrevistas e algum efeito emocional indesejado devido às lembranças necessárias para responder as perguntas.

**Benefícios:**

Os investigadores apresentaram os benefícios da pesquisa que serão: ampliar a discussão no campo historiográfico sobre as concepções relacionadas à construção do conceito de felicidade tendo em vista que a temática está presente no cotidiano dos seres humanos e relacionar o tema com as representações dos docentes em uma perspectiva historiográfica.

Apesar de não ser apresentada nenhuma forma de intervenção ante os riscos apresentados nas informações básicas do projeto, o TCLE esclarece ao voluntário da pesquisa que a sua participação é voluntária e que a retirada do consentimento/participação poderá ser feita a qualquer momento, sem causar prejuízos ao pesquisado.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é relevante, tanto na perspectiva metodológica (ao associar estratégias relacionadas à História Oral e à História cultural, relacionando dados teóricos e aqueles oriundos das experiências cotidianas de um determinado grupo, fazendo-os refletir sobre um sentimento que se conecta à diferentes atividades humanas: a felicidade. Tratar a temática associada ao exercício da docência e em função desta, é importante para que possamos refletir sobre as ações enquanto professores e proporcionar atividades que desenvolvam este sentimento nas práticas educacionais.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os pesquisadores apresentaram os seguintes termos de apresentação obrigatória, redigidos e assinados corretamente.

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n  
Bairro: Casas Populares CEP: 58.900-000  
UF: PB Município: CAJAZEIRAS  
Telefone: (83)3532-2075 E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

**UFCG - CENTRO DE  
FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES - CAMPUS DE**



Continuação do Parecer: 2.606.468

- Folha de Rosto;
- Termo de Compromisso do Pesquisador;
- Termo de anuência;
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- Instrumento de Coleta dos Dados;
- Projeto completo (detalhado);
- Cronograma do projeto compatível com data de submissão ao CEP;
- Orçamento (nas informações básicas do projeto).

Contudo, necessitam acrescentar a declaração de Divulgação dos Resultados: Garantia pelo pesquisador de encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos autores.

**Recomendações:**

- Apresentar as formas de intervenção em face dos riscos de constrangimento apresentados na versão básica do projeto.

- Anexar: Declaração de Divulgação dos Resultados: Garantia pelo pesquisador de encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos autores. O termo encontra-se na página da do CEP/CFP/UFCG.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto foi enviado com cronograma e orçamento que permitam a sua execução, constando todos os termos necessários para a sua aprovação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1086598.pdf	12/04/2018 11:43:20		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_compromisso_pesquisadores.pdf	12/04/2018 11:42:39	VALTER FERREIRA RODRIGUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Felicidade_TCC_Historia_Amanayara_atualizado_cronograma.pdf	12/04/2018 11:31:16	VALTER FERREIRA RODRIGUES	Aceito

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n  
 Bairro: Casas Populares CEP: 58.900-000  
 UF: PB Município: CAJAZEIRAS  
 Telefone: (83)3532-2075 E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

UFCG - CENTRO DE  
FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES - CAMPUS DE



Continuação do Parecer: 2.606.468

Cronograma	CRONOGRAMA_TCC_atualizado.pdf	28/03/2018 20:32:10	VALTER FERREIRA RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_anuencia_atualizado.pdf	28/03/2018 20:31:38	VALTER FERREIRA RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_atualizado.pdf	28/03/2018 20:30:22	VALTER FERREIRA RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	09/03/2018 11:25:54	VALTER FERREIRA RODRIGUES	Aceito
Brochura Pesquisa	questionario_entrevistas.pdf	08/03/2018 20:27:35	VALTER FERREIRA RODRIGUES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAJAZEIRAS, 18 de Abril de 2018

Assinado por:

Paulo Roberto de Medeiros  
(Coordenador)

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br